

Victor Mota

Biaxar o Céu

BaixAr

o

Céu

Precisava o céu de ser baixado?

Teria isso a ver com alguma forma de justiça?

1.

Muitas mulheres fazem depender do seu corpo o acesso à cultura, ao poder, o que é a mesma coisa, não há entrelaçamento nenhum de aspectos afectivos? Muitas fazem depender da genuinidade de sentimentos uma forma particular de exigência de um condicionamento de relações domésticas que proporcionam estabilidade senti-mental para exercerem poder, alguma forma de dominação. O homem é parvo. Admira o corpo da mulher mas não admira a sua mente, por isso a mulher está tão burra e finalmente também, politicamente, a acordar para novas formas de poder, de usar manipuladamente a relação entre corpo e mente, entre homem e mulher, dos sexos entre si e *per se*. É certo que a mulher só é possuída quando vê que o homem está enganado, quando é burro, quando está, de certa maneira possesso por ela, assumindo a figura de soldado. O dilema do homem de hoje e também da mulher é

que hesita entre a reflexão e a acção, não percebendo, nem sequer suspeitando que, antes de mais por via da filosofia, não há diferença nenhuma entre uma coisa e outra. Isto equivale a considerar a filosofia como uma ciência, uma arte, eminentemente teórica, que ajuda os práticos a reflectir, a vencer, mas que não recebe dinheiro. Recebe, muito dinheiro, de facto. Antes demais, aqueles que ganham com a filosofia são aqueles que sempre fizeram filosofia e sabem que tal lhes dá êxtase onírico, revirando os olhos sem droga e lhes dá, obviamente, um poder que é mais do que simbólico, pois a maior parte dos filósofos frequenta meios de poder. Dá-lhes um gozo particular, como aos antropólogos, mais, muito mais do que como aos sociólogos, conviverem com o poder. Questão de classe, obviamente, porque, de certo modo, o escritor passeia-se pela tarde e apenas quer estar inspirado. Mas muitos convivem nos mais diversos feios fazendo-se de antropólogos e muitos passeiam-se enquanto escritores quando em termos de classe, de associação, de licenciamento, são antropólogos e sociólogos. O sociólogo gosta de literatura e efectividade, de progresso, o antropólogo gosta de viajar, ser surpreendido pela natureza humana vorazmente e perder com isso, é a perda que faz do antropólogo o que ele é, nada mais do que um homem entre homens, um semelhante, sem as parangonas falsas e artificiais do teólogo, sempre baseado

no mesmo (quando há muitos mais “bastantemente” inspirados, de todos os lados da terra, dos tempos) sem o interesse e o comprometimento do sociólogo, sem a necessidade de afirmação do escritor, do pintor, como que tendo a sua vida e existência para se vingar do mundo. Sim, o antropólogo pretende vingar o próprio mundo e fazer dele um fenómeno, revelar o escondido, trazer o detrás para a frente, gerar movimento onde o não há, provocar qualquer coisa, salvar alguém, como se o poder curativo e transcendental fosse originário da própria terra e de uma especial forma de animismo. Sim, o título desta obra já foi usado há alguns meses por um teólogo, reconheço isso, mas também sei ver que, mesmo enquanto autor, ele foi buscar o título a outro lugar, talvez a um desses padres americanos que acertam em tudo e dizem tudo bem, não são como os nossos, que deixam o povo respirar, divertir-se, beber uns copos, no fundo eles andam a arranjar de pôr um americano ou canadiano como Papa. Bem, já lá está um, do Sul, coisa que se pode achar mais “suja”. Na verdade, enquanto não se resolver o caso do celibato dos padres católicos e das monjas que querem ser padres, a coisa não vai lá. Nem vai lá tão cedo, porque o problema é outro, é civilizacional, pois tem a ver com diferentes formas de pensar e talvez de agir. Tendemos, na Europa católica e ter virtudes públicas e vícios privados, talvez porque sejamos mesmo assim e a

ideia não muda facilmente, de uma década para outra. Creio que, em liberalidade, este Papa há muito que teria dado a opção do matrimónio para os sacerdotes católicos, alguns deles assumidamente marxistas e do ponto de vista da intervenção pública-política, comunistas. E aí está o busílis, uma certa bipolaridade neste tema: ou se é de esquerda ou de direita, é assim que está organizada a sociedade, organizada a mente do católico. Mas há padres, aqui em Portugal, que casa (não por muito tempo) e que assumem filhos, sua educação, por aí em diante. Há muito a ideia de que o padre é um chochinhas, pedófilo, mau educador, uma espécie de espírito comunitário-peregrino que tanto faz muita falta como nenhuma, que se respeita e admira na sua presença e que é um alívio ter pelas costas, no fundo porque todo o homem não gosta que outro, ou outra, lhe diga o que há-de fazer da sua vida. Estará Deus em crise? Irromperão inúmeros novos deuses nesta Babilónia do consumo? Nos EUA, o padre aparece para temas muito específicos, a morte, falo essencialmente de um conhecimento que tenho em termos de cinema, o casamento, o exorcismo, para dar dois ou três exemplos. De algum modo, o padre vem ao mesmo tempo do passado como vem do futuro, ele raramente incarna o presente, ele surge sempre depois de qualquer acontecimento, feliz ou traumático, se exceptuarmos o casamento. Ele é, de certo modo, uma cisão

no tempo ou, noutro sentido, o Tempo ele mesmo, ultimamente, um seu Representante, no mínimo. Portanto, o que há que discutir será também a questão do celibato, ou seja, o uso do erotismo e das energias sexuais, a vontade de fumar, de estar descontraído, porque me parece que muita gente anda tensa e adquire depressões ou lhe são diagnosticadas doenças crónicas da mente de vido a questões que têm a ver com o conhecimento do corpo, a sexualidade em geral, a afectividade e tal tem certamente a ver não só com uma herança genética (nem todas são propensos), mas com uma herança “social” (a diatribe) e, em último, com uma herança cultural. É o tema da “honra” e “vergonha” que traça o Sul da Europa.

2.

Finalmente, descobri que tenho qualidades demi-únicas, talvez demiúrgicas e isso afecta-me tremendamente o coração, porque não fumo assim tanto, fumo mesmo pouco.

Continuando, procuro desviar-me de mim mesmo e das minhas coisas mais ou menos senti-mentais e tentar perceber como se fará essa coisa, esse empreendimento, de baixar o céu, como , tendo ido *Além do Pensamento*, se pode captar, do lado de lá, uma forma de felicidade que nos sirva a todos e, de uma duas coisas, trazer como mensageiro, uma mensagem útil, ou fazer essa mesma obra de engenharia mística que seria, literalmente, baixar o céu, ou seja, se todas as pessoas dizem que querem o céu, se todas ou quase todas as pessoas procuram ou querem ir para o céu, trazer para cá, para o lado de cá da vida, as coisas e os sentimentos bons para que este mundo ande, de alguma maneira, melhor do que anda. Não quero (em tempos foi minha intenção) escrever um tratado de religião, de teologia, mesmo sobre a natureza humana... Lentamente, as coisas, devo dizer, começavam a melhorar para mim: não de saía a ideia da América, com ou sem New School, a perspectiva de um emprego, ainda que temporário e de ainda almejar viver com uma pessoa (seriva, e videntemente, uma mulher) aumentava a minha confiança e voltara à corrida, bebia um pouco, mas não exagerava, iria começar uma nova frequência do doutoramento (sempre em Filosofia), no intento de concorrer a bolsa para pagar a discussão. Sim, a tese era brilhante, mas não estava rebatida nem lida por alguém importante e eu esforçava-me imenso, mas não me sentia

consado, talvez por maior confiança que tinha em mim mesmo. O meu pai lá andava, as coisas com ela estavam um pouco melhor, não podiam ficar melhores ou piores, isso era pedir demais, bastava que ficasse assim como estavam. Com a minha mãe era simplesmente terrível, não lhe podia dirigir a palavra, parecia que nada a contentava, mas bom, eu até percebia isso, o problema também era eu, mas eu não queria nem podia forçar mais, estava no limite das minhas forças, puxando (n)o limite, tentando baixar o céu das coisas que aconteciam de modo a que não se estragassem. Mas também procrastinava, quando era necessário. Por vezes, naquele espaço de dois meses, tinha arrepios de felicidade, o que nada tinha a ver com sexo, que não fazia há sete meses. Sempre fora pessimista por natureza, nos retratos de criança, ao lado dos meus irmãos, esta sempre sisudo, sim, talvez estivesse aprendendo a ser optimista, ou então era bipolar, com oscilações várias entre e melancolia delirante e a euforia descontrolada. Mas, de alguma modo, isso servia a escrita e a minha reflexão, a minha relação com o mundo.

O rádio passava música actual, a locutora Joana Cruz fazia um blague sobre certa pessoa e fiquei pensando, desde há um tempo, desde a geração do Nilton, que tanto o humor como a rádio, para não dizer a televisão, haviam descido consideravelmente de qualidade, eram mal usado, ou seja,

usados a seu favor, poucas pessoas eram tão profissionais quanto um Álvaro Costa, um Nuno Markl, um Rolo Duarte e mesmo um Rui Unas, para já não falar de um Fernando Alvim. Pois, no comboio encontrara Gedeão e víramos desde o Entroncamento a falar com a sua mulher, uma mulher bastante bem feita para ele mesmo, havia sempre aqueles que andavam de arrasto a mim e me chamavam de advogado só para trocar, mas eu ultrapassava isso sempre com a minha boa atitude. Resineiros. Por outro lado, este livro não podia ser mais uma defesa, tinha de ser alguma forma de explicação de uma vida, da dos outros enquanto entrelaçada na minha, um pouco de obra literária, um pouco de teoria social. Sim, nessa noite, entusiasmado com a vida, resolvi não trabalhar mais neste trabalho vício solitário que é a escrita e decidi ver, como o realizador, um pouco de boxe e muai tai. Deixara por unstempos o caderno de notas azul e passara a deitar um pouco mais no écran preto, que o branco estava em Lisboa, sofria como um cão por não ter mulher, sentia-me perdido mas confiante, como à volta de Cáceres de noite, como no Paúl, em Viseu. No fundo, a felicidade talvez provenha do seguinte conceito, em sentido filosófico: reconhecemos a nossa finitude, um dia vamos acabar por não estar aqui, neste tempo, e a constatação de que podemos fazer coisas úteis, prazerosas e agradáveis antes disso acontecer, portanto é tudo uma questão de matemática, nada

tem de trascendente ou subjectivo, apenas uma coisa de datas, minutos, segundos, o prazer que tiramos a cada momento, não sabendo como iremos acabar. Passava Sade no trabalho e eu adormecia com a cabeça pousada em frente ao pc, no tampo da mesa. Acordo depois a sets, às seis da tarde, irritado mas calmo ao mesmo tempo, a ideia da América não me sai da cabeça, eu próprio sou já um pouco americano, mai-do-que-americano, como eu próprio disse há tempos. Os meus pais foram às compras, o miúdo joga, a pequenita vê televisão. Bebo um copo de leite e continuo a preparar a viagem. A vida tem volktas, tem baixios, vão, não temos sempre de insistir no mesmo nem procurar novidade a todo o custo. Ah! Para escrever também é preciso ter paciência. E interpretar, além do Bem e do Mal, o verdadeiro sentido das coisas que, na maior parte dos casos, não está (dado) na realidade nem em nós, enquanto intérpretes, mas numa certa zona dessa relação.

3.

Sibilinamente, reconheci, ao fundo, no mar, como Robinson Crusoé, na linha do horizonte, uma nova terra a que deu o nome de Speranza e o meu carácter obsessivo terá sido plenamente português, ouvindo Madredeus, no primeiro álbum, lembrando-me de “Silêncio”, de Martin Scorsese e do jogador do Benfica contratado esta época. Sentia que me devia, como sempre, desde sempre, dedicar à filosofia, mas não tinha chão, nem sequer Chão de Maçãs, pelo que nas entrelinhas ia pensando numa ou noutra coisa, mesmo sabendo que o mundo continuaria criticamente a desfilar ante os meus olhos e eu a desfilar aos olhos dele. A voz de Teresa Salgueiro ainda bem fazia estarrecer, da primeira vez que, em Lisboa, ouvira num bar de Lisboa as várias canções, no Bairro Alto. Sim, a vida e a longevidade é daqueles que procuram, daqueles que correm, quando uns e aoutros andam ao seu devido ritmo, uns mais malignos do que outros, a maior parte preocupada não consigo mesma mas com os outros, daí o facto de eu escrever esta obra em grande parte na primeira pessoa, resultante das minhas experiências,

diálogos e formas de concatenações pensamentos no interior do receptáculo que é a minha mente, um motor físico-químico que nunca mais acaba. Clinicamente, eu estava condenado. Estava louco. Ansiava por amplexo e a falta dele deixava-me louco, retesado, estavam estalando na minha memória as reminiscências das obras de Sade e não sabia o que fazer, é claro que não ia violar ninguém, mas mandava bocas, piropos, não muito ousados, um pouco precisos e divertidos, tipo com uma certa brejeirice, como diria o Victor... talvez não me sentisse tão à-vontade para o fazer diante de Danny, talvez porque ele fosse um pouco religioso, talvez porque seu pai partira há não mais de dois meses daquela data, um verão extremamente quente, como nunca se vira, de certo em todo o globo era assim. Vi uma entrevista de Lobo Antunes nesse vi, de facto concordava com ele de que era preciso solidão e orgulho para escrever, para se ser escritor. Entretanto, não fosse pela internet, nenhum convite para nada e coisa nenhuma... Estava cansado, nessa noite, deixei a televisão e procurei encontrar-me com alguma calma, alguma forma de intimidade, de entidade, de identidade. Sorvi o resto do uísqui, sem gelo. Fumava o último cigarro de um dia que já era outro, na madrugada. Os quatro dormiam, talvez profundamente, o meu pai, quase nudo calor, a minha mãe, com a tv ligada, a menina, entre os dois, o rapaz no quarto do fundo com os óculos postos. Pensei nos

antigos amigos do facebook, três ou quatro que retira da lista, tinha bastante pejo quanto a isso, considerava-me amigo de quase toda a gente e lembrava a conversa com Gedeão, no comboio.

De resto, o acto criativo é como um balão que ora se enche ora se esvazia, os dias passaam-se, um pouco dolentes, entre a empatia e a crítica, que já havia de haver nestes tempos de governo de esquerda em pleno calor.

4.

Carlos Finote deixava-se estar em Riachos, farto de asserções antropológicas, enquanto esquecera uma carreira internacional nessa área, arriscava-se na literatura, andando entre ciência exata e e eflúvio arrogante da subjectividade. Sua mulher estava em Luanda havia certo tempo e por lá tinha um *resort* junto àquelas praias paradisíacas. Sua mãe havia arranjado o seu estúdio de trabalho na aldeia, enquanto dali a uns dias regressaria à cidade, um emprego no Ministério da Cultura esperava-o e a continuação de uma obra e de um trabalho exploratório de pesquisa e uma ou duas áreas da filosofia. Ainda era tempo. Ainda era tempo de dar umas aulas descansadamente, atravessar o atlântico, voltar à escrita, ainda que sob penosa vida esta era preferível a outras que imaginava para, para os outros, que os outros tinha e aquela que tinha e que alguns outros invejavam. Gostava de viver numa sociedade onde não há inimigos, mas talvez isso explique o

bom sentido do Mal, de certo modo, só existe o Bem porque existe o Mal e o mundo talvez seja, em sua gente, bipolar. Volto para casa, para a televisão, passa da uma da noite, o miúdo joga como se estivesse na primeira hora da manhã, vai em mais de doze horas ao computador. Tenho de lhe dar uma orientação, eu que sei de Multimédia...

Estaria condenado ao esquecimento, como o meu vizinho. Sr, Ruas? Não podia ser mais evidente, ser mais esforçado. No entanto, nada parecia chegar, esta sociedade (literária e científica) parecia ser ou estar no meio de um Triângulo das Bermudas, que tudo sorve e nada deixa à superfície. Comprei um maço de Camel. Estava fumando menos, as dores na fontes e no interior da cabeça diminuíram, terei evitado vários AVC's com as idas a Riachos e também com o meu temperamento que, à partida, talvez seja obsessivo mas que é bastante adaptativo e a certo ponto deixo de me preocupar demasiado com os problemas. Sim, de certo modo estava farto de fugir de mim mesmo, por vezes pensava que devia ficar por cá e nada tentar fora do país, por um lado tinha boa imagem, por outro não, é assim, como a moeda, há sempre o reverso das coisas, metálicas ou não. E nesse dia dei descanso ao corpo e ao espírito. Naquele dia, não sabia mais o que pensar, mas o meu con-senti-mento continuava a laborar, os meus pais estavam a ver as Maravilhas de

Portugal, com Catarina Furtado e o José Carlos Malato, tinha pena de não estar numa noite animada, numa Kyay, por exemplo, mas Manu dissera-me pelo telefone que estava “preguiçoso”, de modo que teria de ter alguma calma, tinha grande vontade de um amplexo, fui ao café da aldeia e acabei por beber a bica, dizer duas ou três coisas, fumar um cigarro e regressar a casa. Era tempo, então, de preparar a candidatura à bolsa da Universidade de Lisboa e mais uma à FLAD, ou Fulbright, não sabia bem ao certo, enquanto a minha irmã já se tinha ido embora com o marido e a pequenita. O FC do Porto jogava, no café havia um rapaz equipado, munido do calendário das equipas do campeonato, que ia na terceira jornada. A pouco e pouco, ia gostando cada vez mais da minha vida, de viver e ainda que fosse aos Estados Unidos seria certamente para bem desta terra. Os vizinhos estavam ausentes há alguns dias, mesmo os recentes, dos primeiros dizia o meu pai que havia o rapaz morto um homem numa povoação próxima e estaria na prisão. Dos segundos também ninguém sabia, haviam reebentado a casa por dentro e feito imensa feira mas ainda não havia chegado. Tinha uma certa pensa de ir para Lisboa, no fundo, para mim, estava a ajudar a minha irmã, dizendo uma ou outra coisa aos miúdos, não é que eles precisassem, mas também estava do lado dos velhotes, não é que eles precisassem, com 76 ainda estavam activos, móveis e

lúcidos. Não era fácil com o meu pai. Ele não cedia em aspecto nenhum, apenas deixara de falar, remetendo-se ao silêncio enquanto estava a maior parte do tempo deitado em frente da televisão. Ele pouco se importava com o que eu fazia, com o mérito que podia ter e tinha, obviamente, algum mérito, estava, tanto em Lisboa como em Riachos, no meio de gente inculta, eram cada vez mais raras e sem interesse as conversas com Danny, Manu não tinha sempre a mesma disposição e tinha as coisas dele a fazer, ainda que fosse boa companhia. O meu pai era do género estarmos a falar de determinado assunto e pôr-se a dar peidos, sempre fora um sujeito irascível, que não se podia contrariar, mas de resto, não estranho, o meu cunhado era, em muitos temas, igual a ele. Por muita entrega que eu tivesse, interesse, boa-vontade que forjava dentro de mim mesmo, nada parecia chegar, como se tivesse fora de sintonia, a minha mãe ultimamente travava-me tudo e mais alguma coisa que fizesse. Estaria pagando, em Riachos e em Lisboa, o preço por ser antropólogo? Um preço que nem sequer a mulher me dava “direito”, enquanto, de uma maneira ou outra, me tornava uma pessoa re-conhecida...mas ainda com vários objectivos a atingir, por isso refugiava-me em Lisboa, não tarda em mais escrita, em mais estudo, com orgulho, solidão e paciência... Essencialmente, grande parte dos media, em Portugal, raramente serviam para formar, a maior parte das

estações de rádio dava ou música ou desporto, as tv's eram máquinas domesticadas de entretenimento, tema a que não faltavam as notícias, incluindo A CMTV que ensaiava uma fenomenologia do crime da tragédia sem que o espectador realmente se apercebesse, pois era enredado na trama e no acontecimento sob um ponto de vista mórbido-legal. Essencialmente, concluía naqueles dias, o que nos faz felizes não é o facto de estarmos felizes, mas depararmos com a circunstância do reconhecimento de que, de uma maneira ou de outra, a nossa vida tinha de ser assim, isto é, tinha de se desenrolar dessa maneira como se desenrolou, com tudo o que nela implicou e se implicou. E ainda que a felicidade tem muito de individual e, logo, nesse sentido, americano, é qualquer coisa, é um sentimento, que tem a ver com a nossa realização no meio social, que adquirimos ou herdámos, nos termos da realização profissional, emocional. Ou seja, talvez o que o escritor tente fazer, de uma maneira ou de outra, seja, através das histórias e das palavras, das descrições, encontrar uma definição de felicidade, que se aproxima de algum sentido filosófico, estampando no écran em branco situações, circunstâncias, ilustrações, da felicidade, seja a felicidade em família, seja no desporto, seja a dois ou a quantos mais. Assim, comecei de novo a ler umas obras de filosofia que ainda tinha em meu poder, essencialmente “Margens da

Filosofia”, de Derrida, que deixara apenas no início em 2014, sabia que estava numa espécie de ilhéu do pensamento onde vários mergulhadores faziam saltos altamente profissionais e que tinha apenas eu como habitante, podendo por lá fazer as minhas necessidades, precisando apenas de uma mulher para povoar o âmbito, não seria certamente como Crusoé, que precisava de leis e de Sexta-Feira, e de um cãozinho, tanto quanto me lembro. De facto, não conseguia dormir, a minha mente não estava embrenhada em questões puramente filosóficas, mas eu sabia por dentro que era filósofo, tanto quanto antropólogo, obviamente, uma coisa de ser e de lutar para ser, diágnos. Sim, estava no espaço onde iria passar o Inverno com a salamandra acesa, provavelmente só, lendo até às tantas e com os meus pais ao lado de mim, ainda vivos, ainda que mal-dispostos não tinha ainda Parkinson ou Alzheimer e isso era infinitamente consolador, mesmo pensando que Poulain estaria já numa casa pra malucos, pois apagara a sua página do facebook, como o fizerá há mais tempo Agnès e Thombie, duas mulheres que conheceram, uma online, filósofa na privada e outra licenciada que resolvera dedicar-se a eventos e que era da zona de Santarém. Muito amara aquela mulher! Um dia, numa viagem até à praia, depois de uma certa conversa, destapara-lhe o seu e lambeu-o. Fora a nossa única cena íntima. Nunca mais nos vimos, procurei-a online, mas ela

não apareceu em lado nenhuma. E lembrava-me, desde que estivera com Poulain, há sete meses, nunca mais havia tocado em nenhuma; era como que uma tortura intimamente consentida a mim próprio, não percebia, em certa media, como podia ser tão impositivo comigo mesmo, ao ponto do quase sentimento masoch, pensava, “vou às prostitutas” e tudo se resolve. Mas não resolvia, obviamente, nem sequer com um mero despejo nas cuecas durante a noite...coisa que já não acontecia. Mas não me sentia mal, em termos sociais, a privação como que me inseria no ambiente e dava-me o ar de respeitabilidade de um padre. Era tempo de ir à América, nem eu próprio sabia o que ia lá fazer, podia arranjar sarilhos sérios ou mesmo arranjar maneira de me darem um tiro na cabeça, como dizia o meu pai. Não me esquecia: orgulho, paciência e solidão. Quase não tinha amigos, mas eles podiam irromper de um momento para outro, salvando-me. Fui fazer um café à casa principal. Sim, sentia-me só, no meio da entrada da noite, o casal do que fora a casa da Dona Palmira e do Senhor Silva tinha regressado, oxalá tomassem rumo, tinham um pequeno para criar, ou então vieram buscar as coisas, não sei bem, mas como haviam comprado o apartamento, talvez ficassem...e eu sentia-me um pouco, naquele canto da aldeia, um homem com algum respeito, coisa que nunca almejei ter ou ser, sempre levei a vida pelos apetites, pelo mais fácil, a maior parte do

tempo ocioso e descontrolado, talvez por isso nenhuma se fixara em mim, essencialmente por não ter grandes perspectivas profissionais ou elas estarem direccionadas para um América, para uma Inglaterra, para um sentimento de cosmopolitismo que pouco ou nada tinha a ver com a maior parte das coisas e pessoas que passavam por Portugal. Depois, nesses dias em Riachos, adiando o meu futuro sócio-profissional, descobri que a filosofia, pensar e falar filosoficamente, não só dava vida aos meus pais, como lhes prolongava a existência. Eu sentia isso, sentia estar ligado a eles e talvez fosse esse sentimento que me estaria a salvar para qualquer coisa de mais importante que nada tinha a ver com a tese, a escrita, não sabia bem...

5.

Sim, ainda pensava em Brígida, via-a quase todos os dias, lá em cima, no café, desde que fosse depois das oito. Tinha um corpo perfeito, era viva, simpática e até tinha

bastante sabedoria, era uma mulher e pêras, perfeita, o homem que estava com ela era um felizardo, a todos os títulos. E, com isto ou com a imagem dela, fui tentar dormir, não esquecendo que a minha imagem social seria sempre distinta do que eu era realmente e estava tentando consertar esse desfasamento. Sim, por vezes não me apetecia escrever, umas vezes forçava, forjando um falso conceito filosófico de cientificidade, outras vezes estava dias e dias sem escrever nada e dessa forma estava vivendo, aprendendo a vida, aprendendo a viver, talvez confinado à aldeia, mas eu nunca me cansara demasiado dos sítios, das mulheres, dos espaços, arranjava sempre uma forma de ver o lado positivo das coisas, isso poderia parecer ofensivo ou leviano, desde já ao meu cunhado, mas eu persistia de alguma forma em certas e determinadas coisas, ainda que sem mulher para a diatribe e afinal, as palavras eram apenas o lado visível dos meus pensamentos, dos pensamentos que não eram meus, sendo eu também de certa forma, apenas, um canal, um meio, das vozes dos outros através da minha. Assim, tentava fazer passar pela friesta do tempo a vontade dos outros de acertar, de persistir, de eliminar muita coisa que se colocava em excesso nas nossas vidas. Ansiava muito por uma companhia na minha vida, não sabia quanto tempo estaria ainda em Riachos, esperava por um movimento de Manu, que me levaria de novo à capital e àquela vida

preenchida que talvez nem sequer fosse comparável ao vazio em que me encontrava na aldeia. Um e outra cheia de vazio e vazia do cheio em cheio...

6.

De certo modo, a literatura não joga bem com depressão e doenças psíquicas, porque o escritor procura sempre, mais que “levantar o céu”, mas “baixar o céu”. É esse o conceito filosófico que proponho, ou seja, em vez de adiar o céu, levantá-lo sucessivamente à medida que fazemos todas as tropelias e à-vontades na terra, proponho baixar todas as coisas boas que o céu tem para a terra, para que os terrenos possam ser felizes, ou seja, o escritor fala sempre acerca do aspecto feliz da vida, talvez sendo um taumaturgo, um psicólogo social que faz as pessoas viver com menos peso, com menos dor, menos melancolia e sofrimento. Mas a depressão também é essencialmente literária, nesse vão da vida, o sujeito é sempre ser-para, nessa atitude disposicional para com o mundo que é uma espécie de vertigem de si mesmo, um *dasein*, como se estivesse a verter sempre o ser (que tem) de si. Sim, em termos de teoria da hermenêutica social, nos termos de uma psiquiatria social, os sujeitos, actores ou não em termos da assumpção das suas tarefas e actividades, vendo ou não felicidade nisso, pois que muitos viam mais felicidade na contemplação do que na acção, podemos ver dois claros movimentos, ou seja, um momento de *retenção* (do humor, antes de mais) e, depois, em termos de elasticidade, um momento de *drenagem* (dos sentimentos e das energias), sendo que o psíquico é eminentemente social, não há uma

zona escura entre nós e os outros essencialmente porque há memória, antes de mais social. Enquanto uns tentam imitar Cristo, um homem que apareceu há cerca de dois mil anos numa sociedade conturbada, vinda de um êxodo de África, outros levam a sua vida à margem disso, pensando por si próprio, alguns fundando religiões, alguns não querendo saber da religião para coisa nenhuma.

7.

Nisto tudo, os miúdos continuavam, como outros, agarrados ao computador e ao tablete como se tivesse hipnotizados pelo futuro, como se ele tivesse já acontecido ante seus olhos, de certo modo teriam assim conseguido congelar o tempo. Enquanto uns escreviam, outros agiam, enquanto uns viviam outros morriam, todas as críticas escondem um bom sentido, Há críticas que ferem e há críticas que nos ajudam a sermos melhores. Neste país, heróico e muitas vezes esquecido, a raça humana persistia do modo mais insuspeito. Pouca gente sabia disso, talvez apenas os turistas... A maior parte do tempo tínhamos de refrear os intintos, ter cabeça, isso não era fácil nem sequer muito simpático, enquanto outros se deixavam simplesmente levar pela onda, não se sabendo bem ao certo quem tinha mais razão... De resto, eu tinha tudo no rosto, à vista de tudo, tanto podia ser o homem mais bonito do mundo como o mais feio, o meu brilhantismo era dissimulado, mas ainda bem, isso permitia-me continuar a produzir, já pouca gente ligava à escrita e à literatura, a civilização era inautenticamente audiovisual. Sim, sempre fora um tipo, mais do que muito castigado, bastante esquecido, mas isso só jogava a meu favor, pois não tinha pressa de ir aqui ou além, nem tinha pressa de ser feliz, sabia que todas essas coisas sobrevêm com o tempo ao mesmo tempo que o era de um momento para o outro, num momento ou noutro.

O mais irónico de tudo isto é que ainda estava a meio da vida. As derrotas, as recusas, davam-me força, enquanto me ocupava das mais diversas coisas. Persistia em coisas simples, para muitos simplórias, quando tinha um arsenal de coisas notáveis atingidas. Mas eu era mesmo assim, não me vangloriava da minha genialidade. Ainda assim, nem uma mulher, fosse em Lisboa, fosse em Riachos. No site de encontros, diversas tipas haviam recusado falar comigo, logo que havia visto a minha foto. Eu, não só devido ao cabelo, podia ser o mais feito, o mais estranho, mas também, noutra altura, o mais bonito da planeta. Depois de uma semana inteira, voltei a escrever, quando via um Gonçalo M. Tavares vencer o Prémio Literário Virgílio Ferreira, mas tudo bem, eu escolhera fugir aos compadrios e não vencer por aqui, mas usufruir daqui e saltar para outro lugar. Se tomarmos em consideração a minha saúde mental, eu estava me aguentando bastante bem, escrevera os livros que escrevera depois de tanto sofrimento, depois de tanto internamento e esquecimento, ao fim e ao cabo. O quotidiano é o maior desafio para o escritor, sobretudo se for filósofo. Muitos, na sua parvaceira, nunca esboçaram em cobardia, uma recusa, contudo são cobardes toda uma vida. A inspiração nem sempre vem, comigo não tem sido problema,

au-delá de apoios, mais ou menos institucionais. Tudo o que eu ganhei com a antropologia e filosofia foram problemas familiares, na aldeia onde vivi a minha infância, em muitos círculos sou mal-amado, noutros para sempre esquecido, mas prossigo a minha caminhada, podia estar bem longe, na América, pois (quase) sempre acreditei que o meu talento um dia me levará lá. Não preciso de apoio da FLAD ou da Fulbright, facilmente iria a Paris e por lá faria sucesso, mesmo em Espanha o faria. Então porque não faço em Portugal? Talvez porque já tenha feito, talvez porque o grosso da minha matéria esteja já abundantemente explanado. Continuo a dizer, uma nação que iniciou a globalização não sabe lidar (agora) com os seus problemas existenciais, tem vencido em diversos capítulos, há-de vencer ainda mais, no desporto, na cultura, mas no domínio principal, no do pensamento, nunca se poderá equiparar a uma França, a uma Alemanha, o mesmo sucede com os EUA ou a Inglaterra, pois estes últimos países têm uma forte baixa auto-estima, precisam de provar tudo e mais alguma coisa, vivem da **praxis**, são povos que essencialmente vivem da saudade, nunca tiveram uma história digna desse nome. Sim, porque a história mora a sul, inclusive em África, nunca a norte, a norte mora a revolta e a selvajaria, as nações que tudo calculam na vida, inclusive na vida social, eis o diferencial entre Brasil e Noruega, por exemplo, povos

demasiado ordeiros, organizados, correctos, perfeitos, nunca podem ter grandes feitos, por exemplo desportivos, como a América tem, antes de mais por seu um grande país a vários títulos. Por exemplo, a sede do Prémio Nobel é na Noruega, quando devia ser na África do Sul, na cidade do Cabo, por exemplo. Portanto, antropologia e filosofia nunca se poderão entender, talvez eu mesmo tenha acreditado no impossível e tenha esquecido a sociologia, que teria estado de permeio. Mas o propósito da antropologia aproxima-se mais da sociologia, quando a filosofia se aproxima mais da psicologia. Há, de permeio, a psicologia social, mas a filosofia não sabe o que procura e isso é bom, o seu propósito não é seduzir, nem estranhar, como o é o da antropologia, conquistar pela compreensão, seduzir... Talvez, por ser antropólogo, estivesse agarrado a certas coisas, talvez mais importantes do que a literatura, se formos a ver a antropologia enquanto ciência e não enquanto arte, coisa que é a literatura e não as outras artes. Percebi que o homem enfrente hoje dilemas bem maiores do que antes e isso é algo trágico, mas pode vir a ser bastante cómico, pois se o homem tem consciência do seu fim, tem também consciência do seu tempo, do que há-de fazer e da circunscrição do seu tempo. Sim, preferia falar e conversar, deitar para fora, do que guardar, ainda que no Metro (procurasse uma eterna amante). Não desistira da

Lisboa moura e cristã, ao mesmo tempo, *au-delà* de uma qualquer aventura parisiense, pois sabia que, como a parisiense podia dormir sossegado na minha cama em Moscavida, quem sabe acompanhado por uma raça qualquer. Talvez estivesse, em termos mínimos, trilhando um qualquer caminho como Chatwin ou Le-Clézio. Talvez, talvez estivesse perto de qualquer coisa e teimasse em inventar desculpas. Talvez tudo na vida fosse uma questão de percepção. Não fora ao funeral do pai de Nanny, talvez tivesse tido medo, tivesse desistido de ir a funerais, mesmo ao meu, se fosse cremado, por exemplo. Voltara a encontrar-me com Manu e desabafara com ele certas coisas acerca do relacionamento com o meu pai. Tinha noção de estar num nicho que quase ninguém visitava, a escrita, a minha escrita, com qualidades e defeitos, mas não me vou queixar, ainda que não sentia grandes apoio e até certo ponto era um pouco forçada. Estava grato por cada dia que passava, por cada dia que aparecia no horizonte dos meus dias, cada vez sabendo mais, cada vez sabendo menos. Ganhar o gosto de viver há uns tempos e não desistiria dessa aquisição. Não percebia, ainda, como podia estar tanto tempo sem conhecer alguém. Isto desafiava as crenças nas energias cósmicas e espirituais do encontro entre duas almas e pensava em Danny, fugia de qualquer coisa tal como negava a amizade com um amigo de infância, duvidando dele muitas vezes,

talvez estivesse errado quanto aos meus sentimentos. Nessa noite, enquanto o miúdo jogava, só me apetecia deitar e adormecer, sonhando com uma miúda que me pudesse resgatar. Sim, estava numa sociedade arregimentada para burocratas licenciados em direito, essa mania de Coimbra e da Faculdade de Direito não saíria tão cedo da cultura portuguesa, sim, estava no fim do mundo e apenas um dia, mais um dia, me separava da capital deste desgoverno e tontice, por um lado via qualidades no ser português, mas muitos, muitos defeitos, face à minha formação e ao meu sentimento. De algum modo, o que se passara com esta raça é que tinham perdido a noção do conceito de vizinhança. Todos e qualquer um se julgavam especialistas de alguma coisa, donos de alguma coisa e não viam bondade que não fosse encenada numa qualquer novela das nove. No meu canto, as coisas degradavam-se, os meus pais envelheciam, os pais dos meus vizinhos, em Riachos, envelheciam também, não se sabendo quando estavam rindo ora por maldade ora por um sentimento qualquer de impunidade de costumes. Um, que tinha trabalhado com os padres, pensava que a sua filha, ou filhas, eram as maiores do burgos, só porque tinham passado pela Sorbonne, sendo as duas professoras de francês em Portugal, coisa que evidentemente era bem difícil de conseguir. O outro do lado havia construído uma casa e agora, estava vazia, nem os dois filhos lá moravam,

acantonavam-se no interior da dos velhotes, que estavam a morrer e diziam mal uns dos outros, dos que estavam fora, como na Caverna. Um que finalmente conseguira entrar em direito, talvez endireitasse a família comprando um saco de batatas, terra de conservação em que só se conservava a podridão, o fazer, o falar, que mesmo assim era mau e maledicente, bastante pouco altruísta, mas enfim, quem menos tem talvez saiba dar mais valor à vida, porque quem tem (o quê?) perde todo o seu tempo ocupado com os outros ou com maneiras de conseguir mais e assim chegam a lado nenhum. Mau ambiente, isto era nada mais nada menos que mau ambiente e pessoas loucas, ou má, o que era bem pior e quando viam um tipo a subir não elogiavam, troçavam e procuravam deitar abaixo. Mas comigo não iriam conseguir. Sim, podia ter ficado por Lisboa, ao menos por lá tinha perspectivas abertas, por cá nada acontecia, as noites eram escuras e nada aconteciam, as pessoas eram tristemente simples, vangloriando-se por coisas que, face a uma antropologia, não tinham nada a ver, não tinham sentido algum. Sim, apesar de tudo, não condenava as pessoas em geral, afinal a tristeza e melancolia dos lugares talvez lhes escape, talvez as pessoas não sejam assim tão culpadas dos seus males, culpado será Deus e o Diabo e certos homens que não se sabem projetar em Deus e panicam facilmente. Afinal de contas, o verdadeiro autor só se interessa pela

sua história, faz dela a história de toda a gente e talvez a literatura se devesse inverter nesse sentido, ou seja, em Riachos, para fechar um certo capítulo, talvez as pessoas fossem felizes à sua maneira, talvez por estarem conscientes da sua função social, o que quer que isso queira dizer, não precisasse de grandes festas ou eventos, sim, digo eu neste fim de mundo, que nunca digo ser um cú de Judas, a filarmónica não publicava um livro do ido senhor Ruas, a câmara de Palumbar e a de Leiria, para não falar já da de Coimbra, não se interessavam pela minha obra, talvez tivesse mais adeptos em Lisboa no meu sofrimento interior, admiradores, mesmo que não incentivassem o seu silêncio e permissão era para mim agradável, como se tivesse várias chances para continuar e ainda que desistindo continuar, continuar noutra altura pelas mais diversas vezes. Nada de muito intrigante ou ousado me esperava, apenas cumprir este mundo que me criara, estes lugares, na mente e na geografia, que eu criara e alguns antes de mim, fumava o último cigarro antes da meia noite e pressentia que deveria ficar mais um pouco, que a escrita era de certo modo um dever, um trabalho a que me deveria agarrar, já que o outro falhara e, na verdade dificilmente o poderia alcançar, pois na noite antes do dia anterior à entrevista para emprego me havia sentido bastante mal do coração. Assim, enquanto os pensamentos

fluíam e afluíam na minha mente, eu procurava fazer algum sentido do todo, do meu todo que podia não ser coisa nenhuma para ninguém e mesmo para mim mesmo, mas as coisas fazia cada vez mais sentido, à medida que recuperava o gosto de viver depois de uma noite de pessimismo, assim como a esperança de vir a encontrar alguém de novo, uma mulher ajuizada e sexy e uma certa quantidade suficiente de amigos tais como Manu, que se encontrava numa situação semelhante à minha, tendo praticamente seus pais a seu cuidado. Sim, o meu primo dera-me um chuto no cú e nunca pedira desculpa, o meu pai também, o mesmo acontecera em Coimbra, mas enquanto muitos viviam à custa de outros, eu vivia à custa e ao preço de mim mesmo e ainda por cima entusiasmava os outros, nem sempre, de quando em vez, talvez nisso, num certo ar de sacerdote laico, tal qual filósofo da coisa concreta, descobri a uma forma de perpetuação de mim mesmo, nem que fosse nos outros, pois cada um não vive em função de si mesmo mas do Outro, dos Outros. Pressentia arduamente que uma companhia estava à minha espera, talvez o amor, talvez alguma serenidade, trabalho, realização e o q.b. Respectivo de sucesso e fama, como diria Lilly. Também havia tomado uma bolada na cabeça, mas talvez tivesse sido isso que tenha posto os meus neurónios no sítio e me tenha constituído, entre os outros, como místico, abraçando durante um ano a vida monástica. E

ouvia de novo a canção na rádio, “nem tudo foi assim tão mau”. Sim, tivera tido várias namoradas, mais do que alguma vez desejara, uma coisa sentimental algo sacra, quase sacrossanta, a minha experiência fora dura, mas nem tinha ido parar à prisão nem à tropa, não é que queira fazer equivaler as duas coisas. Sim, estava apaixonado por diversas mulheres, pela vizinha, uma ou duas, em Riachos, mas não podia avançar, era complicado de conseguir o que queria, talvez por isso estivesse tanto tempo sem mulher, ao mesmo tempo podia ir como qualquer uma, num romance de Paulo Castilho ou Nuno Bragança. Mas, as prisões, seja visíveis ou invisíveis, não somos nós que as fazemos, seja com leis seja com teias de arranha e esquemas, muitas das vezes até filosóficos, seja pelo medo de entrarmos num domínio onde a loucura nos habita? Será a condição de viver uma condição de clausura, em prisão, abandono, só pelo medo de enlouquecermos e, neste sentido, o medo de perdermos os amigos, o dinheiro, uma falsa ideia de liberdade e divertimento, de bafurada desvairada, quando talvez o louco é verdadeiramente livre porque questionou o necessário para pagar por isso com a sua falta de sanidade? O que divide o lógico do ilógico? O que divide o normal do patológico? O riso, o disparate, a ignorância, a crítica do outro? Ou será o controlo do prazer? A linha que separa uma coisa da outra talvez seja bastante larga como valor da experiência,

da verdade, do entendimento do mundo...uma coisa é certa, a partir dos quarenta, os orgasmos são bem melhor, enquanto as cabritinhas continuam aos saltos que mais parecem saltimbancos sem realmente perceberem que é que está realmente a ter gozo... Sim, assumir uma relação socialmente nunca foi fácil, eu tinha esse problema, tal como Danny, não éramos claramente gays, mas tínhamos uma certa tendência que nos ajudava tanto a compreender as mulheres como o mundo. Sim, por vezes Deus abandona-nos e somos remetidos peremptoriamente para um vão (cujo sentido já expliquei noutro lugar), para uma região solitária que nos faz desejar uma verdadeira solitária, perdoem-me os reclusos, por aí estamos entregues a nós mesmo e aí Deus nos abandona verdadeiramente e tudo deixa de fazer sentido, ou seja, há um esvaziamento de nós mesmos a que se segue um enchimento da esperança, da vontade, porventura da representação do mundo lá fora, tudo isso nos faz desejar estar fora e ao mesmo tempo guardados, lá mesmo na solitária, entregues aos nossos pensamentos, abandonados a nós mesmos e pelos outros. A vida social do quotidiano tem tanto de espectacular interessante como de absolutamente vão e desnecessário, ou seja, é uma mera formalidade porque só estamos verdadeiramente vivendo quando não vivemos, ou seja, na falta, mesmo sendo felizes quando sofremos, porque o amor e a presença do outro (amado) é mera tolice e

fruição, portanto, só a falta e a expectativa preenchem o sujeito e nos acalentam a vida. A minha visão do sexo é que o melhor são os preliminares, ou seja, enquanto uns homens se apercebem quase tarde da presença amorosa da mulher (ou do homem, não me contradigo), muitos sentem a eminência do acto dias antes, tal como a maioria das mulheres, ou seja, são românticos e tal, tudo isso, causa tanto interesse quanto desconforto, mas tanta atenção, refreio e interesse que o próprio acto é uma mera formalidade, tal como a (mera) vida quotidiana. Mas bem, eu podia estar desempregado, mas talvez tivesse bastante culpa na minha situação, não reagira cedo à doença e ao internamento, dizia que não conseguia trabalhar na junta médica, como muitos fazem, enfim, culpava os outros pela minha situação, não nos podemos queixar, há que lutar e lutando aprendemos a ter mais e mais talento e, de certa maneira, nem os inimigos nos podem para, por mais que seja adverso o meio, temos também de esperar e desesperar um poucos, mas lá chegamos, numa vitória que está onde menos se espera, que está onde ninguém alcança. Por isso, por vezes, falo comigo mesmo e penso comigo mesmo, talvez demasiado, mas isso não é mau, dá-me conhecimento do mundo que eu transmito e isso faz-me feliz, talvez até um competente pedagogo, a começar pelos meus sobrinhos e acabar na ponta do mundo que está em Lisboa.

8.

O meu velhote estava cansado, pouco falava, mas não o via infeliz como alguns outro. A minha mãe tinha a questão dos nervos, como Bunuel em “Caderno de Encargos”, tal como quando começa, quer dizer, eu também tinha um problema de nervos, não tanto à flor da pele, embora em certas situações tivesse, mas da parte de trás de mim mesmo e da minha apresentação (mesmo em termos de *facies*) do social. Estava quase desistindo do objetivo de dar aulas, mas inscrevera-me de novo no doutoramento e certamente iria frequentar algumas aulas, nem que fosse para obter alguma diatribe, de que me afastara claramente nos últimos tempos. Sim, a minha tese era tão ampla quanto complexa e suspeitava que não perdia qualidades, pois esses sistemas de pensamento algo escolásticos nunca passam de moda e são, como hei-de dizer, algo didático, até para iniciar os mais novos no prazer do pensamento e até da escrita, porque não? Sim, a aldeia já não era um terreno, eu não deixara de ser antropólogo, obviamente, havia muitas vantagens nisso, antes de mais alguma felicidade dos outros por me terem junto deles. É claro que Riachos estava sem gente, mas eu haveria sempre de ali voltar, voltando também a Lisboa, e atravessando o Atlântico quando tivesse a sorte de dispor de algum dinheiro, não sei se para voltar se para ficar, mas estava orientado para voltar, pois por aqui tinha muita gente a quem ajudar (muitos deles me haviam ajudado

valentemente, pondo as mãos no fogo por mim) e algumas mulheres para amar. Sim, ainda estava à espera de um qualquer convite de um sítio ou outro, não desistira de lutar, mas não iria ficar de barriga para o ar. Apareciam-me, então, no espírito, frequentemente, as memórias e imagens de Victor, dos momentos em que íamos a Vila Faia nas noites de sábado, encontrando aí diversa malta, tanto do lado de cá como de lá, sim, talvez fôssemos dos poucos que íamos a Vila Faia sendo de Riachos, por isso, não sei bem se por essa razão, alguns de lá vinham cá a Riachos, onde havia também um certo sentido de civilidade e entendimento de diversos assuntos, pois Riachos fora no século treze uma grande freguesia, que perdera a de Abelha há já algum tempo e, nos anos 50, Famejões e ainda, mais recentemente, Maiorais. Digamos que nem todas as pessoas eram por aqui ricas, mas havia um sentido do coletivo que permitia até que, vindo estabelecer-se por aqui, a pessoa tinha pelo menos direito à atenção dos outros. Isso não é raro nas aldeias de Portugal, ou até em Lisboa, mas é raro na Europa, embora não o seja, em certo sentido, em África. A simultânea americanização e globalização (tecnológica, alimentar) que se expandi no globo proporcionava isso, mas também o seu inverso, ou seja, uma solidariedade organizada que até as redes sociais permitiam, uma certa oficialização da caridade, digamos assim. Eu tinha o sexo dorido, estava

percebendo que talvez fosse bissexual, mas estava perdendo muitos pensamentos auto-destrutivos, mas não queria nem fantasiava em levar no pacote ou com as pilinhas dos outros e percebia de uma forma distinta a noção de Deus, já que a havia desconstruído quase toda a minha vida, embora tivesse apenas feito parca Teologia, pressentia no ar a vontade de viver e se isso não é Deus não sei o que será, creio que o Diabo não é, mas eu precisava de juntar a essa ideia a de uma alma benfazeja com dois bonitos seios e boa conversa, mas que não tivesse pilinha, pois a minha sempre estivera em forma e não tão cedo deixaria de funcionar. Na verdade, por vezes experimentar mais prazer na masturbação do que no sexo. Era fácil, barato e em certo sentido dava milhões, uma carreira com que nos comprometermos mas, enfim, talvez nada substitui um bom romance, além do mais esse teria de vir direto dos anos oitenta e teria mais ou menos a minha idade, porque não queria perder tempo com garotas, simplesmente não tinha pachorra, muita gente me achava louco e talvez o fosse, à luz das normas e mesmo de certas patologias, novas ou usadas, isso doía-me muito, pois eu sabia quase de certeza que teria sido por falta de mulher e esse facto culpabilizar em muito muito boa gente, desde já os colegas de filosofia e antropologia, com quem nunca convivera por serem na sua maior parte, estúpidos, pedantes, vaidosos como quem julga ter o mundo na barriga

e, aliás, bastante incompetentes, falando da maior parte das coisas sem sentido algum de exatidão ou rigor. Sim, revoltava-me não poder dar aulas, achava triste, injusto, por se me tivesse colado a eles, os professores, os colegas, talvez estivesse num cargo de Chefe de Departamento há já alguns anos. Mas, enfim, eu tive a minha cátedra dos quinze aos dezoito e nem sequer falar impositivamente de religião a ninguém, talvez fosse assim mais feliz, mesmo que não viesse a dar aulas, escreveria os meus livros, neste nicho que alguém ia visitando, senão lendo pelo menos falando comigo e isso já não era mau. Portanto, adiantando um pouco a conversa, e o português era muito assim, havia uma necessidade de controlo psiquiátrico da relação entre sanidade e loucura umas vezes, entre violência e paz social outras, como que uma desarticulação entre o social e o individual e aí, os antropólogos e sociólogo poderiam ser tão precisos, precioso, quanto os psicólogos e psiquiatras, sim, havia os psicólogos sociais, mas isso era já uma outra foram de ver a coisa, certamente bem vista, não esquecendo a geografia humana. Portanto, eu nem sequer fora geógrafo, sempre senti que tinha mais capacidade, a habilidade de relacionar o que os juristas chamam de costume com o transcendente num quadro do banal quotidiano, ou seja, entender o homem na sua necessidade e “accomplishment”, perceber as relações sociais como o

ponto de partida de ideias complexas sobre a sua relação, em termos da dualidade interior-exterior, da sua relação entre moeda e crença, entre criança e adulto, das crianças entre si, dos adultos variegados entre si. Esse creio ser o ponto chave do meu pensamento, a relação social, intersubjectiva, por isso fui estudar Cassirer, os fenomenólogos, desde Heidegger a Husserl, Schütz e Simmel, autores que se apresentam como úteis também noutras disciplinas que não especificamente a Filosofia. A relação social tanto cansa (precisando nós de zonas de descanso, vão, que nem sempre são negativas) quando chispa na vontade, ou seja, como que acende o fogo que constiui o homem, o incêndios dos aspectos, diria o poeta, propulsiona sentido onde o homem não o conseguiria ter, ou seja, uma relação que é subjectiva, entre dois seres, acaba por fazer surgir tanto algo de objectivo, ou seja, noutros termos, uma relação que é objectiva, acaba por fazer surgir qualquer coisa de subjectivo. Como seria o Mundo se os homens não falassem entre si durante um século, por exemplo. Sim, Danny disse-me que o *point-noyau* do homem seria a linguagem, ou seja, digo eu, o homem é simbólico, porque ainda que não pudesse comunicar com o outro pelo código da palavra, sempre o faria (como sempre o fez, desde que se viu confrontado com o Outro, na aurora da civilização), ainda assim, comunicaria, ora por meio de

grunhidos ou por gestos ou, como diz o outro, por meio de um murro na cabeça. Estava aqui todo contente, resolvendo mil e um problemas que outros resolviam por meio de inúmeros processos na justiça e isso melhorava em muito a minha imagem anterior de ladrão de livros e frequentador de prostitutas, talvez quisesse que defendesse no parlamento a legalização, coisa que eu nunca pensaria fazer, pois nunca me safara de ser um romântico, mesmo com uma puta ou outra. O problema era tão antigo que apenas se resumia a uma questão política, muita gente estudara o assunto e se em quase toda a Europa, Portugal, para não ficar atrás, haveria, mais cedo ou mais tarde, promover a sua legalização, o que faria restringir ao acto toda a fantasia que havia na ilegalidade dele, ou seja, desenvolvimento mas ao contrário, a mesma ideia da “cattch” dos filmes porno, a insistência e persistência do acto nas mentes das pessoas que lá precisaria de ir, o que me parecia bastante redutor, que é o mesmo que um homem estar a dormir e não poder sonhar, como dizia atrás, é mais excitante o que precede o acto do que ele propriamente dito, que para o homem quase não é senão uma descarga psíquica e física de uma substância que dantes nem sequer se via, no tempo em que não havia a bolsinha do certo licor formada pelo preservativo, a qual poucos sabem ou querem dar o nós e meter na sanita. Hoje em dia, parece até que tal substância

passa a habitar as nuvens, tamanha é a confusão, nos filmes, nos carros, nas praias, nas retretes e sanitas, ou seja, de tanto filhos que podia fazer, fazem filmes para fazer mais, seja porque elas se recusam por serem difíceis de convencer (a questão do doto, do andar de volta de) seja porque eles não lhe sabem dar o geito, muitas vezes só porque têm vergonha social de se masturbarem seja porque apenas pensam no acto e nela como uma espécie de troféu com o qual se vangloriam nos cafés mais diversos e em que elas, pateticamente, acompanham com sorrisos envergonhados de cabras amansadas. A mulher da cidade é diferente, sabe o que quer, mas a maior parte das vezes nem sabe, porque não tem tomates para o mais certo, que é aquele que não a toma por estúpida e nem sequer faz barulhos ou novelas, sendo que muitas gostam é do ganau, tenha carro ou não, tenha casa, alugada na maior parte dos casos, tenha um carg, político ou outro, o que lhes permite entrar em certos meios, tendo dinheiro para festas, roupas, jóis, perfumes e restaurantes, acesso a maior onde entram cadeias televisivas, coisa que a mulher, em geral, muito gosta, pois toda a mulher casa com o homem não tanto pelo que ele é mas pelo que ele representa socialmente, essa é a interesseira. Portanto, é claro que existe boas mulheres, mulheres de fibra, mas essas geralmente esquivam-se e tratam mal os homens e quando escolhem o tal, gostam de o

ver sofrer por ela, ou seja, gostam de mandar nele. Haverá a mulher perfeita? Será actriz? Escritora? Eu não acredito nisso, tive a minha e ela escapou-se-me, talvez por culpa minha, porque o risco maior é a primeira impressão e tudo isto, também neste tema, acabou sendo um mercado, não se pode ser espontâneo e a brejeirice fica mal, destoa, num grande amor, portanto, o choque dos aspectos tem a ver com qualquer coisa de cósmico, sendo que é mais tradicional e legal o homem procurar, a-chegar-se, aproximar-se, até porque ele não é receptor, nem tem que ter passivo. Ou será o contrário? Não, não me engano, o homem certo, para a mulher, também está para vir, diria o meu amigo brasileiro, o que elas gostam é de um competente em diversos aspectos, divertido e até tonto, sendo que não pode muito, pois raras são aquelas que suportam um homem bêbado que fume, pois gostam de perfume para perceber, no dia-a-dia, se este está confundido com algum perfume de mulher. Afinal havia outra...

9.

Depois, entre Bem e Mal, entre certo e errado, via uma espécie de divertimento em tudo isto, no casal com o garoto que persistia em ficar no mesmo apartamento mesmo depois das arrelias e merdas que haviam feito, do casal que estava no apartamento onde mudara tijolos e tábuas e digo, o meu pai havia beneficiado e muito com o facto de eu ser antropólogo, parecia que tinha mel, esta rua, esta aldeia, havia sempre gente, umas vezes mais outras menos. Simn, já não podia falar com a minha mãe, mesmo que fosse brando e meigo, ela já não queria saber, enquanto o meu pai deitava-se a dormir com a televisão acesa. Mesmo numa aldeia, as

peessoas estavam metidas com elas mesmas, o que para mim não fazia grande sentido. Assim, esperei por um tempo em que pudesse escrever, talvez uma melhor visibilidade. Esperei. Mas não desesperei.

Por vezes o meu coração contraía-se e dava um salto dentro do peito por estar deitado a meio da tarde no que ainda era verão, quero dizer, sem namorada e sem trabalho, sem carro nem encargos sociais de monta. Admirava-me com isto mas que podia fazer?, e pensava “mais um dia ou dois e estaria de volta a Lisboa”, conformando-me com a minha sorte incluindo a falta de amigos com que ter conversas sinceras. Sim, talvez devesse ver a vida e as coisas da vida de outra forma, talvez fosse apenas um missionário sem direito ao amor humano, desterrado na sua própria terra, um desses padres que embarcou nas naus portuguesas à secúlos, na verdade isto bem podia ser uma aldeia da Amazónia, não sei bem em que sentido se diferenciaria de uma. Podia ter amado mais, queria ainda amar, mas o meu coração estava ficando pedra, empedernido, torpe, tal como o meu espírito, pelo que precisava de novos desafios, de uma maneira ou de outra. Repartia os meus dias entre o café e a Casa Velha, um lugar onde havia sido quase tudo o que era, feliz e infeliz, muito feliz e muito infeliz, cometera o erro de enviar pdf's das minhas obras, uns seis ou sete, para uma pintora no Norte, ninguém faz isso e, fumando um cigarro ou

outro, no jardim, na Casa do Jardim, doíam-me as costas e a alta, uma dor atravessava a parte física e instalava-se na alma, enquanto sacava mais textos de Filosofia na internet para ler. Mais duas noites rumaria a Lisboa e tudo se apagaria, de uma maneira ou de outra. A pequenita era arisca comigo, dizia que eu não sabia (fazer) nada, hostilizava-me, impedia que colaborasse com ela nos trabalhos da escola. Sim, por outro lado, estava entregue a mim mesmo, inclusivé em termos de escrita e imaginação, podia facilmente entrar no domínio da filosofia e nenhum mal chegar ao mundo devido a isso, mas faltava-me vida, a vida que sempre procurara nos ermos de Riachos ou da Bajouca, nas ruas perdidas perdido de Lisboa. Estava cansado. Por outro lado, nunca como nestes dias pensara tão obstinadamente sobre a fenda da mulher e as mamas, há tempo que não conhecia nenhuma de perto nem via fim dessa situação, a não ser que desencantasse uma solução qualquer para o que se constituía um problema: a falta persistente de uma mulher permanente na minha vida. Estava por Riachos e por vezes bem perto dos pequenos e, sem bem que o que acontecera comigo em Braga não fora pedofilia, pensando estritamente que tinha mais de 18 anos, tinha certas ideias na presença dos miúdos, como tinha com a minha mãe, o meu cunhado e a minha irmã sabiam disso e, de alguma maneira, naturalizavam a coisa, é normal isso acontecer até entre

pais e filhos. Mas eu estava interessado em arranjá-las trabalho e miúda, mulher, só que tal não acontecia, por mais pressão que fizesse e isso frustrava-me bastante, teria certamente de procurar um lugar para sair à noite, em Lisboa, um lugar onde me deslocar para trabalhar, todos os dias, tecer uma rotina. Mas, de certo modo, eu já tinha tudo isso, as faculdades, a Gulbenkian, a volta até à Baixa...mas não acontecia qualquer coisa de “cósmico” que me conduzisse a um certo ar quase definitivo de bem-estar, quase espiritual. Aí, eu racionalizava e procurava influenciar os outros para me vingar dos deuses... Sim, tomei várias resoluções para comigo próprio, até podia ser que me ajudassem na escrita, sim, ajuda, coisa de que eu nunca precisei, na escrita muito menos. Nesse tempo, eu sentia uma espécie de sentimento de paternidade face ao que se passava naqueles dias no meu país, como se fosse um pai de certas e determinadas coisas, como se pudesse zelar para que as coisas corressem melhor. O meu objectivo era obviamente lógico e concreto: contribuir para a sociedade perfeita. Sim, enfim, todos os países tendem a ser perfeitos, no futuro, quer dizer, numa certo e determinado espaço de circunscrição das relações uns com os outros. Resta saber o que é uma sociedade perfeita...

Esta seria uma boa altura para desistir de mim próprio,

como muitos, mas eu agarrava-me cada vez mais no que havia conseguido, ainda quem sem o afago de uma mulher, forçava ser conhecido mas ao mesmo tempo desprezava o je-set ao mesmo tempo que o entendi até às entranhas. Precisava de comprar tabaco e a minha mãe deixara a chave da carrinha velha aqui na Casa do Jardim, não sei se por engano se por propósito. O desejo de estar com uma mulher fazia-me estar atreito a um sentimento de tristeza, havia ido ao café, tendo encontrado diversos amigos, uns mais surpreendentes do que outros, como o Paulão e lembrei-me do Calinas, talvez estivesse ainda em França, curando-se do cancro, bem como o Brejeira, que voltara de um coma profundo para o seu dia-a-dia com as máquinas da lavoura. A mãe deixara-me a chave como consentimento do meu pai para dar uma volta. Mas pouco me importava isso, estamos num país onde as liberdades individuais são acabrunhadas, eu sempre lutei contra isso, de modo que amansava a minha fera pensando nas minhas propriedades, no que tinha em Lisboa e por cá, claro que pensava no meu irmão, na minha irmã que estava em Helsinborg, entre dormir e esperar que o pai chegasse até ir comprar tabaco com a carrinha. Claro que era um grande escritor, um grande antropólogo, talvez um dos grandes filósofos portugueses. Mas não tinha discutido a tese e isso tapava-me o caminho, as oportunidades, ao mesmo tempo que as forças iam escasseando e lembrava-me das obras que

havia escrito, em número de sete, nestes dois últimos anos, sofrendo de diversos graves achaques, na cama e andando de um lado para o outro na casa em Lisboa, sempre só, resistindo a uma (ou várias) quase morte. De modo que, devido à pouca adesão, oferecendo inclusivé livros meus em papel e formato digital a diversas pessoas, em particular Danny, que não os devolvia e julgava que eu era um caso para ter diatribe com ele quando fosse velho, entre outras pessoas, inclusivé algumas que conhecia pelo facebook, olhava para mim e via o sujeito criativo, genial e generoso, mas fundamentalmente injustiçado e que quando conseguisse discutir a tese, abrindo-se, opinava, as mais diversas portas, da área da cultura à estritamente académica, negaria tudo isso para simplesmente continuar a sua obra. Todos estavam preocupados com o impacto da coisa na opinião pública, na consciência social. Ou não, eram apenas tóinos, marados. Eu estava preocupado com a minha obra ou já não tanto. Já não tanto. Fui então ver que chave era essa e nesse momento odiei Virgínia, a empregada do café que não queria dar o pito nem fazer vida, preferia os matarroanos que bebiam cerveja e fumavam com ela em cima da moto. Sim, a chave não era do carro que estava cá fora, mas da porta do armazém, meti, rodei e abriu, lá estava dois carro quase em estado de museu, um do antigo sogro, um bom carro e bonito, e o do Senhor Ruas, um carro antigo, um

clássico e ainda perfeitamente funcional. Eram quase quatro da manhã e o meu pai ainda não tinha vindo da tasca, do comes-e-bebes, a minha irmã estava a dormir, assim como os pequenitos, suponho. O Foné estava mais consciente e responsável, ainda que não lhe preocupasse tanto o mundo quanto à pequenita, que havia iniciado a escola básica. Eles eram o inverso um do outro e estavam dando-se melhor. Sim, abri o armazém, acendi a luz e fui até ao cãozinho Brady que, após umas festinhas, se escapuliu para a rua. “Foda-se” -pensei, e se o cão não aparece de manhã? Isto pode ser fodido. Quem ouviu a minha mãe? Mas depois pensei que o meu pai nunca o levava a passear, como a mim mesmo, diria e fechei a porta, descí a rua, Gates dormia já com a sua pequena, o casal da ar-de-puta também, mas a luz do casal que mais problemas causava e que na noite anterior, regressado do café, não me havia dito boa-noite, estava acesa. Nunca mais lhes diria nada, nem um geito, nem um esboço de simpatia, também, depois de se atirar, ele e ela, a um velhote, que mais que queriam? Doidos tristes, não vão a lado nenhum e pensava no Ricardo, o eminente professor de Leiria que sempre fora um ouriço do sabes, nunca caíra, nunca tivera problemas, não me conformava que ele fosse melhor do que, pois ele a Lisboa nada dizia, enquanto eu dizia, sim, antes de mais, mesmo com o que por lá havia passado e conseguido meritoriamente com meu único

esforços e pensava, rematando, nos livros que havia escrito, nas corridas, na doidice de estar sempre em casa, escrevendo, lendo, falando alto por vezes, com imensos problemas com os vizinhos e outros, que passavam lá em baixo sempre a insultar ou a comentar. Nesses tempos, o mais intrigante para mim, em termos psicológicos, era o modo como eu lidava com a minha auto-censura mental, era torturante, mas bem, tudo se inseria numa quadro mais ou menos depressivo, era capaz de estar uma semana na aldeia indo duas ou três vezes ao café, pouco mais e voltar, estar uma semana em Lisboa sem falar com praticamente ninguém. Talvez por isso tinha a obsessão de arranjar namorada, para “mergulhar” numa relação que me abstraísse do mundo em que vivia. Sim, estava procurando justificar qualquer coisa, mas também estava vivendo, falando mais com a minha mãe, enquanto o meu pai dormia à noite e perto dos pequenos, o que me trazia conforto imenso.. Notava que o pequeno brincava por vezes com o tio, mas sem maldade, eu como que influenciava um pouco o miúdo, apesar dos apesares. A relação com a pequenita melhorava e ela não percebia o que eu fazia, ainda, mas creio que pressentia, enquanto a minha irmã estava longe, em Helsínquia e Sofia. A esta altura, pouca gente se preocupava com a minha prosa, mas eu continuava a escrever, muita gente, nas duas localidades em que decorre esta acção, queria que eu

pensasse no lado sombrio do que é ser-se português, mais, que navegasse à deriva nessas águas em que eles mesmos andavam. Mas eu evitava isso. Há noite, chegava cansado à cama depois de cinco ou seis Vermut's. Depois, estando perto do pequenito, percebi que o melhor para conseguir alguma coisa, ainda que alguma coisa havia conseguido, seria evitar a revolta e arregaçar as mangas para o que quer que fosse, pouco restava, ou muito, depende do ponto de vista, acabar de colocar na amazon os livros escritos e acabar por continuar, não sei mais quantos, não tinha um plano propriamente teórico, discutir a tese, procurar aguardar pacientemente pelo resultado da candidatura à bolsa, era uma chatice estar ainda dependente disso, os empregos a que me havia candidatado ultimamente não tinha sortido grande efeito, mas estava descansado, se não me davam grande importância, eu tinha firme a consciência de que teria feito qualquer coisa de enotável e se fosse hoje, nunca teria entrado no Parque de Saúde, nunca teria reconhecido estar doente, nunca teria tomado medicamentos, mas tinha de ser assim, afirmei-me como homem dominante, talvez macho dominante, tarde, talvez ainda tempo, pressentia que coisas muito boas ainda me iria acontecer, e sabia que o segredo seria não desistir, au-delá das críticas, continuar a trabalhar, mesmo sabendo que a maior parte das pessoas, quando um sujeito se destaca do resto,

acaba sempre sofrendo algum tipo de críticas, mas eu não faria grande uso pessoal do meu conhecimento enquanto cientista social a não ser para coisas, statuses perfeitamente básicos. Talvez estivesse apenas, em toda a minha dor, sofrendo do Mal de Montano, a rara doença dos escritores. Mas talvez mesmo fosse algo mais, uma mistura entre angústia e espasmocidade própria da filosofia, dos filósofos, Estranho sentimento este atribuído a mim mesmo, que tinha algumas respostas para com a sociedade e pensava frequentemente na ideia de morte e isso me fazia ser absolutamente melhor ser humano...

10.

Pensava em Joaquim de Almeida enquanto o actor modelo bem-sucedido e na minha mãe como que levando uma vida rotineira no seu domínio. No fundo, ela sempre foi uma planta que nunca precisou de muito terreno para crescer e se desenvolver em todo o seu esplendor e Joaquim tem de andar muito para suceder a Joaquim. Isto nada tem de sexual, é só uma constatação. Eu estou a meio caminho entre os dois e no fundo apenas quero levar uma vida descansada e o facto de não estar com ninguém não é culpa minha, afinal, para todos os efeitos, tenho o mais importante, estudos e uma casa. Quem precisa de mais? Há aí uma vaga, não só em termos sexuais, de gente que ganha muito dinheiro, estamos desenvolvendo o país e ainda assim há gente descontente. Sempre haverá, por isso a democracia é um pouco como aquela história do burro e da cenoura à sua frente; o burro vai sempre andando. E quem é o burro? Talvez sejam os governantes (o que não quer dizer que em ditadura o governante não seja burro ou sociopata). Talvez a cenoura

seja o valor, o interesse, o porvir, e quem vai em cima do burro seja o povo, quem nele manda. Fui fazendo, na minha relação com o mundo, uma notícia, uma ideia da minha doença e do seu desenvolvimento, sendo que lia também o mundo através dela, talvez tivesse mais clarividência que muitos e essa doença não era nenhum handicap antes magnetizava, aumentando, o sentido que o mundo tinha, talvez para todos, do fundo de humanidade de que eu era depositário, dessa parte, desde a pontícula de uma parte do corpo à estrela mais cósmica que podia haver. Assim, avançava em vários domínios, desde a psicologia social e psiquiatria, até à etologia, com um pouco de enologia, para além das clássicas disciplinas em que sempre, ainda que não adstrito a nenhuma academia formalmente, me permitia fazer desde há anos. Por vezes, a literatura ficava para trás, mas era a minha paixão, juntamente com a filosofia, mas o que faltava em exactidão objectiva à literatura, não a minha, tinha a filosofia demais, uma certa ideia de verdade, mas sem referência a locais e datas, sendo que aí eu convocava a antropologia e sociologia para ajudar a compreender o meu ponto de vista, que tinha também muito de pictoral e cinematográfico. Quando os meus professores (antigos) de filosofia e antropologia ainda andavam nas mesmas cantigas de sempre, servindo-se das teorias de outros para se sentirem confortáveis e se alojarem face a face com o poder

do seu tempo, o que mais me preocupava cientificamente, mais do que filosoficamente, era uma dimensão que pouco tinha a ver com a economia, a política, o dinheiro, que pouco tinha a ver com a psicologia ou psiquiatria social, com a etologia ou a semiologia, era uma dimensão psíquica e ao mesmo tempo espiritual do homem, ou seja, tinha a ver com todas essas coisas mas aliava uma dimensão primitiva, que todos temos latente no subconsciente, colectivo e individual, a qualquer coisa que está para além do individuo mas ao mesmo tempo é ele mesmo, como seja a sua projecção ante o Outro. Uma dimensão que planteia no social a dimensão de praticidade e teoricidade do homem, a sua história, aquilo que ele faz ou poderia fazer e aquilo que ele representa, tanto em termos de história como em termos de memória e capacitação para se defender ante o medo, a vergonha, ameaças, atentados à sua afectividade evolutiva na dimensão do mundo, tanto em termos fenomenológicos como existenciais. Sim, enquanto falava comigo mesmo, decidi proceder a uma troca: troquei todas as preocupações sobre faculdades e professores, sobre as mais diversas filosofias, antropologias e economias, com o meu bem-estar psicológico. Havia estado particularmente cansado nesses dois dias em que iniciara o Outono, tinha consciência que ainda corria por fora e que para as coisas, muito para além da ilusão psicológica, corressem efectivamente,

factualmente, bem, apenas tinha de andar ao largo, gerir um capital que tinha há já vasto tempo e ao qual nunca tinha dado o devido valor, fosse porque estivesse imerso em inúmeras questões de vários âmbitos, fosse porque não me tinham dado o devido valor. Mas também isso começava a mudar. No dia seguinte, iria a Lisboa, encontrar-me-ia com uma pessoa com quem fazer diatribe, mesmo que isso me custasse bastante mentalmente, como se me arrancassem qualquer coisa que sempre fora meu, quando era de toda a gente e que eu dava ao desbarato enquanto outros aproveitavam coisa semelhante para se pavonear (politicamente), para se promover (a vários níveis), na rua, na praça pública, na academia, nos media...

Nesses dias, eu estava extremamente cansado, continuava a estudar filosofia e a produzir, Danny há mais de um mês não dizia nada, Manu há duas semanas e eu resolvi não lhes dar mais importância do que aquela que mereciam, bem como a outras pessoas, como as mulheres que encontrava no site de encontros, tinha lá dois perfis para ver se conseguia, se é questão de conseguir, encontrar alguém com quem ter uma relação mas, invariavelmente, elas não davam continuidade, quer no chat quer para um eventual encontro. Desde há sete meses, ia para outro, que não estava com uma mulher e isso perturbava-me, mas eu deixei-me nessa altura, surpreendentemente, estar mais um tempo em Riachos, porque

me sentia feliz, não tinha grandes responsabilidades ou, por ter, ali estava ora descansado, ora sossegado, ora preocupado, ora triste, ora inspirados e finalmente...bastante cansado mentalmente, procurando estar lúcido e fazer sempre sentido de tudo e mais alguma coisa. A brejeirice não caía bem no site e eu evitava-a, mas havia mulheres por lá bastante puritanasque fazia o que a mulher normalmente faz, seleccionava, descartava, como se estivessem num jogo de cartas descartando trunfos...tolas. No fundo, a conversa é sempre a mesma, sempre me empenhei demasiado nas relações e elas não querem isso, apenas querem ou um tipo que trabalhe e que não se preocupe com pintelhices ou um conjunto de condições, normalmente económicas, através das quais se deixem de preocupar com o imediato. Há ainda muito arreigada a ideia do macho valente, mesmo que, dali a uns poucos meses, seja esse macho que as vai violar ou esbofetear, ou seja, violência doméstica, este é o tipo de mulher burra que pensa que controla o homem, quando o homem vai com qualquer uma, fica com aquela que não está com merdas, sejam feministas, sejam machistas, e casa com aquela que ama o seu projecto de vida, não o carro, a casa, o corpo, o dinheiro e as possibilidades de sucesso. Isso sim, é um homem. Isso sim, é uma mulher. Portanto, a sexualidade e o afecto da mulher é bastante arreigado a um contexto, enquanto que no homem

não, não tem de haver nenhuma razão, objectiva, subjectiva, em especial, ele não tem de se sentir atraído logo de imediato, essa coisa da química é fictícia, existe apenas para a efectivação do desejo, mas logo desaparece quando a relação se aprofunda. Mas a mulher também gosta do homem-mistério, do bandido, do vagabundo, como gosta do milionário, do escroque, do jogador, do astronauta. Poucas se aproximam dos intelectuais, ele é que tem de fazer com seu intellecto todo o esforço que o corpo não faz, muitas vezes para as vir ir embora para os braços de outro com um ervilha no lugar do cérebro...

11.

Assim, naquele tempo, o sumo dos dias era muito, mas não tinha verdadeiramente uma presença íntima de outrém no meu coração, nos meus dias e tal já viria desde os tempos de Magdalena, sim, andamos a maior parte do tempo procurando intimidade, talvez a demasiada intimidade, o demasiado conhecimento, seja ele também uma fonte de problemas e tenhamos, desde já, de moderar as coisas, até os sentimentos, diariamente, quase instantaneamente, porque o mundo virtual começa a influenciar perigosamente o mundo

social, aquele que chamamos de real, que não é nada senão duas partes, a soma do que as mentes pensam e suas fezes e o que está aquém e além disso, coisas das quais não me apetecia naquela noite falar nem sequer um bocadito, pois estava cansado, extremamente cansado. De modo que fiz o seguinte: fechei a televisão que falava nos problemas do Benfica, tendo encontrado uma barra de chocolate, comi-a, mastiguei-a vagarosamente o quanto me permitia a minha placa, depois, bebendo um pouquinho de porto, fumei o tradicional cigarro antes de me deitar. Mas deixei o Pc ligado na área de texto, tanto devido ao conforto que me dava, como se fosse uma enfermeira à minha cabeceira, como se fosse mais uma possibilidade de verter ideias para este livro que, resultado de muito cansaço, não sabia se iria chegar ao fim.

Mais uma noite sem dormir, as ideias desfilam em catadupas sucessivas sobre o meu espírito. Fumo um cigarro. Ainda penso em ir até à Casa Velha, atravessando o mosaico do pátio principal, mas o sentido do dever leva-me de novo à cama, depois traz-me aqui. Os casalinhos alinhados em suas casas dormem, talvez pensem ou não que escrevo sobre eles. Mas não, isso não acontece. A maior parte das vezes aguardo por ideias suficientemente universais que se possam constituir como (questões) filosóficas. Não tenho ideias ou emoções fixas que me dêem sono, que me façam adormecer. Tudo

em mim é de uma inquietação serena, de um grande auto-comendo e auto-domínio, como se isso fizesse de mim um ser “oficial”, quase sagrado, um pouco à imagem de alguns homens de Lisboa ou de outras partes do país, um pouco como um francês preocupado e emotivo, um pouco como o Senhor Silva que já foi e onde vive o casalinho que desafiou e bateu no meu pai, pobre do homem, nem queixa apresentou, mas anda danado com eles, garotos de hoje, não têm juízo nenhum, depois o casalinho da que tem ar de puta inocente, como se o jovem marido, em seus laivos de feminidade, estivesse sempre em cima dela, talvez reiterando uma masculinidade que não tem; o Bill e a pessoa que salvou tudo, Ana e sua pequena, bem como Frazão, o jovem de dezoito anos que desistiu do estudo talvez olhando para mim, tanto estudo e sem emprego formal; depois, os cardíacos-caixa-de-óculos, também um casalinho e um sobrinho de um deles, como se fossem Durkheim e Maüss, em bem os vi ontem e anteontem, nos dois cafés, querem talvez contestar a autoridade de quem vive na aldeia há mais de cinquenta anos, aqui nasceu, aqui passou a infância, nem se sabe porque estão aqui, talvez pudessem estar noutro lugar qualquer, mas talvez estejam aqui só pra chatear, como muitos que aparecem no café, ou são simplesmente basarocos ou bobos, para além de imensamente burros, pois nenhum deles andou na escola e ainda que andassem mais burros que

ficariam e se não andaram não parece. Tudo começou com uma carta com que tentei seduzir uma miúda, talvez tenha sido demasiada desconfiança, talvez eu goste tanto de estar aqui, num amplo e valoroso sentimento de pertença, quanto não gosto, pois afinal sempre fui empreendedor suficiente, ainda que a maior parte do tempo sózinho, para fazer obra longe do redil familiar, doméstico, vicinal e aldeão. O resto dos habitantes da rua parecem nada quere com nosto, vivem “depois da curva” e isso faz toda a diferença, estão do lado de lá das nossas preocupações e, ainda que não interessem, nada dizem, pouco dizem, ainda que naturalmente muito poderiam dizer para que o clima que se instalou com estes novos habitantes não piore. E eu creio que em tudo isto eu tenho um grande papel, sei que onde descansa um antropólogo, as almas estão sempre inquietas, como se houvesse sempre qualquer coisa a fazer, como se fosse tudo superexcitante, como que, por causa disso, desse sentimento e ânimo, estivéssemos a ser vigiados por uma entidade superior (que nada mais é que Deus, para alguns e o conhecimento do Outro ou o conhecimento que vamos apanhar, para outros) ou, no mínimo, estamos fazendo algo que está a ser registado ou filmado em termos de memória futura. Em suma, “estamos a viver momentos importantes”. E isso, por outro lado, esse sentimento, é bom, é positivo, pois nos faz donos dos nossos próprios destinos, podendo nós sermos

uma espécie de marxistas católicos e, apensar de tudo, podendo nós descansar sobre tudo isso, além de tudo isso, tal como a filosofia descansa além da metafísica que a supera. Eu digo que isto tudo, em termos desta aldeia, de Lisboa e do que vejo pela televisão, é apenas o sintôma -no sentido positivo- do governo que por ora governa, como se estivéssemos numa era de um pós-25 de Abril de luxo...

12.

É claro que eu, enquanto antropólogo, podia estar viajando pelo mundo, aproveitando fundos financeiros financiados por toda a gente, ou seja, os Estados, o meu e

o dos outros, mas estava ali, em Riachos, podia estar em Nova Iorque, o sentimento de lá ir sempre se mantinha de pé. Podia...pois...podia, mas não estava, estava falido, sem tusto meu que não fosse a pensão. Muitos podiam ver-me como um deficiente implicador e vociferante, podiam-me ver como um anjo algo demoníaco prevaricador, fegoso e desenrascado, pela veia de sangue espanhol. Mas talvez não fosse nem uma coisa nem outra e tal não é um efeito, defeito, defesa jurídica ou testamento filosófico. Não é que eu comecei a ser feliz com toda esta situação? Bastante feliz, prescindindo até de planos, pois tinha, um pouco à semelhança dos meus irmãos, estabelecido uma rotina que me permitia estar, à vez, bastante bem em dois lugares. Safo, como diria o outro. Só precisaria de escrever, a minha irmão podia ajudar-me ainda algum tempo, a bolsa poderia cair, em Riachos, o velhote levava os comandos da têvê para a cama para ninguém ver televisão a altas horas e eu, depois de algum esforço exploratório, descobrira meio de a ligar sem os comandos e mudar perfeitamente de canal, para além de regular o som. Estava perto da minha mãe, que precisava de apoio, tinha sempre livros em minha companhia, tanto de um lado como do outro e podia facilmente levá-los, tudo isto me era permitido, só tinha de escrever, podia dedicar-me plenamente à filosofia e à literatura, enquanto ainda dava uns toques na antropologia. Podia, dentro de

algum tempo, discutir a tese e equacionar um concurso de professora, estavam sempre a surgir vagas e o sentimento de não desejar ir para fora tinha a ver com a felicidade relativamente controlada que eu experimentava por viver por aqui, porque de certo modo conseguira entrar no inconsciente colectivo e isso é um segredo que sempre trago e que me deu bastante trabalho, porque em certo ponto percebi que era isso que estava a fazer, é isso que todos fazem, com os mais diversos e variáveis objectivos. O meu era ser professor e ensinar filosofia, provavelmente também mostrar a uma mulher também o quão valente seria a fim de a merecer... Eu era, num aspecto, particularmente forte: o meu pai em nada me dava conta das suas coisas, dos seus dinheiros e negócios, mas eu não me importava, mesmo que ele, para além do apartamento na capital, me havia ajudado em nada e talvez nisso estivesse o busílis da coisa, de todo o meu futuro: ele, de certa maneira, era tão liberal quanto um francês pode tradicionalmente ser, ou seja, os filhos que se desenrasquem para depois virem a cuidar dos pais. Manu estava na mesma situação, embora mais adiantado na idade, o que fazia equivaler o meu pai ao dele, portanto, para além de Danny, havia sempre semelhanças entre a minha situação e a de outros. Por isso, a situação não era assim tão má, acho que deveria ter viajado mais, estaria mais positivo, mas eu descobria positividade nos

momentos mais negros e obscuros e mesmo caindo lá me erguia, uma vez e outra e assim sucessivamente. Seria, por outro lado, ilusão minha, ou nos media se falava de mim? Eu sinceramente achava que sim, que eu tinha inclusive importância para muita gente, entre muito boa gente e muita gente que nem me interessava ver. E será isto um romance? Eu não me esquecia do país em que vivia, conhecia-o como poucos, sob os mais diversos pontos de vista, não estava disposto a ouvir certas bocas de um lado e do outro, em Riachos e Lisboa, acho até que me sentia mais confortável em Lisboa, porque a solidão me fazia ripostar, mas também percebia os mecanismos que fazem uma figura pública e por isso ouvia e na maior parte das vezes calava, absorvia ou levava para a brincadeira. O português tinha essa mania de troçar, de gozar, ante situações particularmente trágicas para os outros. Sim, a têvê era uma ilusão, uma droga através da qual muitos se mantinham vivos. E o que é feito da qualidade de vida? Eu tinha-a, ao contrário de muitos milionários... Eu não tinha a ambição de Danny, aos poucos ia-o esquecendo como amigo, passando a ser um simples conhecido com quem talvez nunca mais voltasse a falar. Ao contrário dele, que era professor (universitário), ele nunca me incentivara em nada e embora tivesse tido diálogo interessante com eles, sempre haviam sido tensos, ele nunca falara comigo sobre antropologia, mas eu falara com

ele (não vejo sequer o ponto de vista disto...) sobre sociologia e filosofia. Talvez ele pensasse que eu não seria bom filósofo. Ou até bom escritor. Eu sempre tentara sair da aldeia, fizera tudo por isso. No entanto, estava ainda na aldeia. Eu nunca arriscara nada da sua segurança psíquica, física, social, sempre se tentara inserir e eu apoiara-o nisso em toda a linha. Isto serve para ver que eu lhe havia dado muito mais do que ele a mim e um e outro nos havíamos visto sempre como competidores, embora amigos, mas não nunca verdadeiros amigos. A mulher que ele namorara e com a qual estivera para casar, sob pena de ir para França estudar, casara com um vizinho meu, quase primo. E dá-me ideia que eu seria o alvo final, só que ou ela não teve coragem ou ele a travou. Ele dava aulas num cagibi académico, numa coisa que nem era uma universidade, em Coimbra, nunca saberia o que é estar em Lisboa, em hospitais psiquiátricos, coisas que eu passei, momento de sincera morte em caso dos meus pais, questão de dias, meses, anos, talvez seis, sete, sem ele me ter dito alguma coisa, alguma palavra de encorajamento, nunca me visitou quando estive doente, extremamente doente, coisa que ele nunca compreendera e talvez tivesse mesmo medo. Sabia que ele falava de mim a diversas pessoas, talvez bastante importantes, mas eu desistira dele, mesmo sempre dobrando a língua da minha fé nele. E foi assim que ele conseguiu

manter defender a sua tese e manter o seu emprego. Foi ao funeral do meu melhor amigo quando terá falado apenas uma ou duas vezes com ele, embora tivéssemos sido colegas no secundário. Não gostava de ir a funerais, mas ele fora ao do meu amigo. Eu não, nem lá aparecera, estava a escrever nesses dias a minha tese, a procurar um emprego que ele teve sempre toda a vida. Portanto, eu tinha mais pretextos. Ele era um sujeito bastante ambicioso, eu também. Mas eu não me julgava sê-lo. Escrevera “A Dívida”, um ensaio e ele leu-o através de um site académico. Talvez andasse a deambular sobre isso dias e dias na sua casa. Ele tinha dinheiro, eu não. Ele tinha talento, em também, talvez trabalhasse eu mais do que ele. Eu produzira e ele praticamente nada, apenas o estritamente necessário para manter o seu emprego. O emprego que ele tinha eu queria ter, a beleza física que eu tinha ele queria ter. Talvez por ser feio tivesse mais talento do que eu, por isso eu não precisasse assim tanto dele, agora que se debatia com dúvidas sobre a sua sexualidade. Eu não trazia miúda para a aldeia porque apostara numa carreira enquanto escritor (a sabia que, em grande parte, o meu génio advinha de nunca descansar, de querer ser um brilhante escritor, para além de célebre), porque nem carro tinha, nem dinheiro tinha para pagar à moça um jantar, não se tratava duma questão de assumir socialmente a condição de casado, ou junto. Mas

neste país é assim, a maior parte das pessoas não tem em conta a fatalidade da sua morte, a finitude, e do Nada que as suas questiúnculas são face a isso. Ele tinha representação social em Riachos e à volta, mas não se atrevia a casar com nenhuma moça, era um indeciso da merda, quando eu já tinha tido várias em Lisboa e nunca havia tido condição económica para formar uma família. É justificação minha, desculpa, ou sou mesmo como ele? Que sociedade é esta onde há uma forte pulsão para o Outro, seja sob a forma de família seja sob a forma de amantes? Não se pode ser feliz sozinho, como em Londres ou Nova Iorque, sem se ser marginalizado? Por estas e por outras eu desejava a América, alguns conhecidos já lá estavam e eu um dia haveria de ir lá ou para lá, não sabia muito bem, quando os meus pais fossem embora desta condição (humana) em saberia mais ou menos bem o que fazer. Por enquanto, tinha o pressentimento que ainda iria chatear umas tantas ou quantas cabeças e tirar o proveito de certas aventuras que não tirara em tantos anos desta condição... É esse o jogo? Juguemos, pois então...

13.

Depois, pensei no seguinte: “Não posso acabar este livro, pois senão entro em pânico pensando que nada tenho a fazer mais...” Na verdade, a vida resumia-se a (poucas) coisas simples e a felicidade nela contida ou por conter também. Sim, seria difícil completar esta obra até às cento e oitenta páginas, poderia haver quem adorasse, farto de fazer sexo e sucesso e precisasse de um pobre escritor intelectual (mente) desesperado como eu, afinal a função do escritor é captar qualquer coisa que está fora dele, sendo a sua mente, em termos singulares, um pára-raios dessas

ideias que se caçam e desenvolvem depois de entrar no hangar da mente. Provavelmente, a escrita fora o meu maior e único poder. Talvez continuasse a usar dele mesmo, nos mais variados sentidos. Defendia, naquele argumento, uma tese sobre o suicídio e um sonho que tivera na noite anterior a esse feriado Dia da República fora esclarece; explicava a jovens americanos como tinha, depois de anos e anos de estudo da filosofia, sociologia e antropologia, tinha sacado uma conclusão teológica, a peça fulcral do fenómeno do suicídio tinha não só a ver com o facto de existir o Outro, bem como o facto de existir um Deus Cristão e tudo isto tinha a ver com uma consciência ajuda que tinha da minha finitude, o que muito remotamente se poderia confundir com medo de morrer ou dos outros. Era só um facto mais adiante na minha biografia, como que uma descontinuidade numa existência que fora tudo menos linear, mas que conseguir chegar a um grau mais ou menos admirável de consistente coerência. Naqueles tempos, muito depois dos já idos anos 80, jogava-se “Lost of Us” e ouvia-se “Lost of You”. Eu sentia-me em baixo, sem as coisas necessárias para arranjar mulher, mas sabia bem no íntimo que essas coisas não era de jeito nenhum necessárias, como antigamente, que os tempos eram outros, que eu conseguiria singrar. Em tudo, isto, embora assuma publicamente que tenho OCD, nada tenho ganho com isso no acesso a emprego ou

coisa nenhuma, continuo seguindo como se não tivesse nada, em carne viva, como se nada fosse.

14.

Mais adiante percebi que, tanto na sociedade de índole capitalista quando na de liberal, como na comunista, o poder é do consumidor, ou seja, não é tanto do povo em geral nem dos governos, mas de uma certa economia que oscila entre o marginal e o legal, o poder de mediamente participar e dar opinião, o poder de poder ou não consumir este ou aquele produto. Esse é o verdadeiro poder, um poder que atenta diretamente ao direito que temos a alimentar e sermos alimentados, porque o poder da beleza e do belo nada diz a quem está de estômago vazio. Sendo assim, a

representação social do filósofo tem tanto a ver com o seu poder, que advém da questão de equacionar tudo e mais alguma coisa num determinado registo, ausente de categorias de tempo e espaço, ausente da menção a pessoas e lugares, própria da antropologia e da sociologia, mas que advém também de uma certa deslocação no tempo, no século, do próprio filósofo, que se isola para pensar nas coisas, além disto e daquilo, além de uma relação social, além de um conflito mais ou menos pedagógico. Comprei mais uma garrafinha de Vermute, desta vez italiano e percebi diversas coisas, tanto Manu quanto Danny era gays, ou passavam por uma fase gay, não sei bem, isto em nome da ciência da sexologia. Percebi que os media e os jornalistas estavam comigo, quanto aos meus propósitos em geral e ao propósito em particular de ser professor de Filosofia, ou seja, os media mandava mensagens subliminares de encorajamento ao meu recrutamento e as universidades não topavam nada, estavam às cegas lendo livros de outros autores, a maioria estrangeiros, numa espécie de colonialismo intelectual, quando eu próprio voltara a estudar esses autores depois de ter feito eu mesmo obra enquanto autor, na maior parte dos casos bem mais importante do que outros, diversos, não vou dizer todos, mas alguns, inclusive os meus professores do ISCTE da FCSH... Sim, os media é que tinham o poder, mas também eu

tinha bastante poder, talvez até mais do que Mourinho. Onde está o dinheiro? Depois, pensei que isto de tentar ser professor, esperar por um tanto ou quanto de dinheiro para a discussão da tese, não estava com nada, já tinha obviamente passado o ponto do não retorno, iria acontecer, mais tarde ou mais cedo, tivesse ou não bolsa, mas não queria fazer recair sobre o meu pai esse peso, pelo que equacionei usa o dinheiro dele para pagar a tese...dado que nem dinheiro tinha para comer e comprar shampô, um perfume, pagar a Tv Cabo...

15.

A conclusão que tenho é que não há mulher que assumo, posso bem estar. Doutor daqui a uns meses, posso bem estar nos EUA daqui a um ano, mas nada me faz esquecer o que passei. A escrita não deve ser solitária, isso é coisa de tristes, uma tese de doutoramento em Filosofia não deve ser feita extremamente só e sofredor, isso é coisa medieval, masoquista, quase todos os estudantes têm uma namorada, eu, em muitos anos, forcei ter e tive, mas não perdurou, vou penalizar-me por isso? Devo atender a essas coisas que pairam à volta da minha cabeça e me entram pelos ouvidos?

Sempre fui um tipo intuitivo, não preciso, como os antropólogos, de estar diante dos fenómenos para assistir à coisa humana, à antropocena. Porque me martirizo, então? Pelo país em que habito, onde faço sexo e comida, onde rezo, por vezes. Sim, falo em meu nome, porque de alguma maneira a solidão faz-me dono de uma só voz e através da minha a dos outros... Sim, convidei uma quase velhota para fornicar na casa de banho da estação, afinal eu era o maior e o que mais sofria, estava sozinho e todo o resto do mundo estava errado, na verdade era nem mais nem menos a assunção de que a mente humana pode ser capaz dos maiores prodígios essencialmente quando é demasiado porca. Cheguei a Lisboa, fui até à loja do estudante de informática e pedi uma Maceira. Estou de volta dela, como se estivesse de volta do corpo da brasileira de que quero esquecer. Depois percebi que, enquanto português, tirava o melhor dos EUA e do Canadá e do Norte da Europa, para adequar a uma certa condição do vento e da saudade. Aprendi a não correr atrás de mulheres, pois uma mulher tem de se merecer após árduo trabalho, seja como o redactor Homero, seja como o herói Ulisses ou Aquiles. Olhando para trás, muito sacrificio em prol de uma obra, quer creio ainda será reconhecida em vida, pois de certa maneira também sou daqui e embora haja bastantes mais inteligentes e avançados que eu, há muitos que ficaram para trás e que é preciso ajudar e talvez algum

desses irá ganhar, no fim, não eu, que sofro de um desgosto de amor por uma brasileira, quando estiver nos Estados Unidos, a coisa vai ser bem mais dura, ainda que o fosse também em Kiev ou Moscovo. Sim, tenho medo da morte, por isso corro, pela minha vida.

16.

Depois percebi que muita gente, por aqui, em Lisboa, não estava muito preocupada em coerência, em ser português, queriam era a maior parte sair daqui para férias em Guadalupe ou nos EUA, onde pudesse tirar os seus fantasmas, gozando com que por aqui fico, como eu, um francês que vem procurar descanso em Portugal e que vive entre dois lugares ligados pelo caminho de ferro. E então, deu-me a fome, percebi que ninguém estava a vigiar, estava um pouco de frio e entendi o que muitos pobres homens fazem pelo conforto da mulher, bicho estranho, esquisito e tão pouco inteligente quando o homem, como diria o meu ido amigo, à mulher bastava abrir as pernas, em a faca e o queijo na

mão, mas na maior parte dos casos, nem sequer se preocupa com o seu homem. É claro que a felicidade se tornou fugaz, não dá tanto trabalho arranjar homem, basta o parlapié e anotar na agenda, por isso a maior parte das mulheres se tornaram putas e que têm uma carreira a cumprir. Eu? Nem uma coisa nem outra, prefiro a via sibilina, estarei lá mais à frente à espera de uns tantos para lhes dar uns calduços, tipo São Pedro.

Regressei a Riachos. Aparentemente estavam todos bem porque estava bem. Lisboa, trepidante e intrépita ante as ondas que se submergiam nas consciências, ficou para trás como um corpo que se arfa junto e se pressente de um lado para o outro, na censura das eminências pardas com que a geografia nos faz seres donos de um certo destino romântico, que quase ceлга a ser medievo na forma com que dispomos nosso corpo, retirado das poses mais arcaicas para disposições burocráticas e pressentidas ao nível de uma panaceia que ora nos faz eternamente livres e felizes ora nos cativa por uns olhos brilhantes de fogo, azuis laminados, na rendição a um licor quase parisiense.

Se fora outro, teria já reivindicado nos altos meios intelectuais a legitimidade a ser isto e aquilo, a ter isto

e aqui, mas vou compassado, assim como que preenchendo no meu espírito aquela mesma medida com que prossigo, respeitando metafisicamente as camadas da realidade. Dou, ao mesmo tempo que dói, conta de um todo, de uma realidade écrânica total, feita de néon que chaga, dou, ao mesmo tempo que arde por dentro, conta de uma compassada forma de ler uma realdiade que de outra foram seria ilegível e assim mesmo o é, como a criança enquanto antropólogo, vendo-a deitada de lado na minha cama e pensando no Paris que deixei para trás, na minha infância e na responsabilidade eventual que tenho quotidianamente para com quem entrejo diálogo, diatribe, consentimento e cumplicidade mútuos. Ao mesmo tempo, portanto, responsável e libertido, duro e macio, forte e frágil, como um a filosofia quase total, porque encena disposições e dispositivos que nos conduzem a salas onde a glândula pineal ao mesmo tempo se contrai e distente, se confusiona e compreende.

Eu corria riscos face a certos gajos mandições que nunca haviam passado mal na vida, para eles a vida sempre fora

discoteca, cerveja e mulheres, e ainda por cima me chamavam pedófilo e maricas, quando eu nem bissexual era, mas nada tinha explicado as esses tipos que nunca haviam arriscado uma trivialidade depois de terem perdido tudo. Sim, eu havia perdido tudo para ganhar o mundo, mesmo assim não pedia o poder porque compreendia perfeitamente os seus mecanismos e a circunstância de ele estar simplesmente restrito a uma canção que nos impede como se estivéssemos correndo de algo, para algo. Ao mesmo tempo, quer fosse ou não a Nova Iorque, sabia que isto não iria acabar e enquanto falava com o meu primo escultor, sempre desejando fazer uma exposição para ele, percebi que havia uma certa lógica da personalidade no meu íntimo e que facilmente podia, se não tivesse aversão à crítica, à mentira e ao escárnio (portanto, a uma certa dose de moralidade) embarcar, por fora, numa obra referente a Vattimo, Zizek, Sloterdijk, igualmente trágica como a de Camus ou Nietzsche. Em certa medida, eu não tinha nada de novo, estava apenas escrevendo uma obra que podia ser de um autor passado, usurpado certos direitos, que podia pertencer a um autor futuro, folheando “Héresies”, de Didier Eribon. Meu intuito estar aqui sendo dali, do *dasein* protuberante do *pote*, de um ledo que foge ao lume. Tudo concorria para que eu viesse, mais tarde ou mais cedo, a vencer, de algum modo, junto com bastante árduo trabalho e alguma sorte, uma

ou outra ajuda nesta virtualidade de um modo de ritualidade compensações fortuitas. O dia seria um dia de uma espécie de cenebração primitivo-moderna, esquemática e canibal, ou pouco como a tal cena de “The Matrix”. Prometera a mim mesmo fazer uma pausa, mas como nada de muito importante tinha a fazer, nem queria, deixava-me estar deste lado, tentando conter-me à volta de o meu espírito, a partir dos sentidos, invadisse as teclas e rebentasse com o ecrã. Ela comprou um livro sobre Kant, eu desviei o carro para um caminho e voltei para trás, era só para a assustar, deixei-me sózinha num motel, pois ela assim quis, voltei para casa e esquecia de vez Manu e Danny, era tudo uma questão, para ele, de brilhantismo académico e eu não estava para isso, a rua e a academia haviam para mim acabado, provisoriamente ou não, enquanto a luz do meu estúdio me entrecortava de culpa e bebia um pouco de água. Eu notava que aceitava qualquer mulher e fazia dela uma espécie de santa, uma espécie de anjo do mal para meu bel-prazer, no entanto, havia qualquer coisa de errado, eu tinha o meu plano (no bom sentido) geográfico de como viver a vida e de certo modo estava preso a isso, eu tinha razão do social imaginário enquanto duvidava dos outros, fazia sentido e punha-me mal disposto, voltava à cargo dos sentimentos e confiava demasiado nas pessoas, ao mesmo tempo tudo isso era um pouco uma armadilha, ou seja, Danny tinha inveja de

mim, ainda que eu não fosse acadêmico, como ele. Inveja da minha escrita? Do diz-que-disse? Eu sabia que Lisboa tinha qualquer coisa de aldeia e que, fosse naquele site fosse na rua, todos mais ou menos me controlavam e que tudo isto era uma luta desigual no final da qual apenas acabaria com emprego e algum sucesso editorial. Ainda assim, pensava na música experimental do Vitor Rua, enquanto preparava novo regresso a Lisboa, talvez mais calmo atravessado d evez eu mesmo pela luz de Riachos que irrompia adentro do que poderia considerar o meu Estúdio 2, cronologicamente, em pleno Riachos, no que para mim era o centro do mundo, certo de terapia, geodésico e radioterapia também, centro nuclear de quase toda a minha vida. Depois, quase encerrei o tema principal do capítulo da minha tese de pós-doutoramento em Filosofia: o pânico ante o sémen ao ar reside essencialmente na preocupação de que uma vida pode ser gerada e o encargo que advém de a trazer ao mundo e acompanhar o seu crescimento. Daí o pânico, para alguns. A questão pode ser económica apenas nos entido em que a economia é oikonomia. Mas é mais complexa e implcia a relação entre religião e reprodução versus jouissance, ou seja, tem, como digo, a ver com relações horizontais, entre pessoas na superfície da terra (e não verticais, entre os homens e Deus). Mas o Olimpo é também uma morada, ou moradia. Mas a vida, ao contrário do que se pensa na

sociedade capitalista, não provém do homem, dos testículos, a vida não é meramente o homem, a vida humana. Ela é qualquer coisa que tem a ver com o tempo e a mudança noeie operada, sem tempo (de gestação e envolvimento) e sem óvulos não há vida humana e mesmoa ssim não chega, é preciso alimentação, logo o segredo da questão da polémica do aborto reside essencailmente no planeamento familiar, porque o homem de ciência pode-se queimar e é na maior parte dos casos maçom, republicano e se ateísmo o pode cegar ante a necessidade de se substituir ao próprio Deus. Tudo se resume, na vida social, a uma passagem de cena, a uma improvisação, tudo está petente e ao mesmo tempo escondido aos olhos de quem vêem e de quem não vê ou não quer ver. Percebi que estava sendo notícia. O meu plano de influenciar os meus contemporâneos estava resultando, resultado de muito sacrifício e desdém pela parte dos outros, sempre com críticas e falta de apoio, só faltava baterem-me e uma certa ideia de América ajudava-me a conseguir alguns resultados por cá, mas eu sabia que tinha de me debater no palco por lá pelo reconhecimento do meu trabalho, pelo que comecei eu mesmo a traduzir a minha tese, evitando uma visão de pequenez das tarefas humanas e dos sentimentos própria de alguns portugueses que, bipolarmente, era acompanhada de euforia e posse de um grande espírito empreendedor, coisa que eu não queria

mudar, mas que me colocava grandes problemas, mesmo em Lisboa, sobretudo em Lisboa, aliada a uma crença quase viciosa no sexo para retempero de frustrações. Para mim, o sexo era meio caminho andado para me sentir bem, nunca o objectivo final. Ou talvez fosse e ainda estivesse para descobrir a companheira ideal, mas nesse momento deixá-la descansar a sua vida, pois um romance não é uma engrenagem de encaixe mas um ajustamento que se faz ao longo do tempo. É claro que muitos se gabavam de ter mulher e bens, barcos, carros, eu também gostava de ter isso, mas a minha ocupação era bem mais importante, até mesmo do que muitos advogados, magistrados, gestores do país, bem como de muitos académicos na minha área. A minha missão ultrapassava mesmo os âmbitos da filosofia e da teologia e nem sequer seria antropologia ou sociologia. Era qualquer coisa de franciscano, qualquer coisa feita de muita coisa e pouco tinha de transcendente, era ligado a um sentimento de apego à terra que me passava amíúde pelos dedos, à areia na praia colada às nádegas, qualquer coisa de muito mesmo, ao mesmo tempo pagão e sagrado, que é assim que as coisas devem ser, assim que deve ser vivida a vida. Para mim, em termos práticos, naqueles dias, a questão era simples: estar a semana em Lisboa, inventindo praticamente no nada, era qualquer coisa que eu sabia fazer muito bem, mas que estava destruindo a minha saúde, pelo que optei por ficar

mais uns dias em Riachos. Coimbra era relativamente perto e Miriam, uma conhecida, viria dali a dias. Poderíamos conversar e eu aproveitava por descansar um pouco mentalmente. Poderíamos de novo fazer amor, não sei bem onde, mas poderíamos. Ela não queria compromisso, tinha dois filhos no Brasil, mas eu estava apaixonado por ela e tudo faria para estar com ela mais um tempo. Notei que podia estar em depressão, como acontece com muitos brasileiros que ficam mais um tempo na Europa. Eu entendia isso e não me fazia a mínima diferença. Afastada estava a hipótese de ela ter também a nacionalidade ucraniana, para além da brasileira. Ou estaria a mentir? O brasileiro, por vezes, tem esse tipo de engodos. Virtualidades ou defeitos da globalização e da geografia...

E sim, estava na maior parte do tempo do dia pensando em sexo. Mesmo sonhando o fazia, a minha vida era orientada para isso, talvez por isso não conseguisse trabalhar, talvez por isso estivesse só. Deveria arranjar um trabalho ligado ao sexo? Não creio, eu fazia muitas e variadas outras coisas úteis e tudo o que conseguira até agora me dava muito orgulho e vontade de viver, para além de amigos, não eram muitos, mas eu estava pouco preocupado com isso, numa sociedade que vive para mostrar, para exhibir, como é a europeia e americana, seja do norte seja do sul. Em geral, porque havia exceções.

Assim era difícil trabalhar, fazer alguma coisa. No geral, pelo meu aprendizado, em Portugal copia-se o que há no estrangeiro para exibição, é preciso vir um estrangeiro para lhes dar valor, sim a eles, a nós, o que quer que seja. Tinha medo de me deitar só, não estaria ninguém a meu lado, nem Miriam. Ainda ligara a Danny, mas ele não atendeu. Estivera com Manu, mas pareceu-me que ele estava com mais vontade seria de seguir para Angola. Não estava bloqueado, dava por grande o meu investimento nas pessoas, tal Borges Coelho de uma disciplina que não sabia qual exatamente, que apenas procurava dar as suas aulas. Mas o Estado português nem isso me dava, pediam-me mais e mais, era surdos como portas, papagaios sem asas, talvez no fim me viessem pedir conselho, talvez, quando eu partisse o próprio país se afundasse numa entropia qualquer e até a minha obra desaparecesse para sempre, eu esperava isso, que depois da catarse da escrita nada restasse senão o seu efeito em mim e nos outros, porque daqui partiria com grande amargo de boca.

Envolto nos meus pensamentos e acções, lá continuava eu, sozinho, nestas alturas pensa-se em sexo e procura-se ser valente, não aparece a tal, talvez por dizerem mal de ti nas costas, muitos queriam que tu te desgraçasses, fazendo

uma ou outra coisa, um filme porno, por exemplo, seria lógico, mas pensas em ti e na tua família, no teu passado e numa herança intelectual quase imbatível, que atravessa os dias e os anos, o próprio tempo, e não se desfaz de um momento para o outro, ainda que uma parte de ti te leve à destruição, tu lutas e tens calma. Entretanto, voltei a beber e isso cansava-me bastante, no dia, ou melhor, na noite em que chegara a Lisboa de mais um fim de semana, bebi três garrafas de Macieira, vomitei uma borra castanha que me pareceu ser café, mas aguentei-me, no outro dia bebi uma de Martini, no dia seguinte, nada, neste dia em que vos falo, nada, voltei a ir à faculdade e lá vi a Carla e Vlad, que cumprimento sempre que lá vou. Um antigo amigo fez-me meu advogado, ainda que tivesse um dado pela segurança social, a sua carta chegara nesse dia. Estava a perceber que tinha de abrandar, sob pena de este caminho me poder levar, a breve trecho, à minha destruição e talvez da família, era para isso que a minha mãe sempre me avisava. E percebi, realmente, a grande diferença entre a Europa e a América do Norte: enquanto na Europa há um ambiente de confiança e serenidade, podendo nós confiar no Outro, na América sempre houvesse desconfiança do Outro, seja Europeu seja africano e isso motivou, antes de mais, muita política, boa ou má, muito cinema, bom ou mau. Sim, eu passava a maior parte do tempo dando sinais de fumo,

procurava esquecer estas minhas e de outras faculdades, via pessoas aproximando-se e nada de particular dizia, pressentia que se viesse a ser professor na FCSH ou na Clássica, podia não ser mais do que um pesadelo e por instantes, resolvi parar de me interrogar, parar de me ouvir a mim mesmo e imaginei-me numa quinta, entre riachos, ao lado de uma paisagem leve e retemperadora. As pontadas na cabeça, de um e de outro lado, eram por vezes violentas e não tinha vontade de ler, sentia que não me podia sacrificar muito mais, que tinha de atentar ao meu instinto de conservação, pois, na realidade, havia feito alguma coisa, talvez muito se considerarmos que o fizera praticamente só e isolado. O que há de mais perigoso na existência humana não é estarmos ligados aos outros, mas à realidade exterior de nós mesmo, quando deixa de haver sequência com o meio fechamo-nos em nós mesmos, ainda que seja arriscado manter essa ligação.

17.

Enquanto me sacrificava pela literatura, muitos escrevia acerca dos outros e de certa maneira, eu era um poço sem fundo porque era Outro dentro do casulo da minha pátria. No fundo, conversa acabada, a mulher manda, tem a faca e o queijo na mão, mesmo que a explorem para fins pornográficos, ou seja, ela é receptáculo e tem de coordenar a acção do macho com vista ao acasalamento. Por esta toinice é que Nuno Porto foi para a British Columbia, porque os filósofos andam por aí, tal como os sociólogos e antropólogos, cada um tentando descobrir coisas, tentando com mais ou menos tontice, afirmar-se academicamente, quando o verdadeiro ainda aqui está, deste lado da vida. E isto não é uma afirmação atribuível a Nietzsche ou Bruno.

Sim, quase sempre que pensava no sexo pensava na minha mãe, não essencialmente fazendo com ela, mas como seu filho e coisa de que merecia mais, como fosse uma companhia durável, estável. Fui ao indiano e trouxe uma garrafinha de Maceira, durante a noite, antes da uma, ele dizia “Maceira! Maceira!” , entusiasmado, enquanto eu voltava para casa e, com fome, comendo umas batatas fritas, via o jogo de Portugal com a Polónia para a Liga das Nações...

Sim, tentava ser otimista, afinal poderia ter vivido sem OCD, poderia ter vivido com ela, como se fora uma mulher que cá tenho intimamente, mas resolvi submeter-me à ciência psiquiátrica, à questão do controlo. Não há nada de verdadeiramente humano neste mundo, nem no outro, tanto quanto o conheço. Sim, perdi tempo de trabalho, mas aí a coisa se ajusta porque pensei que muitos homens e mulheres soubessem ler e nunca tive dinheiro para fazer algo de grandioso, ainda que o tenha feito. Sim, fumo porque me sinto só, estou farto de me oferecer e muitos nem com metade do que eu tenho e sou se afirmam. Muitos se afirmam (socialmente, hormonas?), com muito menos, com uma pequena parcela disso mesmo. É esta obra uma confissão, uma defesa? Apenas literatura, tanto quanto eu sei. Depois, estando a ver um pouco televisão, acabei por cair de novo na memória de um déjà-vu e , por outro lado, mais adiante, via a vida

com mais interesse, felicidade e facilidade, quer lembrando-me de Manu, quer lembrando-me de Tiago Frost, ou seja, tinha alguém de quem cuidar, um dia nossos pais morreria e esperava ir depois para poder completar várias coleções de livros das Edições Setenta, comprar um carro, fazer finalmente o doutoramento. Nesses dias, pois, a minha segurança argumentativa era a bolsa e nessa perspectiva parecia o mar ter já amainado. De uma maneira ou de outra, tinha de acabar esta obra e sentia, pressentia, que tal não estava muito longe, já cheirava o cheiro da fita da meta, entrecruzada pela mente, eu mais sossegado, entre os adversários, contra o vento. Dormira mal nessa noite, caíra mais uma vez porque não aguentava tanta carga especulativa, foi como se precisasse de um contraponto conceptual, um balanceio senti-mental e lembrava-me de Miriam, deitada de barriga na cama, enquanto fora fazer um café do Dia, que comprar a trinta e três cêntimos, era melhor que o Delta Q, só cada tubo custava quase quatro euros, era um luxo de café, longe das suites de Ronaldo ou coisa parecida. Acordara com alucinações, ainda pensei em ir até Riachos, mas por instantes procurava mentalizar-me que não devia, no fundo, nada a ninguém, nem os outros a mim, talvez um pouco e estava desistindo de fazer figura de pastor face aos outros, aos jovens, aos velhotes, pois na verdade, desde que Miriam partira, estava fisicamente só. Ou não?

Procurava ainda o amor e isso quase que estava me destruindo, não tendo eu um objectivo, mas persistia, palmilhava, esperava ainda das pessoas algum coisa que elas não podiam dar talvez estivesse ainda dentro de mim, era eu mesmo em transformação, enquanto o mundo se transformava também. Nesses dois dias resolvi dar uma pausa e quando assim acontece, acabo por acelerar ainda mais, ainda que não corra, ainda que esteja no fundo do poço, ainda que tente corre, como em sonhos, e não consiga sair do lugar um metro. De modo que resolvi tomar banho e sair, para mais um dia, afectei a barba e lavei os dentes. Miriam estava cada vez mais longe.

18.

Acendi um cigarro. Ficava detido em pé olhando a cama. Ora via a imagem de Miriam de braços, que depois possui do mesmo modo, ora via o leito por inteiro, vazio, sem ele nem eu, como que me dizendo que era aquela a cama onde iria dormir mais uma noite. Tirei a roupa já seca do estendal, fiz um café, coloquei a roupa morada nos dois varões, sentei-me um pouco à frente da televisão. Deitei-me e pensei na minha mãe, amargurado, mais adiante no meu pai, com quem quase não havia comunicação. Aqui não havia viagens eu tinha tendência para me deitar nos últimos dois dias, mas logo me levantava e esbracejava como uma ave de grande porte de um lado para o outro, considerava seriamente se haveria de sair e deixava-me estar, a pairar naquela casa vazia, eu vazio, numa espécie de trabalho de

recuperação de uma memória sentimental. Não estava fechado nem acabado, simplesmente não tinha gosto para certas coisas. Sabia que esta procura do amor me poderia deitar a perder muita coisa, coisa que eu poderia utilizar para captar atenção, como todos. No caderno azul, havia deitado uma série de pensamentos bastante importantes para mim, que devia reunir e compilar juntamente com outros cadernos, uns dez, doze. Não sabia ao certo se teria tempo e paciência para tal, afinal havia tempo que não lia nada de significativo. Nesse semana, estando em Lisboa, Manu nada disse, ficou pela terra, onde eu o iria reencontrar talvez no fim de semana. E ia, ao mesmo tempo, esquecendo Danny, à medida que ele não dava notícias algumas. Para ser sincero, eu ainda queria continuar, tinha vontade de ler, tinha a vontade suficiente para fazer ainda coisas admiráveis, mas sem suporte financeiro e sentimental talvez não fosse longe, ou talvez fosse, mesmo, numa direcção algo insuspeita. Finalmente, há que dizer que, quando estamos sós, duas coisas podem acontecer, algo de maravilhoso, algo de tenebroso. Talvez eu tenha mais do primeiro, mas do segundo também tenho, os fantasmas mentais são grande e luto, ainda não desisti, por chegar a uma relação estável com uma mulher, talvez não lute com tanto afinco quanto antes, talvez seja mais ponderado, inteligente, sagaz. Mas noto que me desgastei bastante nestes últimos dois anos,

nestas nove obras de ficção realista e nas teses. Contudo, há bastante mais que fazer, entrego-me `escrita e à efabulação como se estivesse numa ilha só, como se só nada mais pudesse fazer. Depois, mais adiante, talvez tenha descoberto a razão da pouca durabilidade e encetamento das relações amorosas: as pessoas, pelo menos as da minha geração e da mais nova, obviamente, mudam facilmente de humor, o factor psicológico confunde-se com o sociológico e a virtualização da vida em sociedade tornou tudo mais acessível, basta ter dinheiro, incluindo as relações, mesmo as não estritamente sexuais. Portanto, há um novo entendimento do que é ser-se feliz, claro que as pessoas querem ser felizes, toda a gente o quer, mas a questão é que, não só para a mulher, há objectivos de carreira, de **status**, como se fossem com isso promovidos a deuses do Olimpo, para fazer tudo o que quisessem, governar, dispor de homens ou mulheres, comer bem, deixar de trabalhar, viver numa ilha paradisíaca... Sim, eu estava confundindo certamente sexo com espiritualidade, ou não, segundo a tradição hindu, o sexo é sagrado. Mas será o porno isso? Não creio, ali trata-se de maquinações de envolvimentos diversos, aqui trata-se de romantismo. Mas, poderá um humano como eu dizer, explicar, explanar, o que é (ser) humano? Não caberia esse papel aos deuses? Sim, os humanos, fracos e voláteis, enquanto os deuses são implacáveis e

fortes... Amara é ter alguém do lado, ter alguém em que depositar um feixe de sentido, mesmo negativo, um ombro amigo, algo de exterior à nossa mente feita corpo que nos permita perdurar no tempo. Só, o homem ainda aguenta algum tempo, mas só, vai definhando a pouco e pouco até à extinção física.

19.

Então, intuí e pensei: não me podia extinguir, ainda que estivesse no meio de um processo de autodestruição, tinha de cortar o fio, anular os contactos antes que a bomba eclodisse dentro de mim, pelo menos teria de ter a oportunidade de contar alguma coisa a alguém, de transmitir, de viver mais um pouco, de tentar, sim, pelo menos tentar algo mais, muito mais, sair desse triângulo das Bermudas em que me situara um tempo e outro. De um momento para o outro, estava na cama, encharcado em suor e não sei porquê, achava-me um bebé, um bebé entre tertúlias e manifestos e depois considerei que havia bem pior, neste mundo. As cuecas eram anatómicas, mas tinha sempre aquela impressão de estar sujo. Reparei, mesmo assim, que andava limpo e bem vestido, no Metro algumas miúdas novas olhavam

para mim e eu percebia que, até chegar o resultado da bolsa, tinha de aguardar, é claro que outra gente, até com patologias graves, havia feito bem melhor do que eu, mas onde estava o ponto? Não havia sentido para a vida no meio de tantas referências, de tantas imagens, a maior parte delas abstrusas e intrusivas. Muitas nem sequer a arte poderia retratar, a arte, que é sempre social. Muitas, abatem o sujeito dominado por forças, sim, são forças que se abatem sobre o sujeito, o indivíduo, o actor social e que o oprimem, muitas delas do âmbito sexual, da animalidades, daí o sujeito procura ser sagaz, vê que lhe resta alguma vida e tenta ser feliz, mas é fruste essa tentativa, porque ele não é imortal e nessa busca de prazer sucessivo procura a imortalidade, a imortalidade na animalidade, que fica pregada na parede como um prego onde não se pendura quadro algum...

Mais um *déjà-vu*, a chuva sobre Lisboa. E eu em casa. Descobri porque é que muitos procuram a felicidade mas quando a encontram fogem dela. A excepção é o meu irmão Opuleio. Depois, percebi que o mundo é dos actores, são eles que se superam a si mesmos e, em certa medida, o Mundo, talvez apenas o seu mundo, mas que se dane, a emoção está acima da racionalização; enquanto que a emoção é do domínio do animal, do telúrico, a razão é da ordem do vegetal, daquilo que se não pode evitar, ou seja, o próprio

pensamento, ora nascendo, ora crescendo e se desenvolvendo. E ainda estou só, vivo só, sem emprego, mulher, bens, no entanto continuo acreditando numa espécie de justiça, como se fosse pai. Portanto, não percebia que importância tinha: criticavam-me, chamavam-me tarado e ordinário, mas faziam o mesmo que eu fazia, que eu dizia. E procurava ainda uma pessoa para viver comigo, velha ou nova, pouco importava, desde que não estivesse comprometida. A saída estava entre casar e passar o resto da vida no *flirt...*

20.

Sim, eu bem tentava fugir para a filosofia, que considerava uma forma de conhecimento elevada, mais elevado do que eu, como se estivesse jogando basquete. Tentava morar por lá, habitar, beber lá um café, em vez do inferno da pornografia, que eu via ainda, como muitas pessoas e que me cansava no outro dia a cabeça, me impedia de levar uma vida normal. Talvez não tivesse mesmo uma doença mental, talvez o meu mal fosse, desde sempre, os amores, por isso não valia muito a pena saltar, deixava-me estar no meio termos, porque seria muito complicado de encontrar a alma gêmea puramente erótica, sublimemente intelectual. E a culpa toda seria do Charréu, naturalmente, o meu amigo de infância, estou a brincar, seria eu mesmo assim (mesmo)? Não era esta curiosidade uma via indirecta e delicada de lidar com o sexo, como se estivesse constantemente a

aprender para poder praticar-amar da melhor forma, de uma forma “competente” ? No fundo, o que é o amor? Elas não fazem aquilo por dinheiro? Fazem por prazer? Hoje em dia, o que é o amor? Eu só reconheço amor nos jovens, porque os da minha idade, quando pensam em sexo, pensam em dinheiro, ou seja, para se arranjar uma mulher é preciso ter dinheiro, porém perde-se todo o romantismo e esse está no homem só, na noite de Inverno, à lareira, que provavelmente não consegue dormir e se masturba para o fazer...

21.

E continuava só, parecia-me que fazer esforço e mais esforço não ia dar a lugar algum, apenas sintomatizava os indícios de uma certa doença mental, quando um qualquer acaba por se fazer valer dos seus créditos, quando eu nada disso reclamava e quanto mais clara era a minha mensagem, mais me fugia aquilo que queria, entre os dedos, à minha vista. Sim, poderia ficar embrenhado em mil desculpas para comigo mesmo e os outros, podia ficar nesse *vão* da existência chamado melancolia e tristeza. Mas optei por resistir, por lutar por qualquer coisa, por realizar projectos e perceber que os maus momentos são amigos dos bons. Assim, nessa manhã luminosa, quando o sol entrava pelo meu estúdio adentro, resolvi tomar um banho e esquecer as postulas que tinha na cabeça, desde há pouco mais de quinze dias e fui comer um bom bife e beber uma boa cerveja. Passaram dias e eu tentando sofrer menos, parecia

que me ignoravam na faculdade de letras, teria de ir até lá para não pensar mais no assunto e falar com alguém responsável. Entretanto, conheci uma miúda adorável que logo se entregou a mim. Talvez estivesse tentando recuperar do imenso esforço que havia feito nos dois últimos anos, talvez estivesse apenas tentando sobreviver, mas não, a minha mãe e a minha irmã pressionavam-me mais e mais, nunca estavam satisfeitas com nada mesmo percebendo o alcance daquilo que eu havia conseguido. Por isso, naquele fim de tarde em que a chuva persistia, sentia fome e só tinha oitenta e cinco cêntimos. Talvez desse para uma lata de comida. Feijões.

22.

Não havia volta a dar, ainda descrevendo o que se passava comigo, o personagem irrompia pelo palco adentro, atônito, enquanto que o autor se debatia sobre os mais diversos temas do quotidiano, nada demais, nada de muito filosófico. Estava sua mente, seu espírito inquisitivo, algures entre o imaginário e a técnica, algures, numa zona algo difusa, entre teoria e praxis, prática, entre acção e pensamento, talvez numa zona de sentimento nublada e indecifrável. Descobria, no quotidiano do metro, qualquer coisa como uma nova vocação, um novo sentido para sua existência, uma nova modalidade de sentir e pré-sentir a pró-tensão para o outro. De alguma maneira, a necessidade teria aguçado o seu espírito crítico e construtivo sob as mais diversas coisas da vida social. Deste modo, passava de uma divisão a outra da casa e pensava nas inúmeras possibilidades de amar alguém. E pensava em Charlotte...uma mulher bonita dá imenso trabalho, mas...compensará? Uma

mulher menos bonita é afecto garantido, em certa medida se fores atraente e bem posto, ela confia a ti todos os seus segredos. Depois, dei à luz mais um título, o Filósofo Inocente, lembrando a obra de Barley, podia ser o filósofo indecente, mas lembrei que muitos, mesmo ricos, não tinham a coragem de ser tão liberais quanto eu mesmo. Entrei nessa noite escura e procurei sondar no meu espírito mais e mais coisas para fazer, tentando também dar uma certa coerência ao meu caminho anterior, ao que ficou para trás, sem parecer chato, sem correr o risco de me chamarem, mais do que parasita, carraça. Por vezes, quando estava mais do que cinco horas em casa, uma revolta emergia dentro de mim para com diversos temas, diversas pessoas, diversas instituições. Senti que estava sendo vigiado por várias entidades e pessoas nos meus actos, nos meus passos, nas minhas palavras. E mantinha-se um pouco em *stand-by(e)* um contrato com as grandes livrarias que me levasse às prateleiras das livrarias, coisa que talvez satisfaria o meu pai. Ligava ainda todos os dias à minha mãe, afinal o segredo da longevidade é manter o prototípico lema “mente sã em corpo sã”, o cérebro a funcionar em pleno e cheio de estímulos. Tinha estado com Domenica e não esquecera ainda Miriam, que me disse voltava a contactar-me depois dos Finados, como se quisesse dizer que estaria morta para mim, por isso, mais uma vez, fui esquecendo uma mulher. Afinal,

é só um livro, pensava eu, precisava de descansar para estar com Otilia amanhã de manhã. Com sorte, viria até minha casa e faríamos amor. Não era especialmente bonita, as mulheres e moças bonitas do interior de Lisboa, falhavam-me, não sabia bem porquê, e aqui estava sendo superior a Nuno Bragança e Paulo Castilho, superior a Paulo Borges e Alexandre Herculano, mas prosseguia, daqui a pouco estaria na cama, enquanto discutia com a minha irmã a propósito de dinheiro e nesta altura, deve-se notar, nem um convite, nem uma menção televisiva...nada, nada mesmo, parecia que a minha obra, apesar dos meus esforços, passava, ao lado, ao largo, de tudo e de todos. Isso não envergonhava o país?

23.

Depois, percebi que os outros estavam bem pior do que eu, eu apenas estava com os copos. A história não muda muito. Talvez seja melhor assim. Já não ando de um lado para o outro, com carradas de personagens às costas, inventando a minha falta sobre a falta de alguém. Não conseguia chegar a uma maneira de deixar de ser eu, de escrever apenas sob o meu ponto de vista, ainda que tal fosse, de certa forma, uma maneira de pôr as coisas. Arrumei certos livros em Riachos, na noite anterior, em Lisboa, havia bebido um litro de vinho branco de pacote à noite e quase vomitara as tripas pouco depois. Diante de mim a memória de uma cachaça e um telefonema da New School. Estivera naquele dia de Outono com Grace. Tinha os seios bonitos, não muito grande nem descaídos, mas podiam-se facilmente acariciar com uma mão. O seu sexo era perfeito, nunca vira uma crica tão bela. Grace beijava bem, de um modo voluptuosos, como se me quisesse devorar mantendo-me numa posição de estátua activa, diante dela, à sua mercê.

Esperava por um telefonema de Miriam, especulava (ou não, em sentido científico) sobre outras possibilidades respeituosas de amplexo, enquanto ia falando com a minha mãe, já bastante cansada, que dormir na Casa Principal. O pai acaba de chegar, estou em Riachos tentando esquecer as grandes questões filosóficas e, cansado, vou dormir. Sinto, antes de cair no sono, ainda alguma solidão, aplacada pela imagem dos seios de Grace nas minha mãos e do amplexo, para a frente e para trás. A perspectiva de tal se repetir não me anima particularmente, não estou com motivação para inventar (no entanto sinto-me só), fui feito para sofrer de amor, mas sei que daqui a dois, três dias, voltarei a ligar-lhe, nem que seja para, com ela, esvaziar a minha mente (como se ela fosse uma espécie de depósito) das imagens, alucinações e pequenas percepções acerca do sexo e da sexualidade...Lembrava-me dos problemas com os vizinhos, que de resto não eram problemas, eles falavam de mim e eu não lhes ligava puto, enfim, como não viajava, andava neste ram-ram até acontecer alguma coisa e sabia que se não tivesse dinheiro, não aconteceria nada. A pouco e pouco, pouco a pouco, encontrava alguma harmonia, enquanto contava a história de muita gente através de mim, da minha percepção e impressões sobre a vida e o mundo social. Naqueles dias, conhecia uma felicidade sem par, pensando em Grace e reparando que o meu esforço havia sido compensado. Einstein

dissera um dia que o segredo da felicidade seria manter os projectos, eu diria que é manter os olhos bem abertos. Olhei os passarinhos, tentando, como o meu pai, compreender o seu comportamento, pois nesses tempos também estudava etologia, sim, voltava a amainar a minha disposição de espírito e estava calma, tal como se vivesse já em new yorken, fumava um cigarro ou outro, não abusava, ia até ao café ver os amigos e sentia-me ligado a muita gente, ainda que amplamente autónomo no meu espírito. O pequenito Borges estava um pouco intranquilo, irritadiço até, diante de mim ou com a irmã, não eu não era a fuga das coisas que se passavam lá em casa, estava era quase que imune a qualquer crítica. Habitudara-me a isso e não passava importância. Pouco depois, nessa tarde em que falávamos, eu, a minha mãe e a minha irmã, a pequenita vestiu-se de Sevilha como se fosse Carnaval, enquanto o miúdo se expandia informaticamente enfrornado no seu laptop. Eu fumava um cigarro após o almoço, esparguete a uns bifinhos com molho de cebola. O meu pai foi até ao café ter com os amigos e pensava ainda em Grace, Miriam e Lilly...Mas não conseguia deixar de pensar em Márcia, enquanto as mulheres da minha vida, a minha irmã e a minha mãe, se ausentavam para com as compras. Resolvi então ligar para Nova Iorque. Sim, não tinha espaço na minha memória para muitos e variados persoangens e enredos os envolvendo e isso não era falta

minha, como se a vida tivesse tomado o lugar da morte e morto a minha imaginação, ou fosse talvez apenas uma perspectiva de ciência social. Interrogo-me se seria ou não bom escritor, talvez fosse, talvez um grande, até porque havia escrito e persistido em tanta obra sem grande aceitação pública. Muitos trabalhavam sob os aplausos, eu na sombra e no quase esquecimento. Mal esperava pelo dia em que pudesse dar aulas, depois de vir da América, embrenhado nos meus desejos e pensamentos mais ou menos libidinais, mais ou menos perversos ou deprimidos. A vida evoluía, naqueles tempo, e eu procurava estar ocupado, desta vez no meu estúdio na aldeia, havia quem estivesse melhor, mas havia também quem não tivesse oportunidade de ter um Tsunami única e exclusivamente destinado à escrita, adquirido em 1997, ano em que comecei a estudar Filosofia mais a sério, com música, luz, rádio e Cd's os mais variados, com cama mesmo ao lado, café, um pouco de cachaça e mini, isto é, cerveja fresquinha. Eram bons aqueles tempos e minha cabeça via via, ao mesmo tempos, forma de entrar em maior actividade, o que era conseguido em Lisboa quase plenamente. Ainda que estivesse um pouco cansado da vida social, ela trazia-me imensos prazeres e eu aceitava o jogo de rins, o jogo psicológico, as críticas, os insultos, não enveredando por esse caminho sitematicamente. Meu pai e minha mão, ambos da mesma idade, envelheciam a olhos

vistos. Se bem que o meu pai estivesse mais calados, ainda tinha dos seus momentos, estava curiosamente melhor do que no tempo em que regidi a tese. Minha mãe estava bem melhor do que aqui há um tempo atrás, em que teve vários acesso de nevrosidade e depressão. Pressenti que para ambos ainda havia algum caminho a percorrer, bem como para mim, de resto. Tínhamos passado maus bocados, demasiado maus e imerecidamente, em parte por culpa minha, que me meteram por atalhos ou caminhos que não importam assim tanto, mas podia recuperar tudo isso e, mesmo em pulgas na aldeia, procurava manter o meu pensamento sereno com o fito em Lisboa, onde podia ainda realizar bastantes coisas e nos EUA, cujo sonho de visitar e quem sabe trabalhar um pouco, parecia bem menos inatingível do que antes. Lembrava-me dos dias em que ia à faculdade de Letras ou outros locais, ver pessoas tão cheias delas mesmas, num sentimento de soberba a que estava demasiado habituado e eu, que fizera o que fizera, sendo talvez o filósofo e escritor do momento, estava numa aldeia, no mesmo sítio de sempre. Por isso Manu nada dizia, bem como Danny e outros. Inveja? Claro que sim. Mesmo a mulher de Manu dizia que eu era bonito e inteligente, o que está bem, eu entendo e até acho que está certo, mas dizia também que tinha recalcamientos. Recalcamientos, eu? Dava-me vontade de rir. Ela nunca fora boa bisca. Miriam, por quem me apaixonara, voltou a ligar.

Tive uma conversa com ela, queria sexo mas não queria compromisso, isso causava-me alguma estranheza, pois eu gostava dele, por um lado mesmo tendo algum relativo complexo anti-brasileiro. Mas enfim, eram também americanos e isso fascinava-me imenso. Sim, estava sempre pensando que a próxima seria a tal, que iria ficar mais do que um, dois anos com a mesma pessoa, mas elas sucediam-se aos meus olhos e meu tacto e nenhuma ficava, mesmo Miriam não queria nenhum compromisso, se bem que percebo gostasse um pouco de mim. Talvez estivesse fazendo jogo, fazendo-se difícil, talvez quisesse, como eu queria, ficar comigo, como eu queria ficar com ela. O meu pensamento havia estado com Grace e com o seu belo corpo, os seus seios bem definidos, a sua zona baixa bastante agradável, que ela havia rapado para eu poder acariciar melhor. Duas, três mulheres, embulhavam-se no meu pensamento, quando havia sofrido por elas (na verdade eram outras) todo uma enorme quantidade de tempo. O meu pensamento, no espírito, era como que um interruptor, ora as tinha, ora não as tinha e sentia uma quebra de tensão erótica fisicamente falando...Estranha solidão esta, diria extrema, pois não tenho compromisso com ninguém e quem amo não me quer dar compromisso e eu não queria ficar por aqui nesta minha aventura, meu pai vai-se deitar, dá dois traques, ninguém nos visita, aldeia está triste essa tristeza causa frio e ausência de ardor, tenho

saudades de Miriam e não sei se irei estar de novo com Grace, mesmo que não esteja com Lilly nunca mais nem com Eufémia, bastante longe disso. Os meus pais estão envelhecendo e eu tento animá-lo, faço tudo por muita gente e acabo quase sempre só, sim, apenas queria ter um ombro onde pousar a cabeça cansada, estive quase a entregar-me a Miriam, ela percebeu isso, por isso talvez não se tenha entregue a mim, sim, apenas queria ter uma companhia na cama, à noite, um corpo para abraçar e depois dormir e lembrei-me que ressonava, enquanto ela tinha aceita naturalmente o facto de fumar. Dexe a luz acesa do estúdio do jardim, acendi a têvê e fiquei ali um pouco a absorver o conflito e pessimismo desse média. Pouco tempo depois, a minha mãe desceu para me avisar que a luz estava acesa, "está a arder", como se fosse um fogo. De modo que voltei para perto do rádio que tocava uma música estranha, quase de Natal. Hesitava em ir ao café, sentia-me só, precisava de falar com alguém, mas não sabia imaginar quem e lembrei das palavras de Miriam, "Não conheço ninguém em Lisboa", de modo que resolvi ligar-lhe do fixo, correr o risco e falar um pouco com ela. Não sabia se o faria, talvez não o fizesse, talvez o fizesse. Senti grande solidão, uma tristeza de quase-morte, consolando-me a ideia de regressar de novo a Lisboa, onde a expectativa de encontrar e conhecer novas e até muitas pessoas me animava, me dava

folga dessa tristeza e cansaço extremo que sentia em Riachos, para onde vinha descansar, eu que tinha uma tese ainda na manga, eu que tinha uma obra considerável...Havia bastante gente que gozava comigo, desde o rádio à rua, eu não estava tendo alucinações, mas estava muito mais acordado e alerta que muitos que diziam mal e falavam em grupo, que viam em mim apenas defeitos, só porque eu não era "vão", comum, banal. Danny, inclusivé me havia abandonado, ia para mais de um mês que nada dizia, mostrou-se um amigo de valor moral muito fraco, quase desde sempre, numa amizade que desde sempre eu e apenas eu alimentara, era natural, para ele eram mais importantes as pessoas do que as ideias. Em outra medida, era órfão da filosofia, não de uma filosofia, mas desta actividade enquanto remunerada, ou seja, só poderia fazer mais filosofia quando tivesse desenvoltura económica e, por outro lado, a minha obra literária estava longe de estar terminada. Naquele dia de quase-finados bebi sete cachaças e tinha a cabeça pesada, mas não me dera vontade de vomitar como antes.

Fumei um cigarro antes de me deitar, bebi um pouco de água, tirei a dentadura e enfiei-me entre os lençóis pensando em Miriam...Mas pensava também no amplexo com Grace no sofá da sala enquanto víamos a SportTV...Por momentos deixei-me estar, o pequeno estava diante de computador, os velhotes já dormiam, agarrados um ao outro, tal como eu estivera

nestas duas semanas agarrado a três singulares mulheres e deixei-me estar ali naquela aldeia escura, pensando que se não fosse à América e se ficasse por cá não viria mal ao mundo, nem sequer ao meu mundo, e continuaria fazendo o mesmo papel de sempre, o de um tio divertido e arrivista que se pre-ocupa com e de todos...O pequenito dormia, eu lá me conseguira levantar cedo, não havia cuecas limpas e vestim-me com a roupa do dia anterior, estava pronto para regressar a Lisboa, talvez encontrar Miriam, que me pedira um encontro, talvez estivesse ainda em condições para trabalhar. Sim, não estava inventando factos, teria de continuar a minha jornada, este livro estava ficando bom, mas difícil, Miriam era tão obsessiva ou mais do que eu, vira uma confusão na minha casa recente, nova, queria estar comigo dali a um tempo e eu até a percebia, mas para mim fazia sentido a desordem da cozinha, os cabelos no chão da casa de banho, os lençóis por mudar. Sim, talvez fosse ela por quem estava esperando...

Sim, sentia que tinha dado muito e quase sem afecto nenhum, por um lado a minha mãe e o meu pai não se importavam com o que fazia. A minha filosofia, a minha narrativa? Talvez fosse mesmo o melhor escrito daquele tempo, o melhor antropólogo e filósofo. E de que me valia isso, se me sentia só, não havia nenhuma mulher que se atiresse a meus pés pedindo para ficar com ela, andar com ela, fazer

companhia. A vida não era literatura, mas eu não desistira (dela), nunca desistiria, porque mesmo que fosse um tormento largar Riachos, largar Lisboa, fá-lo-ia uma vez mais, outra e outra, procurando encontrar-me a mim mesmo. Um avez mais, no estúdio, entre as recriminações da minha mãe e os praguejos do meu pai, que eu não sabia bem ao certo o que queria, via e sentia uma energia negativa ali, afinal a energia positiva estava comigo, tinha ido muito além do que qualquer professor meu, mas continuava sem aulas neste país caótico, atrapalhado e desesperado e ainda por cima tinha gente de quem cuidar, o pequenos, os meus, a minha irmã, o meu irmão. E o mais extraordinário, mesmo nha discussão com os vizinhos, nos socos e imprecações, é que eu estava certo, estava bem certo. Sim, a minha mãe virava-se contra mim a todo o momento, não podia dizer nada, fazer nada, bebia mas sabia beber, não tinha insultado nem agredido ninguém, pessoas que nada me diziam. E a minha mãe sempre contra mim, tal como a minha irmã, como se eu nada significasse. Era isto a vida? O mundo? Compreendia o porquê de muitos que preferem a ordem do convento... Aqui mesmo há loucos, só que não tristes, não têm um pingo de capacidade reflexiva, não enxergam nada para além deles mesmos e de suas ambições, têm imenso dinheiro e não saiem do seu lugar quase ou nunca aristotélico, enquanto que eu só precisava de algum para ir até Nova Iorque na maior das

calmas. Sim, eu tinha a capacidade de comandar muita gente, não só era rei ali, nem escuro nem claro, apenas sibilino e denso, importante, mulheres a dar com um pau, nunca mais acabava, ainda assim, cumpria apenas o meu papel...sem grande alarido. De resto, alguém é alguma coisa, neste país. Pobre Portugal, uma tão boa matriz... Chiça!

24.

Ganhava mais se tivesse calado, sem fizesse a coisa pela calada. Entretanto, arranjei um advogado, um amigo que não via há bastantes anos e que é irmão de um antigo colega de escola. Estou sofrendo bastante com o sentimento de que a minha mãe terá sofrido bastante com os meus problemas e desvios, muito causados por falta de trabalho, quando eu, quase todo o tempo, insisti na escrita e na antropologia, primeiro, na filosofia, depois, apostei neste itens e pouco colhi até agora, pelo que vou nos meus dias considerando a hipótese de abandonar estas actividades para descansar um pouco e fazer coisas que me dêem prazer e descanso. Chegarão os meus livros a um público maior e saberão muitas pessoas o que eu me esforcei, muito para além das minhas forças e até capacidade, até para chegar a um ponto de uma certa respeitabilidade e, por outro lado, troça sexista, para chegar a um ponto em que não me tenho efectivamente de chatear muito para fazer as coisas nem de bater a esta ou aquela porta, pois, talvez não sinta sequer vontade de

continuar a escrever, ainda que o faça, na realidade por prazer doseado por uma certa forma de dever, algo kantiano, pode dizer-se. Cheguei a Lisboa, escrevi bastante à mão, no Caderno Azul, pensando em Miriam, mas foi Grace que me ligou, cinco minutos depois de passar a porta de casa. Fiz limpeza à cozinha, ao pequeno estúdio, à sala de estar, falta-me aspirar me lavar o chão. Fiz tudo isto pensando nela, algo zangado pelas críticas que me fez a várias coisas. Talvez não goste de mim, ou goste apenas para sexo ou pelo puro prazer do saber. Mas eu quero agarrá-la, vou inventar qualquer merda para lhe dar a volta, pois estou ficando velho e carcomido, ainda que não muito feio, pois tenho andado arranjado e limpo, mas a vida é assim, por vezes abomino esta cidade, claro que é uma relação de amor-ódio com bastantes dores de cabeça e tesões. Não me canso de o dizer e até postei no facebook: sozinho, sem amparo institucional, até ostracizado, escrevi oito livros e cerca de cento e oitenta páginas, uma tese em Filosofia, outra de pósdoc, que publiquei como sendo uma Antropologia Filosófica e não vou ficar parado, sei que vou continuar a ler e a investigar, investir no domínio da filosofia, acabar este livro (sim sou eu que me automatizo e programo, eis a minha independência de espírito) até final deste ano e em dois meses terei de pensar noutra, talvez por título “Neblina”, o título de um livro dela... Depois, pensei: a

mente dos homens nem sempre é clara, a maior parte das vezes é mesmo turva, para não dizer outra coisa, porque a santidade tem a ver com uma ausência de sexualidade, quer dizer, de prática sexual, relacionada com os usos de um saber social, porém individual articulado com o social, as outras pessoas, daí de notar o poder do sexo, diante do qual todos se espantam e admiram e que talvez seja, não digo o último dos tabus, mas a mais cansativa e acertada forma de observar como de facto os humanos são. E, nessa noite, um ou outro carro passava, eu ouvia um Best Of de Barclay James Harvest, melhor, Talcott Parsons, diria Alan Parsons Project e percebia que poderia ter sido um grande, grande escritor, se não tivesse existido numa exactidão socrática das coisas e dos sentimentos (das pessoas), dos sentimentos dos cães e dos gatos, do esborrachamento da barata sartreana no passeio de casa. Talvez fosse ela uma aluna de Sartre, de pois de ter comigo uma mosca quase morta, a espernear ao ritmo do bambolear dos outros desse autor notável. Mas depois pensei no meu rosto, no meu corpo, não precisava de forçar nada mais, tentaria ser eu mesmo, bonito, elegante, poderoso, potente e charmoso, admirável mas sempre óbvio e pretensioso. Sim, poderia também ter sido um grande, grande antropólogo, mas deixara esse título para o meu velhote, que se mantinha implacável e birrento em não me ajudar e minha mãe colaborava com ele,

talvez pressentisse que muita coisa iria acontecer quando eu, simplesmente, tivesse algum dinheiro para pôr em prática certas ideias, cujas outras de outros haviam sido postas também em prática com a ajuda do dinheiro de todos nós, daí que eu poderia bem gostar de fazer amor, mas não era chulo nem parasita, longe disso, tinha os meus altos e baixos e apenas, apenas estava à coca para subir à Estátua da Liberdade e deixar lá um exemplar em língua inglesa do manuscrito, tal como Camões fizera em Boliquireime...

25.

Muitos estão à espera que eu cometa um percalço qualquer na minha escrita. Quando perceberem isso, já eu cá não estarei. A vozinha da consciência que me entrou na mente não é minha, finge ser minha, sou tudo menos patético e triste, no entanto ela persiste e mina-me o sono, envolve-me e trespassa-me o espírito mesmo durante o sono, disfarçando-se de escorpião na narrativa onírica de um homem envolto em seus fantasmas. A psicanálise já explicou isto e aquilo, não é novidade, no entanto atormenta-me mesmo que eu não queira, como se o pensamento (político) derrapasse nas têmporas. Fumo o último cigarro do dia. Procuo não fazer, calculadamente, muitos planos, a cidade é atroz como um cubo de gelo que se derrete na minha Ginja. Bebi sete, oito cafés. Não corro há duas semanas. Tenho tomado a medicação. Não quero dormir. Nem sequer penso nela, estas coisas têm de se alimentar e ela não o faz, lembra-se pontualmente, timidamente, de mim, quando lhe dispõe o espírito ou o sentimento. Acabo por limpar quase

todas as divisões da casa e incorro no sentimento de revolta face aos antigos professores. Quero esquecer, embora ainda me interessem certos temas. Lisboa é uma capital, cidade europeia, cosmopolita, porém, há muitos amigos uns dos outros, conhecidos uns dos outros e a coisa vai bem, como muita troça melada à mistura e acidez num registo de jogo psicológico que enerva solenemente muitos dos meus neurónios. A vizinha não me deixa nem abandona. Será a voz do sangue, certamente. Todos vivem à pressa, na pressa de serem bem-sucedidos, em grupos que se arrastam pelas ruas. E eu não sei bem o que quero. Nunca quis. Talvez por isso venha a vencer, como uma caneta que se queima e dobra. Mas eu, sobretudo em certos assuntos, não sei dobrar, temporizar. Tive demais e continuo. Daqui a pouco, a nada, estarei ali e não quero dormir, ainda que esteja tremendamente cansado. Isto faz parte da vida? Às tantas faz, são febres que as pessoas têm, há que acreditar, as que perpassam as mentes dos americanos são outros, porém na sua estrutura mental é outra, a que chamamos mediania. Talvez sejam eles mais humanos do que nós, ET's, que defendemos a sociedade a todo o custo e nos esquecemos e todo e qualquer sujeito, individuo, actor social. Coisa feia, explorar um antropólogo que pede dinheiro emprestado à irmã, assistente social, para fazer teoria para doutores, aprendizes, bandidos, delinquentes e

políticos. Estranha coisa, esta a da humana, considerar louco quem nem sequer com ou sem droga se sustenta. Precisa apenas uma extensão do seu corpo, podia ser um cigarro, uma varinha de condão, um pau de dois bicos, como o vedor. Sim, eles estão dentro de mim, explorando-me, sugando minha matéria pensante-vivente e suas vozes multiplicando-se articulando-se para todos os ângulos no “interior” do meu crânio, sim, sei, sinto-os, vejo-os através dos meus olhos e suas sombras, confusos e malcheirosos em suas pestilências inferiores, pois não se cuidam, não se preparam, arranjam e racionalizam sempre alguma explicação para tudo e todos menos eles próprios, em suas obras sociais mediaticamente legitimadas, como se tudo isto fosse, como é mesmo, um vírus, uma coisa que se espalha, não se semeia criteriosamente, mas que se espalha aporcalhadamente, como se uma vara de porcos, despenhada por uma ribanceira, comesse orgiasticamente um corpo humano ainda viçoso, como num conto de Conrad ou Kipling. Não temo minha vida ou meu futuro, temo a interpretação assassina que certas pessoas têm feito dela, como se eu deve explicar tudo o que me acontece, substituindo o próprio Deus, o que na verdade até faço, antes por convencido favorecimento de mim mesmo e da fora de vontade para continuar adiante nos caminhos em que me desdobro.

26.

Nesse dia, encontrei, de novo, o segurança preto na FCSH, que me perseguia sempre como se que quisesse dizer alguma coisa. De facto, roubei há uns anos por lá um computador portátil, mas pouco depois devolvi-o ao dono, depois de ter vindo com ele para a casa e perceber que não lhe tinha acesso, instalei o Linux. O tipo deve ter ficado furo, mas não havia noutra altura outra forma de compensar o dano, devolver-se o aparelho e fi-lo, no mesmo local onde se dera o furto. De modo que o preto implicava comigo, eu não gostava de ir a uma faculdade e ter quem me barrasse a entrada, como quase acontecia na faculdade de Letras, onde um velho racista e fascista se aproximava de mim, aconteceu duas vezes, como que me convidando para entrar. As universidades não são lugares universais? Aguentem-se, também já perdi muito, agora quero ganhar, nem que seja numa das duas a dar aulas. Vamos a ver, por cá vou estando

e quando chego a casa, com vontade de correr e uma ginja na mão, dois velhos rogam pragas e dizem mal de mim, mesmo pode debaixo da minha janela. Não respondo, oiço, não é alucinação tudo o que tenho ouvido, são os vizinhos, pelas paredes e na rua, quem passa, deita postas e vai-se embora, não digo que sou importante, mas incomoda, sobretudo quando tens a consciência limpa e tranquila, vens para casa e agora está tudo em silêncio só porque teclo (?). Que há de tão importante na escrita que muitos a impedem? Claro, muita gente tem muito contra mim, sobretudo pelo que faço, mas não me preocupa, até porque não pago impostos por isso nem ganho nada. Serei vidente, clarividente, astrólogo, astrónomo, coisa parecida, mas não me conto oferecer a mais ninguém, nem aqui nem na América. Antes de mais, sou outras coisas bem à minha custa e dos meus.

27.

Não sou uma máquina de escrever, as máquinas de escrever, bem como os computadores, aturam os donos, ouvem suas indisposições e lamentos, os seus ais e uis, talvez devido a uma certa ordem que os analistas de Orwell saberiam explicar, sejam elas a mandar. Falei com Miriam, ao pensar no meu irmão, chorei, de como se tinha tornado um duro, coisa que eu ainda queria ser e a religião não me deixava, afinal estava fora de contexto e fazia as coisas mais ou menos bem. Algumas miúdas olhavam para mim. Grace não dizia nada há três dias, talvez estivesse pensando que seria sexo e mais sexo, nada mais. Talvez tivesse razão. O Porto ganhou em Moscovo, trouxe para os meus meios domésticos uma garrafinha de Licor Beirão e acabei por sair correndo por mais três ou quatro quilómetros. A minha vontade de arranjar uma miúda nova, a partir dos dezoito, quero dizer, maior, exacerbou-se e andei um pouco no chat.

Depois, sem a Olanzapina, entreva em territórios bastante dialogais mas perturbantes, as minhas funções e dons mediúnicos começavam a trabalhar, não, não era assim, eram apenas os vizinhos a falar, de mim ou de outros, da merda da vida, sempre insatisfeitos como qualquer humano o é. Depois, ao fim de mais de trinta anos em Lisboa, descobri uma palavra que define as mulheres desta cidade e talvez já defina há muito tempo (e não estou a ser injusto) as americanas: são ocas, quando ouvem os propósitos de um tipo não levam a sério (nesse sentido as brasileiras são bem piores, porque dormem connosco), de modo que eu não quero aprender a maneira de reviença que por aqui se faz, ainda por cima usando o trabalho e a posição social como desculpa num discurso que eu comecei a entender mas cedo descobri que não podia abandonar o meu, directo, francês ou espanhol. Todos se acham uma autoridade porque passaram mal e querem satisfações, que a gente fale o que eles pensam para fazer uma massagem cerebral grátis. Então? Metem-se na confusão e não querem arcar com as consequências? Isso é pedofilia!!! Toda a gente sabe que o futebol não tem piada nenhum, muito menos o hóquei em patins e é preciso dar disto e daquilo desculpa a toda a gente, até os criativos têm de pedir desculpas e lamber botas até poderem fazer o que querem. E eu, que nem metade do que quero fazer fiz, sou visto, criticado e julgado por imensa pessoa, que vou

fazer, do alto da minha solidão? Tornar-me violento? Continuar a ler e a escrever? A correr? Afinal, se estou em desvantagem moral, prática, conceptual, porque não hei-de continuar a fazer o que sempre fiz? É que não há silêncio, vem um tipo de uma rua e diz uma coisa, aguenta-se, vem outro diz outra, a maior parte andam calados e não permitem que um “estranho” como ele sem quer interromper seu sono, ou seja, poucas pessoas espontâneas por aqui há e eu começo a tirar as manhas e penso: vou aproveitar-me ou não? Vou aturar alunos, com a minha obra extensiva? Nem sequer a vou publicar, pois daria mais polémica e muito mais que não valeria a pena. Não ganho mais em andar tranquilo da minha vida sem levantar questões? Ou as duas coisas? Ou coisa nenhuma, uma terceira via? No fundo, acho que a maior parte não me conhece, os tempos passaram, assim como as pessoas, os do meus tempo estão mortos e enterrados e eu aprendo a viver numa cidade diferente, que não me atrai por ser repetitiva nos eu essencial, cuja graça eu vou forçando, não sou um empregado sério, não sou da rua nem da academia, no fundo todos sabem o que eu quero mas estão fazendo-me sofrer. Pois bem, já não quero isso, quero outra coisa, mudo e sou rápido de pensamento como um jovem voraz e ambicioso, competitivo, territorial. Vou passando, fazendo uma coisa e outra, sem grandes achaques e eu mesmo, na minha doença e na minha reforma, sou mais feliz e mais

saudável do que qualquer habitante desta cidade. Há bastante tempo, por que a indiferença face ao Outro radica na vantagem ou não que eu posso retirar dele. Se não me traz vantagem, abandono-o à sua sorte em sua in-diferença. Se me traz proveito, fico com ela o tempo até a abandonar. Mais não adiante, pôr assento na monogamia, seja de gay, lésbicas, hetero ou trans ou afins é uma questão que tem a ver com a ideia de sexualidade e a de sociedade na história do mundo, ou seja, talvez devêssemos considerar que não foi a globalização que trouxe o mundo tal qual ele é hoje, mas a sexualidade tornada pública e isso muito por culpa de psiquiátricas e cientistas sociais, cuja prática sempre foi sofista, aliás, nesse aspecto também se percebe a razão porque nos cursos de filosofia não se ensina ciências sociais, porque a filosofia é de que está, pouco de quem viaja. Nesses dias de críticas mais ou menos valorativas, vozes de todo o lado, não sei se por eu escrever, se por ver porno, se por simplesmente viver aqui, o homem dos chapéus, com o seu pífaro, salvou-me. Saí, indeciso se iria andar pelas ruas e pelo metro se iria até Riachos, novamente. Não estava aguentando o criticismo, depois pensei, em Cascais ou Oeiras seria diferente, desconsiderar-me-iam e fazia uma espécie de nó górdio no quotidiano... saudades da Expo, ainda assim quase todos gozam comigo, saliva, merda nos passeios, gente que só diz

mal uns dos outros e não percebem tipos como eu. É assim, quando vens com ares de superior, tentando mudar alguma coisa, a coisa pode correr mal, porque é uma espécie de psicofoda todo o momento e és levado a fazer o que eles fazem, mas não, permaneces serenos na cama, ouvindo as vozes, de uns e outros, femininas e masculinas, entrando pelos teus ouvidos dentro, atravessando a frio a tua mente, e não dizes nada, procuras entender o que se passa, como se pudesses entender uma bomba perto de ti. Tens um advogado mas não recorres a ela porque afinal és antropólogo e vens além da lei, com um pouco de religião e metafísica à mistura. Será tudo uma questão de grupo, de contexto, de história? Todos querem sentir-se bem, mas muitos preferem lamentar-se, não tendo coragem para afirmar-se, outros ancoram-se num par para parecer, para se defender, para se escusar de coisas que não são capazes de fazer sós. Outros assentam e nem se preocupam com o bem-estar e evoluir da sociedade. O que eu vejo é que eu me preocupo e parece-me que não muito proveito tiro daí, dessa preocupação, misto de especulação e cientificidade, de poesia e prosa. Não sinto especial atenção que os meus conhecimentos sejam mais disseminados, afinal eles também reflectem um tempo. Há demasiado ruído, é claro que não o centro da atenção das coisas, talvez nem q ueira ser, apenas pensar em Miriam, já que Grace parece perdida para sempre...

28.

Choveu um pouco. Percebi que, neste tempo tinha tido tempo para escrever a minha história e da do meu mundo, do meu país. Bebi uma cerveja enquanto via o MCM e o puto jogava na sala dele. Bombas e tiroteios nos Estados Unidos. Talvez porque eles não se adaptem a outras sociedades, o segredo das coisas do mundo, naturais e sobrenaturais, esteja precisamente com os ciganos. Alfa disse-me que estaria em Monção, numa pousada, enquanto Grace e Miriam permanecia sem dar notícias, o amor era uma coisa que passava por nós, uma espécie de febre, uma nuvem que voava oscilando sobre nossas cabeças. Enquanto Miriam fugiu para Paris para estudar pintura, com Grace eu gostava de conversar calmamente à beira do Tejo na Expo, ao passo que Miriam me dissera que queria um amigo mas não me queria ter por perto, de modo que a nossa relação, embora bastante

carnal, era mais ou menos telepática, ficando eu sempre comigo com os restos da sua presença. Gostava de a beijar, mas não me lembrava de o ter feito, ao passo que com Grace as recordações sobre o beijo e o amplexo eram estonteantes. Parece-me essencialmente que quem escreve não vive, habita numa certo planeta de Saint Éxupéry e é tão frustrado e melancólico quanto o pornógrafo obscuro. Por isso, era tempo de viver. Depois, percebi que tinha finalmente de tomar a lide, por mais obstáculos que se aparecessem pela frente, humanos ou psíquicos. Sim, na realidade estava mais uma vez só na cama, talvez tivesse de casar um dia para tal não voltar a acontecer, a história conhecia novos contornos e eu conhecia uma delícia no pensar inaudita, quase superhumana, enquanto na televisão me mandavam bocas várias, entre alguns elogios. Eu era finalmente o homem do momento, mesmo não estando em nenhum palco, discoteca ou écran. Deitava-me fervendo como em pequeno, debaixo dos lençóis, livros dos cinco. Miriam estava desta vez no Porto, acompanhada de Grace, enquanto eu, por outro lado, fazia contatos com Alfa, que viria em Dezembro. Dada a eminência de uma ditadura militar e policial no Brasil, muitos brasileiros vinham para Portugal, a relação com Miriam, de quem eu gostava, era distante, talvez apenas telepática do meu lado, pois ela queria autonomia e não alimentava nada, era fria, eu sabia disso, tinha problemas, talvez

pertencesse ao meu grupo de portadores de transtorno obsessivo-compulsivo, ao qual aderiam, obviamente, muitos brasileiros e brasileiras e muitos, não só estes, estavam vindo para Portugal. Aproveitaria eu isso, em que sentido? Não, não era médico, era mais do que isso, um ser sensível que ainda procurava o amor, ingenuamente. O miúdo, que levou o computador para o quarto, estava quase dormindo e eu desligara a televisão e a net. Era assim que o meu pai me fazia em pequeno. Minha mãe revoltava-se contra mim, meu pai não me dava satisfação de coisa alguma, não me dirigia há anos uma palavra, nada dizia, mesmo indiretamente, tal como o meu cunhado, com o qual ele falava mas que não falava comigo. Mesmo a minha irmã, quando estava em Lisboa nunca me ligava e me antagonizava constantemente em Riachos. Talvez em breve ela quisesse ir ao apartamento de Lisboa mas não precisasse. Meu irmão nem à minha mãe telefonava, sendo eu que lhe ligava, uma ou duas vezes por semana. Era mais bem tido junto do meu do que eu, que sempre vinha à terra. Talvez a minha vida estivesse mudando e a minha obra viesse a ser reconhecido, juntamente com a minha tese e inclinação para a filosofia...Depois percebi que, depois do 25 de Abril, o governo socialista podia cair, através da Rádio Sim, que daria a ordem por meio de uma canção "Baladas", de Rodrigo. Quando a hora mudasse, haveria um golpe de estado liderado pela PSP, GNR e os

militares. Eu estava sendo injustiçado há muito tempo por gente burra, ostracizado talvez apenas por ser filho de emigrantes em França. Mas eu tinha muita coisa que me mantinha em equilíbrio. As coisas passavam e com o tempo eu iria a Nova Iorque, talvez mais do que uma vez, viria para este país e iria a Paris, sempre como escritor, maior e menos do que muitos, mas sempre fiel a qualquer coisa como a minha filosofia e a minha escrita, tanto o native point of view como o meu point of view. No frio do meu estúdio, chegando o Inverno, percebi que estava afinal a ver mal as coisas e por mais que me esforçasse, não sairia de uma certa miopia; todos os ostracismos e ditaduras começam nisso, as sociais e as individuais. Não me saíam da memória as palavras de Grace: "Victor, gosto de estar ao pé de ti". Talvez fosse isso mesmo que eu procurasse, não tanto o êxito social, profissional ou entre as mulheres, esta com alguém, perto de alguém, nas cercanias, no redil, isso me fazia viver e não era nenhuma espécie de posse obsessiva e masoquista, doentia, era uma forma de estar ligado a alguém, descarregando ficheiros, memórias, sentimentos e emoções, intercambiando, recebendo também, claro. Por vezes sentia medo de sair de Riachos para Lisboa e vice-versa, às tantas arranjava explicações sobre uma ou outra maneira de empreender certas coisas, valiam-me as minhas mulheres, embora a maior parte do tempo pensasse só numa, acho que

éramos todos um pouco loucos naquele tempo, as televisões não paravam de jorrar notícias mais ou menos descabidas e o governo reiterava a ideia de que tudo estava bem, normal, incluindo as pessoas, aí eu não podia mais discordar de Foucault, que defendia a sociedade em detrimento do indivíduo, é como uma criança, tem de ser disciplinada, como se preparássemos a torrente de um rio que nunca pára, nem na morte.

Ceguei a casa, logo a encontrei sozinha, como eu, senti saudades da mãe, reparei na minha mente como ela faz quilómetros num tão pequeno espaço (de tempo, também), está sempre activa, o meu pai também. E o vizinho do lado, falava, falava, talvez umas coisas sobre mim e não parava de falar e eu nada podia fazer.

29.

A minha solidão tinha essencialmente a ver com a minha falta de depressão e culpabilidade, com a falta de esquisito orgulho, tinha a ver com a minha produção. O meu prestígio social aumentava, eu produzia e sentia que estava mesmo no final desta obra, quando tinha saudades de Miriam e Grace ainda mantinha contato, ainda que não meramente físico, comigo. Não surgia uma grande editora, mas eu fazia questão de iniciar “Neblina” no início do ano seguinte àquele que estava para terminar. Seria, dali a meses, dez livros em dois anos, sem contar com a tese e a *Antropologia Filosófica*. Estivera com Manu em sua casa, comendo frango, também com Danny, em Riachos e voltava para Lisboa sem nada de especial para fazer, de modo que teria tempo para escrever bastante e com alguma qualidade. Não sabia ao certo o que iria fazer depois de Fevereiro ou Março do ano seguinte. Descansar? Trabalhar? Esperava pelo resultado da candidatura à bolsa, que chegaria por essa altura. Depois, logo veria se iria continuar a estudar filosofia, enquanto punha na mochila *Being and Time* e *L’ Être et le Néant*, exclusivamente para ler no Metro. Mais fraco, ainda sonhava

com Nova Iorque, mesmo que não tivesse dinheiro de herança alguma. Prometia a mim mesmo continuar a correr... e a solidão picava na minha alma, procurava arranjar um gatinho lá para casa. Não, retirei esses dois livros da mochila, porque eram pesados, andei de um lado para o outro com auscultadores nos ouvidos e pensei “tenho de mudar estas músicas”, vi muita mulher boa e cheguei a casa um pouco cansado, baralhado, farto de tudo isto, muitos fazem menos esforço e ganham mais dinheiro, há doutoramentos a pontapé, hoje em dia, doutorados frustrados encostados às universidades ensinando baboseiras de todo o tamanho, mas de certo modo como não me dizem nada, vou esquecendo e escrevendo o lastro da minha vida, da minha biografia, à medida que progrido. Depois, percebi que havia algo de muito errado: enquanto eu prosseguia a minha escrita, a minha investigação, nada nem ninguém me dirigira algum convite, por exemplo, para assistente convidado. Lisboa estava cheia de panelinhas dessas, mas eu não estava com intenção de me juntar a ninguém, corria por fora, trabalhava sozinho, mesmo que custasse mais, algum dia compensaria. Depois, disse-lhes, na Reitoria, “fiquem lá com as gajas que agora quem manda aqui sou eu” .

30.

Liguei ao meu irmão, o sentimento familiar era sobretudo alimentado por mim, enquanto a minha irmã estava mais próxima da minha mãe e de mim, eu estava mais próximo do meu irmão, sempre fôramos quase gémeos. No aeroporto, as pretas metiam-se comigo e eu via uma nódoa de café na blusa de uma delas, outra no chão do metro. Eu gostava de Lisboa por causa disto, deste abandalhamento, fazia-me lembrar a minha infância, quando íamos arrear a calça e víamos a cueca cheia de um lastro de merda, ou quando, já na secundária, um grande cagalhão de merda estava espetado na parede ou outros diversos, aqui e ali, fosse no passeio do ISCTE para a Cantina, fosse nas retretes da Escola Secundária. Depois, tínhamos de mudar a fralda aos frades que se borravam todos e de lhes limpar as sanitas de alto a baixo. Depois, de facto, eu era mesmo o maior, o Rei de Lisboa, que tinha iniciado *Demopolis*, jogando com a ideia, de Miriam, de que na Neblina surge o salvador de Portugal. Não tinha de ser assim, mas era na realidade, para muitas pessoas. A democracia, aqui, como noutros lugares, era a maior das ditaduras, a do povo anódino, anarca, louco, desvairado, insatisfeito nas suas paixões e raivas. Mas era melhor assim, uma perspectiva e tendência algo animalesca, selva urbana, pois assim se viam os mais fortes, se filtravam os mais fracos, sendo que o melhor seria aquele que saberia dosear força física e equilíbrio espiritual. A

intelectualidade estava reservado aos do norte da Europa, ficassem com ela eternamente como um privilégio dos povos que bebem vinho tinto de pacote. Enquanto isso, Miriam nada dizia, a telepatia exasperava-me as partes baixas, via muita mulher bonita no metro e isso fascinava-me, quase me matava do coração, sim, eu era potencialmente um realizador de cinema, um guionista já era, sem dúvida, era um fotógrafo de moda, tudo em potência, mas como respeitava, em certo sentido esse trabalho e sobretudo por estar quase velhote, restava na literatura, aqui e ali, entrementes com alguma ciência mais ou menos filosófica. O segredo, como em tudo, era ir muito mais além do que os outros, na realidade, a solidão não existe, é uma ilusão, tal como o amor, o sentimento de estar em comunhão, não existe, é uma ilusão. Enquanto a filosofia privilegia o sujeito, o que me parece ser uma atitude bastante fraca e débil, a antropologia privilegia o Outro, o que me parece também uma atitude bastante pobre, a sociologia está lá perto, pois pôr ênfase na relação, no elo, nas relações e isso é o que faz sentido hoje em dia, o mundo e os homens precisam de se perder, ainda mais do que estão já perdidos, para que a humanidade se junte de novos nalguma forma de sentido. Mas o mundo perde sentido, por isso se faz tudo banalmente, sem sentido e sentimento, sem carga moral. Temos de brincar com o assunto. A moralidade tem essencialmente a ver com o

passado, a história, o que fomos e é na medida em que temos receio de Não-Ser é que somos (assim). Deste modo, só a Filosofia faz sentido, pois ela torna propício o abandono do corpo da mulher ao seu macho. Geralmente, Joseph Taigen não se aproveita da sua herança genética ou do facto de ter sido filho de emigrantes em França. Não é o seu estilo, porque a vida, a ser captada, é qualquer coisa fugidia, que não se impõe, tal como uma enguia. O filósofo e o sociólogo olham para a sociedade com um tom moralista, como se ela se estivesse a perder e depois tudo retoma os eu equilíbrio. O antropólogo mistura-se mas guarda sempre um pelica, uma separação, uma distância, como se estivesse envolto em plástico transparente face à sociedade que analisa, como se fora um estrangeiro. O filósofo não gosta de sociedades, ele é mais do que uma abelha, é o saber por extenso que não faz sentido algum, mesmo em Sloterdjick ou Zizek, além de si mesmo, do absurdo e do Nada, mesmo na literatura, talvez respeite demasiado a vida para não a respeitar, ao fim e ao cabo. É um frustrado? Não creio, é um atleta do pensamento, como se a sua mente, se ela fora uma unidade indivisível, já que não acredita na sociedade, pudesse descortinar, desvelar, todo o mundo, todo o teatro nele contido. Ao fim de contas, para dar sentido, a questão da existência tem a ver com a relação do homem com a animalidade que há em si e ele espante-se com isso, porque o poder é essencialmente

uma coisa sexual, vital, orgástica, distributiva e temporal, como em África, se excluirmos certas colônias de missionários. Eu, por minha vez, percebo perfeitamente bem o mecanismo do casamento e da monogamia, tem a ver talvez como uma questão de posse, com a alegoria de que ela quer, que ele se transforme em estátua quando chegar a casa, para não chatear, porque a análise e o diálogo cansam e que se transforme de novo em homem de carne (“mardita carne” , dizia o filme brasileiro) quando for para a cama, quando quiser. No fundo, o homem é um robô.

31.

O problema do mundo de hoje é que a mulher já não compreende o homem como dantes, é esse o padrão. O homem quer ser compreendido porque quer manter o padrão da proteção-dominação que sempre fez face à mulher. Não há nada de muito complicado e indiscernível, mesmo

filosoficamente, com a sociedade. Tudo se reduz a essa relação, em que um é dominado e o outro domina, a tempos vários e diversos. Quando não tenho amigos, não tenho, paciência, faço outra coisa, mas não arranjo propositadamente amigos a propósito de nada. Na sociedade ocidental, o que se faz tem de ser dado em conta aos outros e quando um se destaca, ou é acarinhado ou é constantemente ostracizado, criticado e vaiado. Na verdade, não há lógica alguma nas sociedades e, por arrasto, nas culturas, enquanto as sociedade “avançam” por impulsos mais ou menos espasmódicos, as culturas proliferam através do imaginário, no lócus da hora nocturna. De resto, o essencial da vida tem a ver com o dilema entre carne e espírito, entre ter uma atitude activa ou contemplativa face à realidade e ao Outro, sendo que as duas se encontram bastante interligadas e eu mesmo fiz essa ligação como ninguém neste planeta, talvez mesmo nos outros. Entretanto, dava-se uma colisão entre duas motas na Marginal, nesse dia de quase inverno. Podia ser entre mim e o meu irmão, mas eu não procurava isso. E ele não me ligava. A literatura é inocente? Tanto que não faz bem a quem ela se dedica. Esperava pelo sol para correr meia hora e voltar a casa para a mesma rotina de sempre, escrever, ver televisão, ouvir rádio, ler, um futuro sempre adiado, já

praticamente sem Grace ou Miriam, afastadas de mim pelos condicionalismos da vida, pus o boné e lá fui, de cinzento, grená e verde, com os ténis pretos e verde-fluorescente. Podia ficar e ser o mesmo chato de sempre, mas fui, estava chegando a qualquer coisa e tinha de continuar, ainda sozinho, mais uma noite só, com as cuecas cagadas e a retrete cravejada de espetos de moscas e enguias. Afinal, quem era o cromo, os que andavam a todas, os que andavam calmamente e que se enervavam por dentro, tendo paciência e às vezes batendo uma com o pulsar do mundo? Não havia pachorra para mulheres, sobretudo do norte da Europa. No entanto, cada vez gostava mais delas...e de Miriam, já agora.

32.

Talvez estivesse, para alguns, vivendo uma vidinha, quase miserável. Mas o meu espírito persistia pontiagudo e com bastante vitalidade. Pensava em apresentar um texto meu a diversas revistas internacionais, tais como *Man*, *Esprit*, *Mind*. Ainda tinha desejo forte de ir a Nova Iorque, parecia que o meu comportamento se ia ajustando

a essa maneira de viver, a um *New York state of mind*, mas não, eu estava nos termos de um *Lisbon State of Mind* e assim continuaria, creio que por alguns anos mais, talvez dez, vinte, quem sabe trinta. Depois, como se Grace e Miriam não dissessem nada, por diversas razões, pelas suas e pelas de outros, eu decidi, bem no interior e no fundo do meu espírito, esquecer, não podia desistir, pelo menos enquanto não soubesse o resultado da tese, o que poderia levar até três, quatro meses dali, mas não estava obcecado com isso, embora fosse uma vergonha (não para mim, obviamente), eu não a conseguir. Sei que ficaria bastante desalentado se isso acontecesse, dar-me-ia até vontade de ir para Riachos e levar, de lá para Lisboa, uma vida calma, talvez um pouco entregue aos prazeres da carne e do espírito sob outra forma. Entretanto, nesse dia passou por mim um jovem filósofo da Nova no Aeroporto. Não me falou, realmente eu nunca falara grande coisa com ele, mas fiquei pensando. De algum modo, o segredo para viver, suportar, qualquer doença psíquica seria narrar os seus pensamentos ou então mantê-los secretos, algures dentro de uma caixa da memória que se inventasse através dos dias, havia velhotes bem mais experienciados e sabedores do que eu, mas eu ia vivendo feliz, é claro que era ambicioso, mas com a vida ora banal ora especial que se

me apresentava, eu ficava confundido num momento e atônito no outro, não sabendo bem o que fazer, aliás, tinha muito poucas seguranças naquele tempo, tinha posto muita coisa em causa, para erguer um belo e imponente edifício, teórico, mental, onde me poderia resguardar nas noites geladas de Inverno que se aproximavam.

33.

Sim, poderia dizê-lo numa revista académica especializada, mas digo-o aqui, por aqui, neste meio bem pessoal e ao mesmo tempo universal: o problema da psicologia é que afunda o homem, não tem em consideração o costume, ou seu, a reiteração de formas de ser, saber e

fazer num determinado contexto, obrigatoriamente cultural, vê a mente e não pára, não respeita o sujeito, sua sabedoria e vontade, de ser e se transplantar para outros contextos, ou seja, a sua animalidade, coisa mais humana não há. Depois, pensei que a minha obra fosse autofágica, não sabia bem onde me dirigir para dar o tiro certo no alvo, ou seja, tornar-me mundialmente conhecido, como diversos autores, Agualusa, Mia Couto, Gonçalo M. Tavares, Miguel Sousa Tavares e outros que mais, entre os quais alguns franceses e espanhóis. No fundo, todos querem dar a queca. E os que não querem podem bem ser os mais fortes e sabedores. A sexualidade confunde-nos e eu estou apenas a tilitar e pontuar num registo bem fora de mim, numa linha de costura que me há-de fazer coerência sem conflito bastante mais tarde. Sim, cheguei aos trinta e seis livros, ainda sem grande sucesso e já não vou a tempo de mudar a minha maneira de ser. Olho para a minha obra Razão e Civilização, que é bem uma tese em ciências humanas, portanto bem para lá de Maffesoli, Vattimo e Foucault, talvez mesmo de Nuno Nabais, Luis Bernardo, António Caeiro, Paulo Valverde e talvez o próprio Nietzsche. Estamos no século vinte e um e nem tudo é permitido, eu escrevo o que sinto, o que pressinto, ao meu redor, fora de mim, sendo o cérebro uma caia, mas ao mesmo estou interessado na mente enquanto túmulo. Enquanto muitos correm logo, com muita ou

pouca sede, para chegar ao objectivo, eu deixo-me andar, pois olhos maravilhado para a múltipla variedade do que meus olhos vêem, porque não há objectivo e eu mantenho-me no meio, como apenas um geógrafo, um antropólogo e um filósofo das coisas e das ideias. Sim, a filosofia é coisa de merda e bufas, coisa mal cheirosos, por isso a inundam dos mais variados e espetaculares perfumes. E a antropologia é coisa de avatares, terra e coisas mais ou menos himénicas ou fálicas, naturais bem como triviais e desconcertantes.

34.

Aquilo que as pessoas fazem, o seu discurso inclusive, define o que elas são, porque vivemos num mundo plural, de escolhas múltiplas e variadas.

Depois, parecia que a minha sorte estava a mudar. Enquanto alguns troçavam de mim, outros admiravam-se por eu ter conseguido, praticamente só, ido tão longe. Mas não ficaria por aqui. Talvez conseguisse um financiamento de um tanto dinheiro para ir aos EUA buscar novas ideias, para pagar o doutoramento e finalmente discutir a tese, de pois de três anos de grandes conquistas, abnegações e sofrimento, de problemas, inclusive o problema de saúde da minha mãe e da minha irmã. Sim, a minha sorte parecia estar a mudar, tudo por obra da minha persistência e empenho. Teria de rever a tese e no ano seguinte, dali a uns meses, já que aquele estava a acabar, teria talvez discutida a tese. Talvez tudo tivesse a ver com os locais onde ia, as pessoas que encontrava, o jovem filósofo do dia anterior, a agregação que podia conseguir a uma ou outra universidade, a vontade de continuar a ler, escrever, pesquisar, estando ainda uns anos valentes por Lisboa, afinal a minha cidade. Contava comprar umas coisas, ter essencialmente dinheiro para viver e não esperar que uma possível herança resolvesse tudo de um dia para outro. Tinha essencialmente livros a comprar, material de papelaria, destacar certas páginas do facebook, um candeeiro para a mesa do estúdio, mudar de óculos, fazer uma revisão aos dentes, melhorar a minha aparência, tentar viver um pouco melhor e lembro-me que conheci Lilly na época em que fazia o mesmo que estava

fazendo na época, uma *pousse* para qualquer coisa de melhora na minha vida, que passava essencialmente por deter o canudo e fazer alguma coisa com ele...Mais para mais, a discussão da tese em Filosofia para inglês estava em marcha. EM breve poderia ir a Nova Iorque apanhar umas luzes, conhecer umas pessoas. O meu espírito conhecia, por vezes, um grande arrebatamento, outras abatimento e eu procurava estar quase sempre (mantido) no meio-termo, não fazia as coisas tanto com afã desenfreado, mas mais com a devida ponderação. Sim, estava ainda escrevendo livros falando sobre mim mesmo, mas o projecto era, no próximo, já que este estava terminando, escrever uma verdadeira história, romântica, policial ou meramente educacional, ficcionada, que talvez viesse no caminho de um projecto como *Demopolis. Neblina* era tudo isso, enquanto deixava para trás *Uma Teoria da Sociedade*, plasmada nos cerca de vinte cadernos, blocos, folhas soltas, etc, que estavam descansando sob o pó do tempo e o tempo do pó(s) no meu estúdio, na prateleira de baixo...

35.

Não havia que complicar. Eu pensava em Miriam. Afinal, a sua recomendação para colocar um ambientador no WC fazia sentido, ele cheirava mal, não apenas por si, mas pelas

infiltrações de outros apartamentos. Em breve, não estava bem certo, ela viria ter comigo, faríamos amor e eu poderia libertar-me dessas ânsias de roçarem, ou “pauis de roçarem ânsias”, como dizia Pessoa, dentro de mim, através de mim para rua de auscultadores na cabeça. Arrumei finalmente a roupa desordenada, mal passada e irritada do guarda-fatos, Para tudo ficar mais ou menos decente, faltava varrer e lavar o chão da cozinha e do WC, aspirar o tapete da salinha de estar. Fazia alguns dias que ela não dissera nada, eu também não queria intrometer-me, sabia que ela tinha consciência dos meus avanços para com ela, ela sabia que eu queria qualquer coisa, talvez um compromisso, mas não contava ir até Pernambuco com ela, queria eu que ela ficasse por aqui e, talvez, a fizesse de minha mulher. Sim, talvez mais um projecto fosse casar, em vez de andar só a maior parte do tempo. Fiz a cama, ainda tinha os lençóis para mudar, vesti-me, não pus os *slíps* moldáveis às ancas, ao amplexo, vesti os de ontem, parecidos com os do meu pai e estava com uma imensa fome, desde as quatro da manhã acordado fazendo coisa, pensando em Lisboa, Riachos e Nova Iorque.

36.

O OCD (OU TOC-POC) tem essencialmente a ver com uma dupla consciência, ou seja, a consciência dos excreta, do pós, de outros desperdícios da mente e do mundo, e a consciência do mundo. Por isso, resolvi voltar a pegar no *Timeu*. As outras patologias mais graves têm a ver com o deslocamento

alucinatório inserido no balanço espaço-tempo. Resumindo certas coisas que venho pensando, porque não havemos ser bons se a vida, a nossa vida singular e em particular, é falível, ou seja, somos relativos ao universo, de outro modo o objectivo da vida individual é, em certo sentido, a morte. Porém, a alma pode sobreviver além do definhamento do corpo e se tivéssemos mesmo certeza científica disso, haveríamos de ser melhores pessoas porque sendo imortais? Não seria a imortalidade uma singular chatice e um infundo aborrecimento? A nossa vida vai-se transmitindo aos outros em vida, o nosso halo, éla, energia vital, tanto aos mais novos quanto aos mais velhos do que nós e das mais diversas formas. Esse é o segredo da vida, o sujeito não se contém ante o “inacabamento” da sua existência, ele é um, uno, em relação com o Outro e o Cosmos. Fui falando estas e outras coisas filosóficas com o meu irmão de sangue, porque com o outro não falava. Sim, parecia-me que chegara a uma conclusão bastante retumbante e espetacular: o segredo da vida feliz seria dosear o público e o privado. Muitos viam a felicidade como os bons momentos junto dos media e nos eventos, públicos ou privados, outros cultivavam o secretismo nas relações de modo a se precaverem de qualquer eventualidade menos desagradável. Face aos meus argumentos de defesa da vida social e pública, o meu irmão rebatia: o mais importante é a gestão do silêncio. Sim, na verdade,

quando somos felizes, é esse o caminho, a tática, mesmo que dê bastantes dores de cabeça, o que equivale a considerar a felicidade um bem precioso, tanto ou mais que muitos metais valiosos. Portanto, um doseamento certo entre público e privado é o segredo. O conhecimento, a consciência, auto-consciência, estar em casa mas estar na rua, alternando, estar na rua estando em casa... O dia estava nascendo, brilhante, como se houvesse dois sóis, cujos raios entravam ora pelo estúdio adentro, a sul, ora pela janela da cozinha, a norte. Só precisava de comprar um maço de tabaco e tomar o pequeno-almoço para estar de novo pronto, depois de uma noite com quatro horas dormidas, sim, a casa estava impecável para receber Miriam, eu estava bastante ansioso mas tinha de esperar mais uns dias, entretanto procurava estar entretido, entretecido nos meus pensamentos e reflexões de vária ordem, a casa estava limpa e bonita, airosa, ainda que com um leve cheiro a tabaco, mas nessas como noutras questões, eu não panicava. Depois, com vista à fama e ao sucesso editorial, tinha de vencer um grande medo, entranhado até ao fundo no meu espírito: quando vencia qualquer coisa, tendia a refugiar-me em mim próprio, o que poderia ser tido como sinal de humildade... Sim, tinha medo de viver, de assumir uma relação com alguém, talvez o meu fito humano e relacional tivesse todo a ver com isso, essa coisa na forma de pessoa que eu

procurava, a adequação a qualquer coisa que ia para além de mim mas que seria o reconhecimento de uma boa coisa a alimentar, boa ideia, bom sentimento, bom projeto.

37.

Depois de tanto ardor, os meus dois objectos estavam definidos: ir aos EUA e fazer a discussão da tese, pois estava em vias de conseguir um empréstimo para tal. E eles continuavam a mandar bocas pela rádio, mas eu não me importava. E o lugar de professor ainda estava vacante...em Lisboa...

38.

O mais intrigante é que a filosofia é uma vontade de viver, não de morrer, uma preparação para a morte, como dizem alguns filósofos. É um reconhecimento da finitude do homem e, logo, condição para o caminho do homem bom, um pouco como a alegoria face à natureza (humana) de Jean-Jacques Rousseau. Assim, o filósofo pode ser alvo de atenção, admiração consideravelmente maior do que a dos

seus concidadãos, por isso caminha para a frente, como que caindo toda a vez que dá um passo, ou seja, em direcção à morte, porque o que não existe é a morte, mas sim a vida. Deste modo, a eternidade, o infinito, não é dado, mesmo após a morte, mas é fabricado ainda nesta vida, neste contexto, tal como os monges de Alcobaça, outrora, e os da Cartuxa ou do Carmelo de Braga hoje em dia, ou seja, a felicidade, que se equivale, a meu ver, tanto à sabedoria (advinda da experiência) e à eternidade, é uma construção, na índole que lhe dá Hermínio Martins no seu *Experimentum Mundi*, enquanto andamos entretidos às voltas com uma *Eternidade do Mundo* (Boécio de Dácia).

39.

Ambas me diziam que acordasse e procurasse trabalho, o que seria bastante difícil para mim, depois de anos sem trabalhar e afinal estava reformado. Trabalhar em quê? Sim, em quê? De modo que decidia descansar um pouco e esperar pela bolsa, beber uns copos e dar umas quecas, promover a minha obra, dar um tempo, fumar menos. Faltavam cinco dias para estar com Miriam, em minha casa, passeando pelo calçadão. Já lhe dissera que tinha TOC, ao que parece ela tinha também, mesmo, realmente, mas ela não desconfiava que eu tinha vencido a doença pela filosofia e podia ajudá-la...Estava assim entre três mulheres, que, nos dias filtradas, se resumiam a uma, talvez a mulher da minha vida. No fundo meu amor absoluto, sou feliz, profusa e profusamente feliz, não que domine o mundo mas um mundo, o meu, aquele que construía ao longo de anos e anos de padecências, entre as estrelas e o interior da terra. Talvez se repita tudo isto, talvez se repita a minha história na terra e não voe para os céus, pois não é preciso, talvez fique aqui cravado, neste território, e

seja visto por alguém que não conhecemos e que nem sequer saiba que existimos. Meu território é o teu corpo. Sim, eu estava passando mal, desde há longo tempo e o meu povo não estendia a mão para me ajudar, podia fingir-me de forte, como de facto a maior parte do tempo o fora, afinal a minha imagem não era assim tão, talvez estivesse sacrificando a minha vida por amor à literatura, coisa que sempre levei e conduzi como profissional, sim a esta volta cabia bem dar umas aulas, mas a coisa estava agreste, voltaria dali a dois dias para Lisboa, depois de uma discussão com o meu irmão, que vibrava sob a hipótese de ir de novo para um hospital, enquanto a minha irmã nada podia fazer a esse respeito. Aldeia triste, cidade triste, de ditadores e submissores masoquistas e de mulher que se deitava sob o seu chão. Aí, terei suplantado a maior parte dos escritores portugueses, dos filósofos, sociólogos e antropólogos portugueses, correndo bem por fora. Legitimação institucional? Talvez viesse, até pagava pra ver, mas mesmo que não viesse, tal como o trabalho, não me importava muito, pois trabalhara muito e sem compensação alguma.

Acordo a meio da noite. Julgo-me em Lisboa. Há silêncio, exterior a mim, na ribalta estão os outros, julgo. Discuto com o meu irmão e venho dormir. É meia noite. Tenho poroblemas de consciênncia, das coisas erradas que fiz, acerca do vislumbre que não tive. Volto para a cama e penso em tudo, nas minha coisas. Procuo sonhar e penso em Miriam. De um momento para o outro, não pedi mais nada, estava farto de pedir, sobretudo a mim mesmo e aos outros, de um momento para o outro apercebi-me que tinha a vida perfeita, longa das chatices, oportunidade para fazer as coisa que mais gostava, e screver muito, correr muito, ler um pouco. Acendi a lareira e estive, como ontem, junto dos meus, encostado a eles para sempre, enquanto pensav em Miriam e na sua falta de compromisso, eu haveria de insistir para ela ficar mais tempo comigo e ela decerto que aceitaria. Não, porque não era como as outras e depois de muitas inseguranças, estava confortavelmente debaixo de fogo, atreito ao que acontecia, atento, acordado. Olhava para mim e pensava, orgulhoso, estou quase realizado e estava verdadeiramente, tantas e tantas obras realizadas, tal como o meu pai com as casas, falava com o meu irmão e percebia que ele me compreendia, com o meu cunhado pouco, estava na maior parte do tempo com minhoquices na cabeça, desde o Entroncamento até Lisboa, mas lá se passava o tempo, mais uma noite sózinho e depois mais uma e a

história não acabava, não progredia para um cenário mais envolvente, mais acolhedor ainda, mais manifesto de uma certa forma de felicidade. Sim, talvez por estudar estas coisas do social a minha vida estava dependente dos outros. Sim, podia dizer que sim, mas não é assim com toda gente? Não dependemos todos uns dos outros, tal como elos de uma grande cadeia? Pensava em Miriam: seria grave o problema de saúde que dizia ter? Faria alguma diferença eu não ter um rendimento fixo? Mais solidão e sofrimento me esperava em Lisboa, no entanto eu estava de sobreaviso quanto a isso, há primeira partida partia para Nova Iorque e aí a minha perspectiva sobre a vida em geral e as coisas em particular podia mudar radicalmente. Sim, talvez eu tivesse, na medida de uma certa forma de capacidade, a qualidade de um *Homem com Qualidades*, a qualidade de mudar e alterar, no bom sentido, a realidade, alguns diziam apenas a meu favor, mas eu não aproveitava em grande forma essa janela para o real, não a aproveitava em meu favor totalmente, a não ser para continuar a viver, isso seria ser mais-do-que-americano, entre vozes, sibilinas e estridentes, clara ou obscuras. A voz que me dizia que era gay era insistente, mas eu lá continuava, sabia que não o era, mesmo que tivesse toda uma série de pensamentos obstrusos, era mais persistente que um pêro ou uma batata. Depois, tinha muito em que pensar, tinha quatro hipóteses de ser pai, uma resgatada do

passado, três de há pouco tempo. Eram também possibilidades de ter Sida, mas isso parecia não me preocupar. Ao mesmo tempo, o meu cunhado vinha jantar e mandava uma certa quantidade, mais ou menos vairável, de indiretas, como se ele é que fosse o bom, mas a isso eu já estava habituado, não gerava com ele alguma espécie de empatia ou mesmo simpatia. A minha irmã parecia querer controlar todos os meus movimentos à luz de vinte euros por dia, dinheiro que me permitia levar uma vida mais ou menos digna e enquanto eles, casados, me censuravam, de uma maneira ou de outra, querendo inclusivé trocar de casais, swing, termo técnico, eu dormia com esta ou aquela. O que é mais digno, o meu comportamento ou o comportamento deles? Isso é que eu estava para saber... Sim, a minha irmã soubera manipular-me muito bem ao longo de muitos anos, mas eu estava acordando, acordado depois de muitos anos... Sim, talvez a minha obra estivesse a chegar a um ponto de uma monstruosidade inaudita, porém, enquanto uns nela falavam, outros era indiferente e embora eu fosse o único (que soubesse) a promovê-la, o autor parecia ora chegar a um zénite de fama ora a um pono de perigosa descendência. Não percebia, parecia-me estar tudo descontrolado, ele dizia, era os chamados espertos, esquece-se que terá entrado nesta família com a minha permissão e atravava-se a mandar bocas, num dia e no outro outras como se quisessem que ele é que

era o bom, como se procurasse sempre aceitação para fazer as coisas. Frágeis argumentos, os dele e os de muitos! Enquanto isso, o casalinho delinquente continuava na sua casa, tendo perdido para sempre a confiança em nós. A minha mãe sabia alguma coisa e não me queria dizer, talvez pensasse que eu não fosse homem para assumir uma ou outra situação, bem como certas pessoas a respeito de outros assuntos, também não me dizia certas coisas porque pensavam que eu não podia arcar com uma ou outra situação Eu? Ainda por cima motivando-os e mantendo-os bem dispostos, era de bradar aos céus e o caso do meu amigo Victor, cujo sistema curto-circuitou em poucos dias, estava sempre presente. Nessa altura, eu evitava fumar e procurava descansar, pois muitas e muitas batalhas me esperavam. Sim, eu podia ter um filho, dois, três, o que seria bastante questionável. Que fazer nesta situação? A cabeça ardia-me nas frentes, nas fontes, por cima e dos lados e ninguém ousava ter uma conversa de jeito comigo, como se fosse uma criança, como a Cahva a minha irmã e Miriam... Não era de fugir? Quem faz os lugares são as pessoas e nesses onde se movia o meu corpo haviam muitas que nem ao menino Jesus interessavam... Mais para mais, eu seria incapaz de enganar um mulher, dizendo-lhe isto ou aquilo, mais ou menos esotérico para ela ficar comigo, talvez por isso estivesse ainda só, ou apenas tivesse Miriam para as ocasiões, sem compromisso, porque a

profissão que tinha não a exercia realmente, não tendo proventos alguns para pelo menos economicamente sustentar uma relação. Sim, talvez precisasse da presença de deuses na minha vida, a minha mãe continuava sofrendo, talvez a minha irmã sofresse também bastante, o meu pai e até o meu cunhado, não excluindo o meu irmão, que iria correr a Tripla Lêgua dali a umas horas. Sim, talvez precisasse. De repente, o lume acendeu-se e creio que não foi apenas por influência de uma corrente de oxigénio que trespassara a cela onde me encontrava, talvez tivesse sido Deus a passar por meio das minhas pernas e dando um ar de si, após tantos e tantos anos de costas voltadas a Ele. Por isso, ainda apenas em cuecas e sem meias, acendi um cigarrito e voltei para a cama fofa, tentando dormir alguma coisa até ao dia seguinte. Percebi que não conseguia dormir, para o fazer precisava que o computador permanecesse ligado, aceso, a arder, como as lâmpadas, mas se o desligasse não conseguia dormir, à mesma, se ele permanecesse aceso, ainda, levantar-me-ia uma e mais vezes sem conta até dormir, até não ter nada para dizer, escrevendo...

40.

Procuro lume para um cigarro, logo pela manhã. Está frio. O pc ficou ligado, continuo pensando, uns pensamentos atrás dos outros. Entrei num registo de um solipsiumo dolente, indolente, quase doloroso, Tomo um café. Não me apetece tomar banho. O pensamento está nas partes baixa, de trás. É o corpo a falar. Eu, no fundo, procurara sempre desviar-me do tiro moral dos outros, mas não estava disposto a abdicar do meu caminho, ainda que ele fosse bastante agreste, talvez caminhasse em nome e favor do outros, não estava sendo pecaminoso nem santo, apenas grassando num terreno que eu próprio ia criando à media que vivia, à medida que envelhecia, mesmo que a mão me chateasse a todo o tempo e que o pai implicasse por uma e outra coisa, chegara ao cerne do que é ser português, desordenado moralmente, fiel a princípios religiosos e, no fundo, estava a ponto de gostar de tudo isto, porque sabia que outra realidade, mesmo americana ou pós-americana, podia ser muito mais agreste, ainda que eu quisesse provar isso no terreno.

A esta altura, nem um incentivo, uma palavra de coragem, um entusiasmo por parte de outrem, como se tivesse fazendo uma actividade subversiva e que fosse de encontro aos interesses de muita gente. Como que, esta altura, podia fazer um balanço e terminar esta história, chegasse ou não às normalizadas cento e oitenta páginas. Se chegasse nos próximos dias, teria ainda cinco meses para um novo projectos, misto de “Rei de Lisboa” e “Demopolis. Saio de casa para mandar uma carta à minha irmã, esta história continua, passo no Metro por uma miúda gira, recentemente interessam-me as novinhas, quase *barely legal*, coloco a carta, regresso pelo mesmo caminho, nas escadas do metro passo de novo por ela, ele segue à minha frente, com calças de ganga e botas, faz-me lembrar uma cena erótica, sigo-a com o olhar, tem os seios redondos, bonitos, sigo-a, quase que a persigo, com o meu olhar e penso, “tenho a minha”, talvez o corpo dela seja absolutamente mais belo para mim... No princípio da tarde, estava em casa, seria isto ficção, ou realidade, sentia-me só, embora o sol estivesse esplendoroso, entrando pelos dois lado da casa com abertura. Iria mais dali a pouco ao aeroporto, ou até à Baixa, ou apenas ao Parque das Nações, mas estava com pouca vontade de fazer alguma coisa, talvez estivesse a procrastinar, bolando alguma, pensando em alguém, nas coisas da vida, coisas feitas e coisas a fazer. Procurava

de qualquer coisa de muito rebuscado para terminar esta história, faltariam poucas páginas, havia de sobreviver a um e seria quase já cinquenta e duas no cardápio, entretanto voltara a frequentar as aulas de doutoramento, meu fito era essencialmente dar aulas, fosse na clássica fosse na FCSH, por isso andava quase perdido de um lado para o outro, talvez dando bom exemplo a uns e outros, tinha saudades de Miriam, teria de esperar ainda quatro dias, evitava ver desenhos animados há duas semanas e a coisa corria bem, era um poço de paciência e sofrimento, mas assim tinha de ser até que viesse a discutir a tese, estava prestes a pedir um empréstimo para tal, longe estavam os dias das mulheres fáceis, eu agora estava para sair de casa, a meio da tarde, mas deixei-me estar, pairando como um *nosferatu* de uma lado para o outros, sem pés, ainda que com muito boas intenções, diga-se em abono da verdade, a minha verdade, a das coisas que ia fazendo e queria fazer.

41.

Toda a filosofia nasce de uma espécie de desculpa do Outro, de licença para escrever qualquer coisa que lhe diz respeito *ad mortem* e que ao sujeito-filósofo interessa, porque ele procura compreender o desenho do Tempo, seja no espaço seja nos homens. Por outro lado, a na antropologia suscita na realidade (mais ou menos social), uma história, uma etnografia. Só o poeta, o romancista, apreendem uma certa forma de ciência e isto não é confundir as coisas, entre realidade e ficção há transformação social e tudo o mais. Por isso, nasce mais um desafio, depois de um sem número de obras, *O Rei de Lisboa, Neblina*...

Tiveste sorte em entrar aqui, a tua antecedente disse que não tinha autorização para o fazer, vi logo que eras rabeta, com essa coisa da limpeza da água, ao do lado não foste e eu aqui, em vez de sair para me distrair, estou a ver televisão, para me abstrair, tentando terminar este relato eivado de filosofia, teoria social, poesia e literatura. Tiveste sorte ter-te deixado entrar em minha casa, sim, a amanhã hei-de sair, normalmente e ficar longo tempo, quase todo o dia, na rua. Hoje em dia poucos têm a

capacidade para estar calmos ante a realidade, nas tragédias sou conhecido por O Pastor e zelo escrupulosamente pelas minhas ovelhinhas... Sim, talvez venha um dia a ser professor de Filosofia, não no ensino secundário, mas no superior, devido a um extenso e profundo trabalho de reflexão e investigação sem o apoio de ninguém se não o meu crâneo, a minha mente fabulosa que é tão notável que tem o dom de não ser facilmente descortinada pelo observador...

Sim, tinha muitas coisas a fazer, desisti, pelo menos por um dia, de dar importância a Miriam ou outras, e concentrei-me nas leituras, tinha esse objectivo de ser professor, além do mais de Filosofia, provavelmente na Faculdade de Letras, com o tempo, haveria de conseguir, agora não me apetecia sair de casa, sairia amanhã, iria receber, estava farto de estar nas lonas, como um carro que tem os elásticos-plásticos dobrando pelo asfalto adiante, como forma de palmilho dos quilómetros de estrada...Estava entregue a mim próprio, sem favores, ao trabalho da escrita e do pensar, no entanto estava alheio de tudo, sobrevivendo, grassando, alheio a qualquer perturbação e sem pressas de vencer, pela primeira vez sem grandes pressas de vencer e ainda que me dificultassem a tarefa, dizendo que não havia feito o mestrado, tinha uma segurança bem grande, o mais difícil havia já feito, palmilhado os

caminhos invios da filosofia e de tipos de Lisboa e suas manhas, estava à distância e muito acima disso, era uma pessoa considerada, respeitada, nunca um miserável maltrapilho, porque talvez apenas com a minha escrita, não só havia tocado no céu para o puxar para baixo, como feito duas teses absolutamente brilhantes que eu próprio dei à luz não sendo mulher alguma...Sim, talvez com o enésimo livro viesse a descolar, deslocar de mim mesmo e viesse a entrar não no crime perfeito, mas na obra perfeita, ao fim de tanto tempo de exercício e inexatidão. Sim, o trabalho, coisa a que raramente fugi, cada vez mais difícil de realizar. Talvez como Professor de Filosofia na FCSH ou na Clássica. Houve um tempo em que o meu espírito confundido, se abateu sobre mim mesmo, não sabia o que fazer, mesmo assim, hoje em dia, os meus e os meus mais próximos continuam cobrando isso de mim e eu cobro de mim mesmo, vivo com poucos recursos e ainda assim faço filosofia, coisa que outros fazem com muito dinheiro, devidamente sentados nas suas cátedras. Não quero mandar no Mundo, apenas viver, viver intensamente, de mochila às costas, com tudo o que sou e represento, com tudo o que quero ser, sempre fazendo as mesmas coisas, desviando-me para me divertir, fazendo essas coisas divertidamente. A vida é para ser vivida, não atracada a nossa alma a certas doenças, sair desse lócus de intensidade mental e

aventurar-se, afinal, fora da caixa. Afinal, a felicidade, bem como a vida, sendo que a vida é já felicidade, mesmo que nos sintamos privados de júbilo e exaltação, é qualquer coisa que tem a ver com uma forma de gestão, gestão das variáveis e dos referenciais, por vezes morais, com que lidamos no dia-a-dia, através dos dias. É a forma com que fazemos isso que define a nossa atitude face à vida, face à felicidade, aos outros e aí se vêm os grandes homens e grandes mulheres, não apenas por fatores genéticos ou sociais, ambientais, mas por adequação às expectativas que nós próprios criámos ante o “susto do mundo”, ou seja, o que nos marcou em criança ou adolescente e que sempre nos acompanha na vida adulta, por mais resolvidos que estejamos enquanto pessoas, profissionais, amantes de um e de outro, da vida, do grupo ou da ideia de Bem em geral...

42.

No fundo, sem olharmos muito para trás, tudo se resume à infância, aos adultos que somos, às crianças que não queremos ser porque a sociedade mais ou menos espartana nos convida a ser, em nome da nossa própria autonomia e ao prolongamento do nosso Ser. Em criança, convivi com chineses, russos e africanos, os meus pais também. Hoje, uns anos depois, juntei-lhes os indianos e outros que mais, os ciganos sobretudo. O ramalhete está mais que pronto, faltar-me-ia viajar para concretizar na minha infância o sonho da criança enquanto antropólogo, título de um texto no *American Anthropologist* dos idos anos oitenta...